

DIÁLOGOS JUNGUIANOS

Vol. 2

2

Jungian Dialogues



caminhos
PATHWAYS

DIÁLOGOS JUNGUIANOS

Jungian Dialogues

Caminhos
Pathways



CONEXÕES
JUNGUIANAS
JUNGIAN CONNECTIONS

Volume 2 n° 2

jul / dez – 2017
jul / dec – 2017

ISSN 2448-2765



Capa/ Frontpage – Campos de vegetais, August Macke, 1911. Óleo sobre tela. *Vegetable fields*, August Macke, 1911. Oil on canvas

Projeto gráfico/ Graphic design – Rodrigo Franco

Impressão e tiragem/ This print– 1000 exemplares. 1000 copies



Bilingual publication

©2017 Conexões Junguianas.

Os conteúdos desta edição, exceto quando ressaltado, podem ser copiados, reproduzidos e distribuídos exclusivamente para fins não comerciais, desde que a autoria e o periódico sejam adequadamente citados. O uso de material com direitos autorais é de responsabilidade do autor, a quem cabe obter a autorização e pagar os valores cobrados. As opiniões e pontos de vista aqui expressos não refletem necessariamente o pensamento dos editores, dos membros do conselho editorial ou da Conexões Junguianas, nem significam seu endosso por parte destes.

©2017 Jungian Connections.

The contents of this edition, except when otherwise stated, may be copied, reproduced and distributed for noncommercial purposes provided the author and the journal are properly cited. The author is responsible for obtaining authorisation for use of any material that requires copyright permission and paying any fee that might be due. The opinions expressed herein do not necessarily reflect those of the editors, the editorial board or Jungian Connections or imply that they endorse them.

Diálogos Junguianos

Endereço para correspondência/ Mailing address

SCN Q2 Liberty Mall torre B sala 1023
CEP 70.712-903 - Brasília-DF – Brasil

dialogosjung@gmail.com

www.dialogosjunguianos.org

T.: +55 61 3031.9059
+55 61 4141.3151

Para a submissão de artigos, leia Instruções aos autores e utilize exclusivamente o endereço eletrônico.

For submission of articles, read Instructions to authors and only use the email address.

Conteúdo digital disponível em/ Digital content available at www.dialogosjunguianos.org

Distribuição/ Distribution: venda avulsa, permuta/ sale, exchange.

Preço do exemplar avulso/ price: R\$ 50,00 - US\$ 30.00

Diálogos Junguianos/Jungian Dialogues.
Vol. 2, n. 2 (2017).
Brasília: Conexões Junguianas, 2017,
periodicidade semestral
ISSN 2448-2765
1.Psicologia – periódico

CDD 150

Diálogos Junguianos

Editores

Emmanuel Fenelon S. Câmara
Susan Carol Albert

Editores Adjuntos

Paula Franco Esteves
Mário Batista Catelli

Colaboradores

Anna Suely Vieira
Elizabeth do Rocio Dipp Azevedo Gimael
Grayce Elizabeth Vilas Boas Pinto

Conselho Editorial

Ana Lúcia R. Pandini	Mackenzie
Antônio Tornich Júnior	SBPA
Arnaldo Alves da Motta	SBPA
Ermelinda Ganem Fernandes	UFSC
Gustavo Barcellos	AJB
Isabel Ferreira da Rosa Labriola	SBPA
Laura Villares de Freitas	USP/SBPA
Lúcia Azevedo	SBPA
Maria Aparecida Freitas de Vilhena	SBPA
Maria Helena R. M. Guerra	Sedes Sapientiae
Sylvia Mello Silva Baptista	SBPA
Victor Palomo	SBPA

Missão

Publicar trabalhos originais na área de Psicologia Analítica, com foco em clínica, teoria e em temas comuns à psicologia, arte, cultura e outras áreas do conhecimento.

Linha editorial

Diálogos Junguianos valoriza a natureza plural e diversificada de percepções, opiniões e pontos de vista, o respeito ao contraditório, a visão discordante, e a variedade e riqueza das expressões regionais, nacionais e globais.

Os autores são incentivados a enviar seu material para dialogosjung@gmail.com, em conformidade com as normas de publicação do periódico.

Os trabalhos deverão guardar estrita observância aos preceitos éticos e ético-profissionais e a revista se reserva o direito de não publicar artigos de temas não relevantes, discordantes à presente linha editorial ou de natureza sectária ou radical.

Diálogos Junguianos é uma publicação semestral de *Conexões Junguianas*, uma aliança de grupos de psicologia analítica sediados em diferentes pontos do Brasil. Sua finalidade é divulgar o pensamento junguiano e fomentar o diálogo entre analistas e profissionais de outras áreas do conhecimento, desenvolvendo reflexões criativas. Atualmente os grupos são sediados nas cidades brasileiras de Araraquara, Barueri, Botucatu, Brasília, Jundiá, Salvador e São José dos Campos. *Conexões Junguianas* promove o *ERANOIS*, um encontro anual de analistas.

Presidente: Maria Silvia C. Pessoa, PhD
Secretário-Geral: Susan Carol Albert
Secretário executivo: Marcelo Landim



CONEXÕES
JUNGUIANAS
JUNGAN CONNECTIONS



GPAB



Jungian Dialogues

Editors

Emmanoel Fenelon S. Câmara
Susan Carol Albert

Assistant Editors

Paula Franco Esteves
Mário Batista Catelli

Collaborators

Anna Suely Vieira
Elizabeth do Rocio Dipp Azevedo Gimaël
Grayce Elizabeth Vilas Boas Pinto

Editorial board

Ana Lúcia R. Pandini	Mackenzie
Antônio Tornich Júnior	SBrPA
Arnaldo Alves da Motta	SBrPA
Ermelinda Ganem Fernandes	UFSC
Gustavo Barcellos	AJB
Isabel Ferreira da Rosa Labriola	SBrPA
Laura Villares de Freitas	USP/SBPA
Lúcia Azevedo	SBrPA
Maria Aparecida Freitas de Vilhena	SBrPA
Maria Helena R. M. Guerra	Sedes Sapientiae
Sylvia Mello Silva Baptista	SBrPA
Victor Palomo	SBrPA

Mission

To publish original papers related to analytical psychology, focusing on clinical experience, theory and themes connected to psychology, art, culture and other areas of knowledge.

Editorial line

Jungian Dialogues values the diversified and plural nature of perceptions, opinions and points of view, respects differences, discordant views, and the variety and richness of regional, national and global expressions.

Authors are encouraged to send their manuscripts to dialogosjung@gmail.com, in accordance with the periodical's publication norms.

The manuscripts should strictly adhere to ethical and professional precepts and the journal reserves the right not to publish articles that are not relevant, discordant to this editorial line or considered sectarian or radical.

Jungian Dialogues is a six monthly publication by *Jungian Connections*, an alliance of groups dedicated to analytical psychology, located in different points of Brazil. Its purpose is to promote Jungian thought, and to encourage dialogue between analysts and professionals from other areas of knowledge, to develop creative thinking. The groups are based in the cities of Araraquara, Barueri, Botucatu, Brasília, Jundiaí, Salvador and São José dos Campos. *Jungian Connections* promotes *ERANOIS*, an annual meeting of analysts.

President: Maria Silvia C. Pessoa, PhD
General Secretary: Susan Carol Albert, M A
Executive secretary Marcelo Landim



CONEXÕES
JUNGUIANAS
JUNGAN CONNECTIONS



GPAB



Editorial

Diálogos Junguianos chega a seu terceiro número, procurando se aprimorar cada vez mais. Agradecemos as diversas contribuições recebidas e informamos que já estamos nos preparando para próximos desafios no ano que vem.

A presente edição, sucedendo a conexões e a encontros é intitulada caminhos, palavra que veio bem a calhar com os trabalhos que recebemos. Nos caminhos também da proposta original de Diálogos, neste número oferecemos artigos que guardam intersecção com política, religião e história.

Abrimos este número com Maria Helena Guerra fazendo um interessante paralelo entre trechos de um livro sagrado do Hinduísmo e a atual situação política nacional. Em seguida, Célia Brandão nos traz sua importante fala sobre identidade e herança. Na seção biografias, apresentamos a psiquiatra Nise da Silveira, pioneira na psicologia junguiana no Brasil. Depois, Mário Catelli nos traz um esclarecedor artigo sobre instinto e espírito, seguido por Maria Zélia Alvarenga que fecha este número com um sensível trabalho sobre o sentido da vida.

Esperamos que as propostas aqui apresentadas pelos autores possam ser fonte de inspiração para nossos leitores na realização de seus próprios caminhos de individuação.

Boa leitura!

Emmanuel Fenelon S. Câmara

Editorial

Jungian Dialogues reaches its third issue, hoping to improve more and more each time. We appreciate all the contributions we have received thus far and are preparing ourselves for the next challenges in the coming year.

The present edition, following connections and meetings is entitled pathways, a word that fits very well with the works we received. According to *Jungian Dialogues*' original proposal, this issue features articles that touch upon politics, religion and history.

We begin this issue with Maria Helena Guerra making an interesting parallel between excerpts from the sacred book of Hinduism and the current political situation in Brazil. Then, Célia Brandão brings us her important words on identity and inheritance. In the biographies section, we introduce psychiatrist Nise da Silveira, a pioneer in Jungian psychology in Brazil. Then Mário Catelli brings us an enlightening article about instinct and spirit, followed by Maria Zelia Alvarenga who closes this issue with a sensitive work on the meaning of life.

We hope that the proposals presented here serve as source of inspiration to our readers in their own pathways of individuation.

Emmanoel Fenelon S. Câmara

Artigos originais

Original articles

12 Brasil – revisitando alguns mitos
71 *Brazil – revisiting some myths*
Maria Helena Guerra

19 Identidade e herança: símbolos em conflito
78 *Identidade e herança: símbolos em conflito*
Célia Brandão

Biografia

Biography

30 Nise da Silveira – imagens do inconsciente
90 *Nise da Silveira – images of the unconscious*
Emmanuel Câmara

Artigos originais

Original articles

36 Instinto e espírito: de adversários a parceiros
96 *Instinct and spirit: from adversaries to partners*
Mario Catelli

49 O sentido da vida
109 *The meaning of life*
Maria Zélia de Alvarenga

56 Glossário essencial
115 *Essential glossary*

63 Dialogando
122 *In dialogue*

65 Agenda de eventos
124 *Calendar of events*

67 Instruções aos autores
126 *Instructions to authors*

Brasil - revisitando alguns mitos

Brazil - revisiting some myths

Maria Helena Mandacarú Guerra

Resumo

Este texto versa sobre alguns mitos que ilustram, segundo a perspectiva da autora, o momento que o Brasil está atravessando. Os temas míticos são aqui utilizados não apenas como apoio a uma reflexão, mas como uma proposta de enfrentamento da sombra coletiva que emergiu em nosso país. O texto afirma que a difícil resposta para nossa crise está na elaboração de nossa posição masoquista e de menos-valia enquanto povo, o que só será possível pelo fortalecimento da consciência no padrão de alteridade. Para tanto, os arquétipos matriarcal (que gere a satisfação de necessidades básicas) e patriarcal (que permite afirmar os direitos fundamentais) precisam ser reconhecidos e integrados à consciência coletiva.

Palavras-chave

sombra, Brasil, mito, arquétipo da alteridade, consciência coletiva.

Nós, brasileiros, passamos hoje por um período bastante conturbado, e temos visto exposta como nunca a sombra de nossa nação. Nossas tripas vieram para fora, revelando as mais sórdidas falcatruas, mentiras deslavadas, conchavos e esquemas montados, dignos de Al Capone. O pior da natureza humana foi e está sendo revelado a um povo estupefato e chocado. A polarização acirrada dos últimos meses cedeu lugar a um estarrecimento geral diante da desfaçatez com que autoridades desrespeitam princípios e pensam, em primeiro lugar e tão somente, em como salvar suas peles e bolsos. Com o humor que temos ainda nas piores situações, lemos que hoje não nos dividimos mais em coxinhas ou mortadelas. Viramos todos pamonhas.

Este solavanco político-econômico-financeiro criou um retrocesso enorme, contaminando especialmente a ética e a decência, e ferindo profundamente nossa capacidade de ter esperança. A psicopatia instalou-se sem cerimônia, despudoradamente, exibindo-se nas joias e nos milhões de dólares conseguidos na pilhagem do erário público. Princípios como verdade, ética e respeito foram atira-

dos no esgoto, de onde certamente surgiu o linguajar chulo de bandidos travestidos de políticos, envergonhando a nação e aviltando nosso senso de justiça.

Mas este não é um texto sobre política, tampouco sobre economia, e nem mesmo sobre as mazelas cujos efeitos recairão, como sempre, nos ombros e estômagos dos menos favorecidos. Na verdade, escrevo a partir deste descalabro em que estamos todos inseridos (a grande maioria, à revelia), mobilizada por esta vivência que, infelizmente, não é nova. Ela aparece de diversas formas, em diferentes culturas e épocas, em vários mitos. Assim, ao olhar para este circo de horrores, lembro-me de algumas passagens míticas.

O Hinduísmo fala em quatro grandes eras (*yugas*). Atualmente estaríamos vivendo na quarta, denominada *Kali Yuga*. Ao final desta era, quando a escuridão chegar a níveis intoleráveis, espera-se a chegada de Kalki, a décima encarnação de Vishnu, deus que, de acordo com o Hinduísmo, surge sempre que o mal impera e se torna insuportável.

Segundo Sukadeva Goswami, autor mítico do *Srimad Bhagavatam*, ou *Bhagavat Purana*, nesta era

somente a riqueza será considerada sinal de bom nascimento, comportamento adequado e boas qualidades. E a lei e a justiça serão aplicadas apenas com base no poder do indivíduo. Homens e mulheres viverão juntos por causa da mera atração superficial. O sucesso nos negócios dependerá de fraudes. A feminilidade e a masculinidade serão julgadas segundo a perícia sexual da pessoa. E um homem será conhecido como brâmane apenas por usar um cordão. Determinar-se-á a posição espiritual de alguém apenas em função de símbolos externos, e em base a este mesmo princípio as pessoas mudarão de uma ordem espiritual para outra. A dignidade do homem será seriamente questionada se ele não tiver um bom salário. E considerar-se-á um

Maria Helena Mandacarú Guerra

(Brasil) psicóloga, mestre em psicologia clínica pela USP. Professora do curso de especialização em Psicoterapia Junguiana e Abordagem Corporal desde 1982. Coeditora da revista *Jung e Corpo*. Autora de *O livro vermelho – drama de amor de C. G. Jung*.

Email:
mhrmgueerra@gmail.com

estudioso erudito quem for muito perito em malabarismo verbal. Alguém será julgado profano se não tiver dinheiro, e a hipocrisia será aceita como virtude. [...] Será considerado sagrado um lugar que consistir apenas de um reservatório d'água num local distante, e a beleza será julgada pelo penteado de cada um. Encher a barriga se tornará a meta da vida, e quem for audacioso será aceito como veraz. Aquele que conseguir manter a família será considerado hábil, e os princípios religiosos serão observados apenas por causa da reputação. Na medida em que a Terra se apinhar de população corrupta, quem quer que, dentre quaisquer das classes sociais, mostrar ser o mais forte obterá o poder político. Perdendo suas esposas e propriedades para tais governantes avarentos e desumanos, que não se comportarão melhor do que ladrões ordinários, os cidadãos fugirão para as montanhas e florestas. Atormentados pela fome e impostos excessivos, os homens recorrerão a folhas, raízes, carne, mel silvestre, frutas, flores e sementes para se alimentar. Atingidos pela seca, eles ficarão completamente arruinados. Os cidadãos sofrerão muito com o frio, vento, calor, chuva e neve. Serão atormentados ainda por desavenças, fome, sede, doença e severa ansiedade. [...] A maioria dos reis serão ladrões, a ocupação dos homens será o roubo, a mentira e a violência desnecessária [...]. (Canto 12, cap.2, versos 2 - 16)

Embora soe tão atual, este texto, estima-se, data de 800 a 1000 A.D. Uma leitura aprofundada dele, comparando-o à nossa realidade, é totalmente desnecessária, pois que é óbvia. Desejo apenas apontar a importância dos símbolos míticos e lembrar que algumas vezes eles indicam o caminho a ser seguido, mas podem também mostrar o descaminho, aquilo que levará à tragédia. E, neste caso, apenas o desenvolvimento da consciência poderá evitá-la.

Talvez um exemplo explique melhor o que quero dizer. Tomemos o mito de Ícaro. Ele foi aprisionado junto com seu pai, Dédalo, no famoso labirinto feito por este para abrigar o Minotauro. Engenhoso e criativo, Dédalo criou asas para si e para o filho, para que pudessem sair de lá. Ícaro foi avisado para não se aproximar muito do Sol, pois as asas estavam presas com cera e derreteriam com o calor. Em vão. O prazer de voar alto fez com que o imprudente e onipotente rapaz despencasse no mar e morresse. A não elaboração de sua verdadeira condição, de seu preparo, de seu limite, impôs a Ícaro a tragédia. E esta será repetida sempre que ultrapassarmos o *metron*, a justa medida. Só o desenvolvimento da consciência pode mudar este final. Sem ele, o desfecho inevitavelmente reproduzirá o do mito.

Como analistas, sabemos que a busca pela consciência é um trabalho árduo, propenso a regressões e ao insucesso. É necessário muito esforço, determinação, coragem, sensibilidade e persistência para seguirmos com relativo sucesso o caminho para desenvolvê-la. A cada etapa mal sucedida, a cada aprisionamento na sombra, regredimos ou, na melhor das hipóteses, estagnamos. Isto vale ainda com mais intensidade para a consciência coletiva, posto que é composta por milhões de pessoas, as quais facilmente incorporam e atuam o instinto de manada.

Assim, sempre que na consciência coletiva imperar a indiscriminação, quando um bem coletivo for equivalente à terra de ninguém, quando a solidariedade e o respeito ao próximo inexisterem, o comportamento coletivo será predominantemente irracional, impulsivo, regressivo, primário, tosco. A consciência, seja individual ou coletiva, será pouco desenvolvida; as reações instintivas manifestar-se-ão livremente; os impulsos primários serão expressos sem qualquer elaboração: estes são exemplos de situações existenciais em que os mitos trágicos e que revelam verdadeiros bloqueios no processo de desenvolvimento são atuados quase que literalmente na vida. Porque, se aqueles mitos que refletem modos básicos de funcionamento, maneiras *standard*, impulsivas, defensivas, de reagir diante da vida sem qualquer elaboração, forem seguidos à risca, sem a busca de transformação, o resultado a que se chegará será o mesmo encontrado neles.

Enquanto escrevo, não posso deixar de pensar no *Mahabharata*, épico hindu atribuído miticamente a Vyasa, em que é descrita a terrível batalha de Kurukshetra, travada entre primos. Dhritarashtra, o rei cego, era casado com Gandhari, que ao saber que seu futuro marido era cego, colocou uma venda nos olhos e recusou-se a tirá-la.

Como sabemos, os símbolos devem ser interpretados dentro de seu contexto e não há um significado único que os abarque. No caso da cegueira, em alguns casos é considerada uma porta para o conhecimento interior, levando até mesmo à sabedoria e à profecia. É o caso de Tirésias. No *Mahabharata*, no entanto, as cegueiras de Dhritarashtra e de Gandhari são predominantemente defensivas, simbolizando, dentre outros aspectos, a incapacidade para perceberem o mundo a seu redor (Guerra, 2003).

Seus cem filhos nasceram indiferenciados, como uma única massa de carne, e, apenas depois de divididos, colocados em vasos e molhados, surgem como pessoas. Cresceram sem serem vistos, física e emocionalmente, pelos pais, ausência deletéria para a formação da personalidade de qualquer criança. Desenvolve-

ram-se fixados na sombra e, em termos de caráter, são no mito os representantes do mal, da inveja defensiva, da soberba, da falta de compaixão, da ganância e do desejo de poder. Cegos, os pais não foram capazes de distinguir entre o caráter dos filhos, os Kauravas, e o dos sobrinhos, os cinco Pandavas.

Na medida em que foram crescendo, a diferença entre os Kauravas e os Pandavas foi se acentuando cada vez mais. Sendo filhos de diferentes divindades (Dharma, Indra, Vayu e dos Aswins, os deuses gêmeos), os Pandavas traziam em si os princípios da justiça, destacavam-se em tudo que faziam, além de serem generosos, fortes, viris, bondosos, belos, valentes e possuem toda uma série de atributos positivos.

Dentre outros relatos sobre a disputa pelo poder neste núcleo familiar, o *Mahabharata* possui uma passagem denominada *O Jogo de Dados*. Com os dados adulterados, a vitória dos Kauravas é garantida. Mas a trapaça não dura para sempre e, depois de amargarem alguns anos de exílio, os heróis Pandavas retornam e vencem a guerra. O preço é terrível – e esperemos não chegar a este extremo defensivo: a destruição do reino é absoluta.

Diante das circunstâncias atuais, impossível não pensar também na lenda do Graal, segundo a qual o ferimento do rei Amfortas gerou estagnação e paralisia em todo o reino. Atingir um governante, símbolo de todo o reino ou nação, implica atingir o todo que ele representa. O sofrimento de todos, o efeito da terra devastada, atinge os cidadãos comuns. No mito, o reino só se recuperaria se o rei fosse curado, e isto só poderia acontecer se o Graal, cálice que acolheu o sangue de Cristo na cruz, fosse encontrado e resgatado. Este feito é realizado por Parsival, o herói que supera sua ignorância e tolice iniciais e recupera o símbolo máximo de redenção. O Graal, trazido pelas mãos de Parsival, simboliza a possibilidade de a consciência conjugar opostos e funcionar predominantemente no padrão de alteridade.

A consciência estabelecida no padrão de alteridade é aquela que considera que os diferentes têm os mesmos direitos de expressão, que o mais rico não é melhor que o mais pobre, que o branco não é superior ao negro, nem o homem à mulher. É o padrão no qual a luz e a sombra são percebidas não apenas no ego ou no outro, mas em ambos. É no funcionamento de alteridade que se enraíza a democracia em seu sentido pleno, e no qual vigoram a solidariedade, a consideração pelo outro e a compaixão (Byington, 2008).

Voltando à nossa situação, estamos, como o rei Amfortas e seu reino, feridos. A sombra que atingiu o rei, nos atingiu. Lá, em virtude da sexualidade reprimida (Byington, 2015); aqui, pelo abuso de poder e ganância desmedidos. A sombra da democracia exibiu-se de corpo inteiro e desalmada: mentiras, corrupção, desfaçatez, conchavos, egoísmo, demagogia surgem aos borbotões. E ainda não apareceu no horizonte um Parsival para nos redimir – ou ele ainda não foi reconhecido como tal... Não quero com isto dizer que haverá um salvador para nos tirar do atoleiro, mas que o padrão de consciência simbolizado por Parsival precisará nos nortear doravante, sob pena de não aprendermos com as dificuldades e ficarmos, como povo, fixados em uma relação sadomasoquista com os governantes de sempre, dignos representantes do modelo (que deveria há muito estar em desuso) de capitâncias hereditárias.

Mas, para desenvolvermos o padrão de alteridade, precisamos ter bem estabelecidos os padrões matriarcal e patriarcal de consciência. Eles são imprescindíveis nesta situação, porque é o padrão matriarcal que gere a satisfação de necessidades básicas, como o comer, o morar, o cuidado básico consigo mesmo (saúde), a tranquilidade (segurança), o direito à vida. A abstração propiciada pelo padrão de consciência patriarcal permitirá às pessoas irem além destas funções e valorizar a presença de outras necessidades e direitos, como, por exemplo, o conhecimento, a educação, a ética, a cidadania, o respeito, o bom uso do dinheiro pago com impostos etc.

Como povo, necessitamos sair da posição sadomasoquista, o que será possível apenas com o desenvolvimento de nossa consciência e o conseqüente aumento de autoestima e reconhecimento de nosso valor e de nossos direitos. Nosso complexo de vira-lata precisa ser elaborado para que possamos ultrapassar nosso desprezo por nós mesmos enquanto povo. A abertura que temos para acolher o estrangeiro, nossa conhecida receptividade e afetividade, se por um lado podem ser bastante positivas, podem, por outro, esconder nossa sombra de menos-valia, expressa com frequência pelo deslumbramento frente àquilo que é importado, principalmente se for europeu ou norte-americano. Urge desenvolvermos um patriotismo criativo, em que a abertura para o outro – seja ele um estrangeiro ou um governante – não seja equivalente à submissão, à humilhação, mas pautada em respeito mútuo e reconhecimento dos direitos e deveres de *todas* as pessoas, independentemente de classe social, poder aquisitivo, cultura, idade, saúde, cor, sexo e religião.

Assim como Parsival redimiu o reino de Amfortas e Kalki é esperado pelos hindus para libertá-los da *Kali Yuga*, também nós, brasileiros, necessitamos buscar um caminho de esperança e salvação. Não um herói fabricado pela mídia, ou que nos seja imposto goela abaixo, mas alguém que possa, de fato, trazer uma nova consciência, na qual respeito, consideração, solidariedade, compaixão e ética estejam presentes não apenas em discursos, mas em atos.

Mudar a consciência coletiva é algo difícil e lento. Não acontece em poucas gerações. Mas com certeza já estamos saturados de governantes incapazes de ver além de seus interesses pessoais. Sem um modelo de governante idôneo, ético, justo, benevolente, respeitoso, honesto e compassivo, continuaremos, como povo, à deriva, submetidos a mandos e desmandos, a manipulações de toda ordem e ao impiedoso extermínio de crianças e jovens, mortos socialmente pela falta de cultura ou fisicamente, pela violência da fome ou das armas.

É urgente contribuirmos para a construção de uma consciência coletiva em que a consciência de alteridade predomine, em que o eu, o povo, seja tão importante e respeitado quanto o outro, os poderosos, e em que todos, sem exceção, tenham o mesmo direito à vida, ainda que isto pareça uma utopia e tudo que possamos fazer neste momento seja acrescentar uma pequena gota d'água limpa a um vasto mar de lama.

Recebido em 06 de agosto de 2017. Aprovado em 14 de setembro de 2017.

Referências

Byington, C. A. B. *Psicologia simbólica junguiana – A viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação*. São Paulo: Linear B, 2008.

_____. O arquétipo da alma, a sexualidade, o amor e a ferida de Amfortas. Uma interpretação da psicologia simbólica junguiana da lenda do Graal. *Junguiana*. 2015; 33/1:57-65.

Goswami, S. *Srimad Bhagavatam*. Disponível em <http://bhaktipedia-portugues.blogspot.com.br/2015/08/srimad-bhagavatam-completo-12-cantos.html> Acesso em 04 de agosto de 2017.

Guerra, M.H.R.M. *A cegueira de Gandhari*. Jung & Corpo. 2003; 3:103-III.

Vyasa. *El Mahabharata*. Barcelona: Edicomunicación, 1986.

Artigo original *Original article*

Identidade e Herança: símbolos em conflito

Identity and Heritage: conflicting symbols

Celia Brandão

Resumo

O presente artigo trata do tema da herança como elemento constitutivo da identidade. Toda herança se apresenta como possibilidade de continuidade de um ser finito e, paradoxalmente, é matéria a ser transformada na busca de identidade de todo indivíduo, cultura e sociedade. O conflito entre identidade e herança possibilita o resgate simbólico da memória individual e coletiva de um lado, e de outro, a fluidez dos laços. O princípio de equidade no direito à herança e a busca de diferenciação de todo humano permeiam o processo de individuação. Quando esse processo é afetado pela perda da conexão com fatos, memória, laços, pessoas que nos são também legatários, ocorre uma fissura em nossa identidade.

Palavras-chave

identidade, conflito, herança,
memória, cultura, sociedade

“Os que têm memória são capazes de viver no frágil momento presente. Os que não a têm, não vivem em nenhuma parte.” (Patricio Guzmán)

Entre os diversos desafios humanos da atualidade, figuram a busca por inclusão e a necessidade de afirmação de uma identidade própria diante de um mundo infinitamente plural. Somos convidados, diariamente, a restringir nossa identidade frente às dinâmicas políticas e sociais de nossa comunidade.

Freud inaugurou no século XIX (por meio da noção de inconsciente) a questão inicial sobre a autonomia relativa do sujeito. A preocupação naquele século era com o domínio necessário sobre os próprios instintos para uma melhor adaptação à vida social. Jung (1986) salientou a necessária superação da prepotência

Identidade e Herança: símbolos em conflito

do *ego* em ser o guardião da psique e da identidade do sujeito frente às demandas do Self. Vivem atreladas liberdade e responsabilidade. A responsabilidade exclusiva do *ego* é estendida no processo de individuação à lei natural de transformação do espírito humano.

Entende-se, aqui, a identidade como sendo móvel (Hall, 1992), o que resulta em uma prática da cidadania, não como mera obediência e adaptação à lei, mas sim como exercício ético e político de cada um na tarefa de individuar-se, transformando também o seu entorno.

Psicólogos e analistas ainda se perguntam sobre a liberdade relativa do sujeito ao construir um sentido de identidade. Ao tema da identidade pessoal se atrela o conflito entre equidade e diferença. A tensão apontada se dá historicamente entre duas concepções de liberdade contrárias: uma negativa, que remete à manifestação das diferenças no âmbito privado, e outra positiva, que diz respeito à afirmação da identidade no domínio público. Em suma, a liberdade negativa referia-se classicamente à liberdade de ação em foro privado, enquanto a positiva se referia ao sujeito coletivo, ou seja, “a liberdade de um povo à autodeterminação” (Martuccelli, 1996, p. 21).

Na modernidade, emerge a ideia de autodeterminação de um indivíduo que é também membro de um grupo, portanto, a possibilidade de autonomia do sujeito dentro da comunidade. A liberdade de ação em um foro privado se articula junto a um desejo de afirmação identitária na cena social. “Ao primado da 'vontade geral' enquanto essência do político, sucede o primado da política da autenticidade” (Martuccelli, 1996, p. 22).

A tensão entre o desejo de afirmação identitária no nível privado e o desejo de pertencimento e de igualdade no domínio público definem a “contradição da dinâmica identitária” (Martuccelli, 1996, p. 22), que se manifesta como conflito ético, dado que hoje entendemos não haver herdado um siste-

Celia Brandão

(Brasil) é psicóloga, formada pela Universidade de São Paulo em 1975. Analista membro da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica - SBPA e da International Association for Analytical Psychology - IAAP desde 1993. Foi diretora de ensino da SBPA. Hoje é Diretora de Ensino do Comitê Latino-Americano de Psicologia Analítica - CLAPA e membro da Comissão Científica do CLAPJ no Brasil. Atende em consultório como analista individual, de casal, de família e mediadora de conflitos. Tem vários artigos e livros publicados em coautoria. Tem se dedicado há muitos anos ao trabalho com a conjugalidade e violência na família.

Email:

celiabrandpsi@gmail.com

ma pronto, seja ele ético, jurídico, político, ou uma ideia única sobre o bem, a justiça ou a comunidade.

Tornar-se um sujeito e encontrar uma identidade singular envolve não só um saber, como também uma decisão ou escolha. Essa decisão inclui a presença “do outro em mim”, através de uma “reprodução identificante” (Derrida & Roudinesco, 2004, p. 70-71) que garante a construção de uma cultura. Com os progressos da ciência, da reprodução assistida especialmente, surgem novos tipos de parentesco e de filiação, assim como de família e comunidade. Constituem-se novos espaços e referenciais de escolha, levando-se em conta os valores individuais e a responsabilidade social no processo de formação de identidade.

Segundo Mattei, mesmo na condição de herança biológica proposta pela técnica de clonagem, pode-se reproduzir uma fisionomia ou anatomia, porém, não “uma memória, as emoções ou uma consciência” (2004, p. 241). Portanto, a herança psíquica se constrói levando-se em conta as escolhas do sujeito dentro de uma cultura. Diz o autor: “Acredito muito mais na liberdade do que no determinismo, assim como na humanidade do homem que não se inscreve nas moléculas de DNA” (Mattei, p. 242).

Fronteiras da identidade e herança

Apesar de vivermos em um mundo plural, ou nas palavras de Mia Couto (2013), em um universo que é “pluriverso” ou “multiverso”, buscamos modelos compatíveis com o estado de guerra para estabelecermos fronteiras de nossa identidade, modelos estes, focados no que nos separa do outro e não no que nos une. São fronteiras construídas como defesa contra a diferença, o que na verdade, reflete uma dissociação da consciência coletiva e um mal-estar social. A ênfase na identidade biológica e o abandono do cuidado com os laços sociais denunciam atitude defensiva frente à diversidade. Grupos e comunidades se fecham em torno de si mesmos ou de um ideário, como ilusão de garantia de sua identidade. Aprendemos a demarcar-nos do Outro e do Estranho como se fossem ameaças à nossa integridade, mesmo que ninguém saiba em que consiste essa integridade (Couto, 2013, p. 197).

As fronteiras estanques do pensamento enfatizam a necessidade egoica de não contradição e, assim, são negados os aspectos sombrios de nossas convicções.

A intimidade quando reduzida a mera semelhança ou identificação deixa de ser relacionamento, troca, mergulho no outro, para transformar-se em fusão com uma ideia e negação do diferente e do estranho.

Se negamos nossa herança ancestral ou se, ao contrário, fundimos o sujeito à história de seus antepassados, buscando certezas e afastando o conflito, deixamos de cumprir a dupla injunção de quem herda: de um lado de aceitar a herança e de outro de nos comportarmos como sujeitos livres frente a ela, de forma criativa.

Toda desconstrução, como parte do processo identitário, deve considerar o fio, a fronteira, mesmo que tênue, que nos separa do outro e cuidar para não condenar à morte a diferença. Acrescento que esse mesmo fio que nos separa é a ponte que nos assemelha. Somos herdeiros porque somos seres finitos e a herança é o que clama por vida, na medida em que reivindica uma ação crítica e transformadora para fazer história. Essa ação crítica ressignifica a dimensão psíquica da herança que nos conecta ao passado e possibilita o presente.

Quando um valor coletivo é ameaçado e não há tolerância às diferenças, torna-se necessária a busca de um significado que inclua as contradições, como heterogeneidade e complexidade. Se tememos perder o que nos faz sentir incluídos ou reconhecidos dentro do grupo, deixamos de nos comportar como construtores responsáveis da própria herança e identidade. No entanto, diferenças não são simples oposições, representam, em verdade, uma “referência à alteridade, a uma heterogeneidade que não é primordialmente oposicional” (Derrida & Roudinesco, 2004, p. 34).

É necessário ser infiel à herança, ato que, paradoxalmente, nos torna responsáveis frente a ela, nos autoriza a agir e falar a partir do que nos afeta, nos rapta emocionalmente, nos causa conflito.

Ademais, nossa identidade é mais do que um grupo profissional, uma nacionalidade, uma raça, uma religião, uma origem familiar, um gênero. Ela implica uma noção de liberdade que comungue direitos individuais, justiça social e responsabilidade política. Essa noção de liberdade inclui a diversidade, ou seja, a igualdade de oportunidades levando-se em conta também as diferenças dentro de uma comunidade.

Dubar (1998) aponta dois modos de se abordar a questão da identidade. Um modo que considera a identificação psíquica como precedendo a categorização social,

e outro em que as identidades individuais se reduzem a identificações subjetivas com papéis ocupados pelo sujeito nos quadros sociais.

A perspectiva de análise que enfatiza a tensão entre identificação psíquica e categorização social deve também considerar os afetos e as significações que fundam o sujeito.

O que não pode ser calculado ou definido a priori é a função do afeto em nossas escolhas, que envolve um outro e a função mediadora do símbolo. “O outro, a chegada do outro é sempre incalculável” (Derrida & Roudinesco, 2004, p. 75).

As fronteiras entre identidade e herança tornam o herdeiro triplamente endividado: por um passado, por sua origem e por um futuro do qual terá apenas *flashes*. Destino, mancha ancestral, memória, reedição, ferida transgeracional *versus* liberdade relativa de autoconstrução expressam o conflito simbólico entre identidade e herança.

A obra poética de Mia Couto traz sua ligação com sua origem, sua raiz moçambicana, e as contradições vividas entre a ligação do africano com a terra e a natureza de um lado e as mudanças sociais impostas por um período de colonização europeia. O resgate dos significados após o período colonial são também vividos pelo poeta. Mia Couto (2014) relata que o escrever poesia lhe é também um caminho de resgate de identidade. Como aponta Tatiana Caldas (2015), está presente na obra do poeta “o diálogo, e não o confronto, entre tradição e modernidade” no que virá a constituir a identidade híbrida do moçambicano pós período colonial. A tarefa que se impõe ao ser africano é, de um lado, o resgate de sua ancestralidade e, de outro, “[...] levar em conta a influência étnica, social e cultural da colonização” (Caldas, T, s/d., p.19). Cito o poeta Mia Couto:

Identidade

Preciso ser um outro
para ser eu mesmo
Sou grão de rocha
Sou vento que a desgasta
Sou pólen sem insecto

Sou areia sustentando
o sexo das árvores
Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro
No mundo que combato, morro
No mundo por que luto, nasço.”

Abrange-se aqui uma dupla injunção do sujeito: a de receber e a de transformar o legado para a construção de sua identidade. O vínculo afetivo com a herança busca reações. Quando esse processo é interrompido pela perda imposta da conexão com fatos, memória, laços, pessoas que nos são também legatários, ocorre uma fissura em nossa identidade. No poema cutiano, morte e renascimento estão enlaçados: *no mundo que combato morro/ no mundo que luto, nasço*. Não há uma separação entre o eu e a alteridade: *Preciso ser um outro para ser eu mesmo*. Passado e futuro se entrelaçam na constituição da identidade que está também onde não habita a consciência, no não saber. Referindo-se à guerra por libertação de Moçambique no início da década de 1990 no prefácio do livro *Estórias Abençoadas*:

Depois da guerra, pensava eu, restavam apenas cinzas, destroços sem íntimo. Tudo pesando, definitivo e sem reparo. Hoje eu sei que não é verdade. Onde restou o homem sobreviveu semente, sonho a engravidar o tempo. Esse sonho se ocultou no mais inacessível de nós, lá onde a violência não podia golpear, lá onde a barbárie não tinha acesso (Couto, 2012, p. 12).

O mito fundador da psicanálise é Édipo, que, respondendo às angústias de uma sociedade de dinâmica predominantemente patriarcal, propunha uma ordem à estrutura da herança baseada no princípio hierárquico do pai ou fundador como representante da lei. Segundo Jorge Forbes (2005), temos aqui a presença do outro como autoridade e como único agente do reconhecimento da identidade.

Entendemos que na tragédia de Sófocles, Édipo protagoniza a busca humana por conhecer a própria origem e traz a dimensão trágica da existência de não se poder escapar da própria história. O mais chocante de Édipo “é a insistente e perturbadora declaração feita pela peça de que é no exato momento em que você pensa

que sabe de onde vem que está mais predisposto a enganar-se a si mesmo” (Goldhill, 2007, p. 275).

Toda herança é também uma construção simbólica do sujeito. Proponho aqui três situações simbólicas do processo de busca da identidade do ponto de vista da herança: um estado de fusão da consciência com a herança arquetípica inconsciente, uma outra situação simbólica em que predomina a identificação com os anseios e temores de um outro, eleito como porta-voz da herança; e um terceiro momento em que a alteridade é integrada à consciência como significado e parte do Self. Essas situações da consciência podem ocorrer de maneira dinâmica, como momentos de um rito de passagem, em busca de uma identidade que se traduza em ação e em novos significados.

Um herdeiro não é apenas alguém que recebe, é alguém que escolhe, e que se empenha em decidir [...] A afirmação do herdeiro consiste naturalmente na sua interpretação, em escolher. Ele discerne de maneira crítica, ele diferencia, e é isso o que explica a mobilidade das alianças (Derrida & Roudinesco, 2004, p. 17).

A construção da identidade e da herança

A herança sem escolha, sem possibilidade de transformação, é um aprisionamento da alma. Essa é a condição da construção da identidade em ambientes opressivos ou omissos, onde o sujeito perde a sua condição de agente do próprio destino porque não há espaço para as diferenças e para a igualdade de oportunidades. Nesse contexto, tampouco há espaço ético para o exercício da alteridade, ou seja, para se construir pontes entre as diferenças.

O atendimento em análise a pacientes que foram vítimas de abuso de poder, como, por exemplo, os que foram privados de seu território original e do reconhecimento de sua origem étnica, demonstra o vazio existencial deixado pela privação do direito à herança, que é também um golpe mortal à dignidade e à identidade.

A impossibilidade da herança psíquica individual e coletiva é uma ferida dos que se veem apartados do direito à memória. Quem sou eu? Quem são meus pais? De onde venho? Onde estão minha terra, minha casa e os lugares que contam minha história?

Herança ancestral e identidade pessoal estão atreladas. Mas não se superpõem. O fator psicológico presente na memória ancestral, no Anthropos, núcleo arquetípico do ser humano, está presente no patrimônio mítico, espiritual e nos símbolos de uma cultura. A identidade pessoal está ligada arquetipicamente à memória dos antepassados, presente também em nossos mitos fundadores, trate-se de um grupo étnico, um grupo familiar ou do sujeito individual. Só a partir de um mergulho simbólico na história, individual e coletiva, resgatamos o que há de essencial em nossa natureza. É crucial o resgate da memória: dos segredos, das lacunas, dos cadáveres que foram escondidos, das mentiras que foram contadas, dos elementos míticos de religião com a própria história. Segundo Gambini, “mesmo que as condições materiais da vida se mantenham relativamente preservadas, um grupo desaparece enquanto tal se sua dimensão mitológica for destruída” (2000, p. 147).

Assim também se dá com cada indivíduo. A busca da origem, de um ponto de partida, é um movimento natural da psique, que nos lança como seres finitos e herdeiros de uma história que precede nossa tarefa de transformar o presente e participar da construção de uma identidade futura.

No Chile, a três mil metros de altitude, astrônomos do mundo todo se reúnem no deserto do Atacama para observar as estrelas, posto que a transparência do céu é tal que permite observar até os confins do universo. É também um lugar onde a *secura do solo* conserva intactos os restos humanos: os das múmias, dos exploradores e dos mineradores, mas também, os ossos de presos políticos da ditadura. Embora os astrônomos examinem as galáxias mais distantes em busca de uma provável vida extraterrestre, ao pé dos observadores, um grupo de mulheres remove as pedras, à procura de seus parentes desaparecidos (Guzmán, 2010).

O documentário *Nostalgia da Luz* cria uma poderosa alegoria da herança e da memória, retratando a busca de famílias chilenas que perderam seus entes queridos, assassinados durante a ditadura militar de Pinochet. O encontro com os restos mortais de um ente familiar é também o encontro com a própria história, e, para alguns, a razão de persistir vivendo. Arqueologia e astronomia imergem no deserto do Atacama em busca de *origem*. Essa jornada ativa a memória arquetípica, seja em “nível etnológico, sob a forma de mitos” (Jung, 2003, § 137), ou no indivíduo propriamente, na forma de fantasias e imagens. O elemento que separa o astrônomo que estuda a galáxia no deserto e possíveis formas de vida em outros

planetas, do indivíduo enlutado que busca os restos mortais de um ente querido desaparecido no Atacama, é a natureza dos laços emocionais e da memória que os ligam às suas respectivas missões, dado que, no último caso, a busca de resgate da origem foi desencadeada por um fato traumático, o desaparecimento de um ente querido. A reparação de uma perda, de uma falta e de um significado para seguir vivendo dominam a consciência do enlutado que foi arbitrariamente privado de enterrar seu morto. Porém, em ambas situações, identidade e alteridade aparecem em sua necessária vinculação.

Mulheres chilenas estão imersas nesse deserto de areia, buscando seus familiares. Buscam a identidade nos restos mortais de entes queridos assassinados, caminhando com delicadeza (como pode ser visto no documentário de Guzmán) para não ferir algum resto mortal de sua herança. Toda herança psíquica implica um resgate da memória individual e coletiva. A nostalgia por uma imagem ou valor ancestral deverá ser agora atrelada a um ato da consciência que lhe conferirá um novo sentido. Resgatar a memória nos consolida como herdeiros de uma história, sem a qual perdemos nosso sentido de identidade, dando voz ao que foi silenciado no passado. Reescrever essa mesma memória é um ato político. Do presente temos apenas pequenos instantes. E o futuro é imprevisível.

Só um ser finito herda, e sua finitude o obriga a isso. Obriga-o a receber o que é maior, mais antigo, mais poderoso e mais duradouro que ele. Mas a mesma finitude obriga a escolher, a preferir, a sacrificar, a excluir, a deixar de lado (Derrida & Roudinesco, 2004, p. 14).

O presente trabalho teve também como motivação a observação de conflito de identidade da geração que nasceu no Brasil entre 1980 e 1990, confrontada com a tarefa de traçar objetivos e fazer escolhas. O conflito entre tradição e modernidade está presente.

Supõe-se uma prática de relacionamento com a herança como fonte de desesperança e, conseqüentemente, uma tendência a negá-la e a permanecer em uma espécie de identidade virtual idealizada na qual as expectativas são altas. Algo semelhante à dinâmica do super-herói que paira acima dos limites e falhas humanos, da própria história e magicamente os tenta superar. No entanto, como todo homem-aranha tem que se aterrar, de tempos em tempos, vem o sentimento de insatisfação e, finalmente, a depressão.

De outro lado, a falta de segurança contemporânea em relação ao futuro também se acompanha de um desejo nostálgico de retorno às raízes e de resgate de referências que legitimavam a identidade individual dos antepassados.

Quando predomina o medo e a insegurança, ritos e valores da consciência coletiva podem ser incorporados como garantias de identidade, em uma condição quase mimética, num processo em que a individualidade se rende à coletividade como ocorre em regimes opressivos.

Nesse contexto, o apego à mera tradição como garantia de harmonia e de identidade já não se apresenta como alternativa frente à demanda por novos paradigmas, restando, ao fim, uma única saída: o resgate da herança, ainda que para sua possível, e igualmente necessária, transgressão.

Daí a ideia de que a melhor maneira de ser fiel a uma herança é ser-lhe infiel, isto é, não recebê-la à letra, como uma totalidade, mas antes surpreender suas falhas, captar “seu momento dogmático” (Derrida & Roudinesco, 2004, p. 11).

Recebido em 06 de junho de 2017. Aprovado em 15 de agosto de 2017.

Referências

Brandão, C. Identidade e Sucessão: Interface da psicologia com as empresas familiares. In: Empresas familiares: Uma visão interdisciplinar. Coord. Roberta Nioac Prado. Cap. 5. São Paulo: Noeses, 2015.

Caldas, S. A. T. A Autorreflexividade em Mia Couto. Cadernos do CNLF, 2012, Rio de Janeiro, Vol. XVI, Nº 04, t. 1 – Anais do XVI CNLF, p. 17-29. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/001.pdf. Acessado em 22 de abril de 2015

Couto, M. Fronteiras do pensamento: depoimento. São Paulo, 2014. Depoimento concedido ao projeto Fronteiras do Pensamento.

_____. Repensar o pensamento, redesenhando fronteiras. In: Machado, C. E. (org) Pensar a Cultura. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

_____. Raiz de orvalho e outros poemas. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

_____. *Estórias Abensonhadas*. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.

Derrida, J. Roudinesco, E. *De que amanhã: Diálogo*. Tradução de André Telles, revisão técnica Antonio Carlos dos Santos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

Dubar, C. Trajetórias e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. *Revista Educação & Sociedade*. 1998; 19 (62): 13-30.

Forbes, J. *Você quer o que você deseja?* Rio de Janeiro: Editora Best Seller Ltda, 2005.

Gambini, R. *Espelho índio: a formação da alma brasileira*. São Paulo: Axis Mundi, Terceiro Nome, 2000.

Hall, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: RDP&A, 1992.

Guzmán, P. *Se hacen mejores negocios cuando la memoria está resuelta*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ZJp6kcPK7-E> . Acessado em 20 de março de 2015.

Jung, C.G. *Os Arquétipos e o inconsciente coletivo*. OC, vol IX/1, Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Símbolos da Transformação*. OC, vol.V, Petrópolis: Vozes, 1986.

Martuccelli, D. *As contradições políticas do multiculturalismo*. *Rev. Brasileira de Educação*. 1996; 5 (2) 18-32.

Sinopse Nostalgia de la luz (Nostalgia for the light). In Festival de Cannes. Disponível em: <http://www.festival-cannes.com/pt/archives/ficheFilm/id/11018351/year/2010>. Acessado em 20 de março de 2015.

Nise da Silveira

imagens do inconsciente

Nise da Silveira - Images of the Unconscious

Emmanuel Fenelon S. Câmara

Resumo

breve biografia de Nise da Silveira (1905-1999), psiquiatra brasileira que desenvolveu abordagens expressivas com pintura junto a doentes psicóticos crônicos em instituição asilar, promovendo melhora clínica e revelando artistas reais. Teve por base teórica a psicologia junguiana, da qual é considerada a introdutora no Brasil. Criou o *Museu de Imagens do Inconsciente*

Palavras-chave

psicótico, imagem, arte, museu do inconsciente, humanização do tratamento

Nise da Silveira nasceu em 15 de fevereiro de 1905, em Maceió. Filha única, seu pai, Faustino Magalhães da Silveira, era professor de matemática e sua mãe, Maria Lydia da Silveira, exímia pianista. Ele gostava de literatura e colaborava em um jornal fazendo oposição à oligarquia estadual. Sua mãe também gostava de leitura e promovia saraus em casa. Sem habilidades para o piano, muito estudiosa, sob a influência de alunos de seu pai, ela ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, aos 16 anos. Era a única mulher de uma turma de 157 alunos.

Formou-se em 1926, com a tese intitulada *Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil* e em seguida se casou com o sanitarista Mário Magalhães da Silveira (1905-1986), que fora seu colega de turma e com quem permaneceria casada até a morte deste. O casal decidira não ter filhos. Pouco tempo após sua formatura, seu pai faleceu subitamente e Nise se mudou para a capital, o Rio de Janeiro (1927).

Nos anos 30, de muita efervescência política e cultural, ela participou da *União Feminina Brasileira*, leu Marx, frequentou reuniões do Partido Comunista Brasileiro e assinou o *Manifesto dos trabalhadores intelectuais ao povo brasileiro*. Foi no entanto expulsa do partido, sob a acusação de trotskismo.

Em 1933 foi aprovada em concurso público e designada para trabalhar no *Serviço de Assistência a Psicopatas e Profilaxia*, conhecido como Hospital da Praia Vermelha, então superlotado e decadente e onde Nise chegou a residir.

Em março de 1936, no rastro repressor à fracassada Intentona Comunista de 1935, Nise foi denunciada por uma enfermeira de portar literatura *subversiva*. Ela foi presa no próprio local de trabalho e levada para o presídio da Frei Caneca (hoje inexistente). Ali dividiu a cela com outras presas políticas, como Olga Prestes, esposa do líder comunista Luiz Carlos Prestes e Elisa Berger, esposa do ativista Harry Berger, a qual era regularmente torturada. Convivendo com os presos, Nise observou os artifícios e subterfúgios que desenvolviam para suportar o cotidiano atroz de sofrimento e ociosidade que a cadeia impunha. Graciliano Ramos, também ali preso, encontrou-se com Nise:

Noutro lugar o encontro me daria prazer. O que senti foi surpresa, lamentei ver a minha conterrânea fora do mundo, longe da profissão, do hospital, dos seus queridos loucos. Sabia-a culta e boa, Rachel de Queiroz me afirmara a grandeza moral daquela pessoinha tímida, sempre a esquivar-se, a reduzir-se, como a escusar-se de tomar espaço. Nunca me havia aparecido criatura mais simpática (Ramos, 2011, p. 105).

Liberada em junho de 1937, foi no entanto afastada do serviço público, por motivos políticos. Em novembro, teve início o regime de exceção do Estado Novo. Por sete anos Nise se dedicou à leitura, em especial de Espinoza e, sob ameaça real de nova prisão, viajou pelo Nordeste, seguindo para Manaus, ao encontro de seu marido.

Em abril de 1944 ela foi reintegrada ao serviço público e designada para trabalhar no *Centro Psiquiátrico Nacional*, depois Hospital Pedro II, o primeiro hospital psiquiátrico do Brasil, no bairro do Engenho de Dentro, Rio de Janeiro. Desde que ali

Emmanuel Fenelon S. Câmara

(Brasil), psiquiatra, analista membro da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica – SBPA e da International Association for Analytical Psychology – IAAP.

Email:

fcamara@terra.com.br

chegou, se recusou a aplicar os tratamentos então em voga (eletrochoque, choque insulínico, choque cardiazólico) e se opunha ao uso da camisa de força e ao isolamento. Foi então designada para o Setor de Terapia Ocupacional e Reabilitação, o qual, na época, era desprestigiado e conduzido por “serventes”, que na prática apenas supervisionavam internos que executavam tarefas de faxina e levavam roupa suja à lavanderia.

Nise acreditava que a afetividade dos psicóticos crônicos, a maioria deles com muitos anos de internação, em mutismo, continuava viva e que eles poderiam encontrar nas imagens um meio de se expressar e de elaborar seus conteúdos psíquicos. Criou assim, em 1946, um ateliê onde eles poderiam pintar, sem modelos, sem que nada lhes fosse sugerido e sem a intervenção de terceiros. Ela queria também que o ambiente fosse acolhedor, não hostil, inspirando sentimentos de liberdade. Não apenas pintura, mas também seriam desenvolvidas atividades de modelagem, teatro, música e oficina de encadernação. Introduziu também cães e gatos, com os quais os internos poderiam ter contato e desenvolver vínculo, o que às vezes levou a reações surpreendentes. Ela considerava os animais verdadeiros coterapeutas. De compleição corporal pequena, olhar expressivo, a combativa médica não se inibiu frente às resistências às suas inovações.

Já em 1947, foi realizada uma primeira exposição dos trabalhos dos internos, no Ministério da Educação, com inesperada repercussão positiva por parte de importantes críticos de arte. Em 1949, foi feita uma segunda, no grande salão do Museu de Arte Moderna em São Paulo. Dizia o respeitado crítico Mário Pedrosa:

Os artistas do Engenho de Dentro superam qualquer respeito a convenções acadêmicas estabelecidas e quaisquer rotinas da visão naturalista e fotográfica. Em nenhum deles as receitas da escola são levadas em consideração (Pedrosa in Enciclopédia Itaú, 2017).

As atividades não apenas produziam obras de arte, mas repercutiam na melhora clínica dos pacientes, muitos dos quais passavam a se expressar melhor, na melhora do pragmatismo e na redução do número de crises.

Com um grande volume de obras, e a receptividade positiva da sociedade, foi inaugurado em 1952 o *Museu de Imagens do Inconsciente*, que conta hoje com mais de 360 mil obras – a maior coleção do mundo no gênero – um terço das quais tombadas pelo Patrimônio Artístico Nacional.

Tendo também estudado outros autores (Kraepelin, Bleuler, Kurt Schneider, Freud), foi em Jung que Nise encontrou a melhor base para estudar as produções de seus internos: “O mais importante acontecimento ocorrido nas minhas buscas de curiosa dos dinamismos da psique foi o encontro com a psicologia junguiana” (Silveira, 1981, p.11). Ao observar uma frequência elevada de mandalas na produção dos internos, Nise em 1954 escreveu uma carta ao próprio Jung, na qual anexou fotos delas, indagando sobre seu significado. O mestre suíço se mostrou muito interessado, pediu para ficar com as fotos e teve início uma curta porém produtiva correspondência entre ambos.

Em 1956, Nise da Silveira fundou, na Tijuca, a *Casa das Palmeiras*, com o propósito de prestar atendimento diário a doentes psiquiátricos sem regime de internação ou restrição de liberdade, verdadeira precursora das unidades de atendimento aberto de hoje em dia.

Em 1957 ela foi para Zurich, com bolsa de estudos, a convite de Jung (estudaria lá em 1957/58 e 1961/62), sob orientação de Marie-Louise von Franz. Em junho daquele ano foi recebida por Jung em sua residência, ocasião em que ele a orientou a estudar mitologia para melhor compreender as produções dos internos. Em setembro de 1957, em Zurich, durante o II Congresso Internacional de Psiquiatria, Nise organizou a exposição *Esquizofrenia em imagens*, com cinco salas de pinturas de artistas do Museu de Imagens do Inconsciente, inaugurada pessoalmente por Jung, que teria dito:

Fiquei impressionado com as pinturas dos esquizofrênicos brasileiros, pois elas apresentam no primeiro plano características habituais da pintura esquizofrênica, mas noutros planos a harmonia de formas e de cores, que não é habitual na pintura dos esquizofrênicos. Como é o ambiente onde esses doentes pintam? Suponho que trabalhem cercados de simpatia e de pessoas que não têm medo do inconsciente (*apud* Pedrosa *in* Fundação Nacional de Arte, p.10).

Em 1958, Nise formalizou o *Grupo de Estudos C. G. Jung*, que já se reunia desde 1955, com a participação de outros profissionais e analistas, como Ewald Soares Mourão e João Baptista Bandeira de Mello, estudando as poucas obras de Jung disponíveis. O grupo de estudos criou a revista *Quaternio* (1965).

Em 1968, Nise publicou seu primeiro livro, que seria também sua obra mais des-

tacada, *Jung: vida e obra*, a primeira biografia de Jung publicada no Brasil, atualmente em sua 21ª edição.

Nise foi aposentada compulsoriamente em 1974, mas continuou frequentando o ateliê do Hospital Pedro II. Pôde então escrever mais e publicou diversos livros como *Terapêutica Ocupacional: Teoria e Prática (1979)*, *Imagens do Inconsciente (1981)*, no qual faz interessante relato de sua experiência com a esquizofrenia e a psicologia analítica, *O Museu de Imagens do Inconsciente – História (1980)*, *O mundo das imagens (1992)* dentre outros.

Nos anos 80, houve crescente interesse pelo trabalho do Museu de Imagens do Inconsciente, com mostras, exposições e documentários. Em 1987 o cineasta Leon Hirzman realizou, com roteiro de Nise da Silveira, *Imagens do Inconsciente*, documentário de 205 minutos, no qual são apresentados a história e o trabalho de três de seus artistas: Adelina Gomes, Fernando Diniz e Carlos Pertuis. Estes e outros mais, como Arthur Amora Raphael e Emygdio de Barros receberam reconhecimento artístico inclusive no exterior.

Nise da Silveira faleceu no dia 30 de outubro de 1999, aos 94 anos de idade. No ano 2000, o antigo Centro Psiquiátrico Nacional/Hospital Pedro II foi rebatizado *Instituto Municipal Nise da Silveira*.

Hoje nacionalmente reconhecida como pioneira nos cuidados humanizados em saúde mental, na valorização da criatividade dos doentes psiquiátricos, Nise da Silveira é também considerada a introdutora dos estudos de psicologia junguiana no Brasil. Enfrentando o conservadorismo da sociedade de sua época e colocando-se acima das ideologias, foi sobretudo uma grande humanista, preocupada com a liberdade do ser humano. Com sensibilidade e abnegação, teve o grande mérito de conseguir revelar, em meio ao caos da psicose e das aversivas condições de tratamento de seu tempo, a expressão mais profunda da alma de seus internos e evidenciar seus efeitos curativos.

Referências

Câmara, F.P Psychiatry on line Brasil 2004 (9):3. Disponível em <http://www.polbr.med.br/anoo4/walo304.php> Acessado em 11 de outubro de 2017.

Dionisio, G.H. Museu de Imagens do Inconsciente: considerações sobre sua história. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 2001;21(3):30-35.

Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao222326/museu-de-imagens-do-inconsciente> Acessada em 12 de outubro de 2017.

Fundação Nacional de Arte, - Museus - Museu de Imagens do Inconsciente. Ministério da Educação e Cultura: Rio de Janeiro, 1980.

Motta, A.A. *Psicologia analítica no Brasil: contribuições para a sua história*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2005.

Ramos, G. *Memórias do Cárcere*. 45ª edição. Editora Record: São Paulo, 2011. Silveira, N. *Imagens do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

Instinto e Espírito: de adversários a parceiros

Instinct and Spirit: from adversaries to partners

Mário Batista Catelli

Resumo

Na busca dos núcleos de nossos processos psíquicos individuais, podemos chegar até a padrões coletivos da humanidade, denominados arquétipos na psicologia analítica de Jung, que se movem tanto na “extremidade” ligada diretamente aos instintos quanto no polo oposto, com frequência designado espírito. Este artigo propõe-se a tecer algumas considerações acerca desse intrigante território em que o “mais fundo” encontra o “mais alto”, o que acena para os difíceis desafios enfrentados pelo ego ao ter de lidar com as forças que sobre ele se exercem de todos os lados, e para as ricas possibilidades inerentes a uma acolhedora relação do ego com os demais aspectos da totalidade de que ele faz parte.

Palavras-chave

ego, arquétipo, instinto, espírito, intuição, conflito

Introdução

Pareceria lógico, em qualquer estudo da psique humana, começar pelos fenômenos básicos, supostamente mais simples, e ir “subindo” pelos estágios da complexidade, até alcançar os limites da razão, o “topo” de uma vida plena, saudável, favorável à realização do potencial do indivíduo dentro da sociedade. Na psicologia analítica, entretanto, é o mergulho nas profundezas que conduz às alturas.

Algo semelhante ocorre com as ciências físicas. Só é possível compreender os fenômenos em sua complexidade mediante “mergulho” na estrutura da matéria.

Assim, os raios, na meteorologia, só podem ser compreendidos ao se conhecerem as cargas elétricas das partículas atômicas elementares. Nessa busca da estrutura primordial da natureza, a ciência descobriu que matéria e energia são facetas da mesma realidade básica.

Assim, temos aqui, de fato, a prova final da Unidade da Matéria. As partículas elementares, todas elas, são feitas da mesma substância, e a essa podemos chamar de energia ou matéria fundamental: elas são tão-somente formas distintas em que a matéria pode se revelar (Heisenberg, p.122).

As tentativas de “desmontar” a psique como se ela fosse um maquinário, embora de imediato deem origem a descobertas válidas, tendem a colecionar operações isoladas, dificilmente integradas numa visão de totalidade. “A natureza é um continuum, e assim nossa psique é muito provavelmente um continuum” (Jung, 1989b, §181). A psicologia analítica foi sendo construída a partir da experiência clínica, em que o objetivo de cuidar dos pacientes como totalidades pressupunha compreendê-los, perceber um sentido no pano de fundo de suas expressões, por vezes aparentemente desconexas. A pluralidade de aspectos interligados que se vão revelando durante uma análise aponta para essa visão da psique como um todo em permanente movimento, no qual coexistem aspectos mais estáveis com outros em contínua mutação. “Separamos os processos uns dos outros para efeito de discriminação e compreensão, sabendo muito bem que, no fundo, toda divisão é arbitrária e convencional” (Jung, 1981, §812).

As distinções dentro desse todo – do qual percebemos uma parte muito pequena – não devem ser confundidas com um espelho fiel, completo, exato e imutável de uma suposta estrutura real. O esforço de explicitar uma estrutura serve aos objetivos da inteligibilidade e ao desafio de lidar com a multiplicidade fenomenológica da totalidade psíquica.

Mário Batista Catelli

(Brasil), psicólogo clínico, analista, membro da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica – SBPA e da International Association for Analytical Psychology - IAAP.

Email:
mario_catelli@hotmail.com

Neste artigo, partiremos do eu e destacaremos as faixas de transição para outras dimensões psíquicas com as quais ele interage. Utilizaremos balizas conceituais categorizadas por Jung – ego, instinto, arquétipo, espírito – a fim de lançar um facho a mais de luz sobre a possibilidade de utilizar a psicologia profunda para a realização do mais alto potencial humano.

Conviver com seus vizinhos: o difícil trabalho do ego

O estabelecimento de conceitos se apoia na observação empírica, contudo sem eliminar as simplificações inerentes a qualquer teorização.

O eu é o personagem principal de qualquer investigação. O conceito psicológico mais intuitivo, em todos os tempos, foi provavelmente a ideia de um eu. Como caracterizá-lo? Como delimitá-lo? O eu parece consistir num centro de percepções, memórias, emoções e ações, uma câmera que registra tudo a seu redor, menos as próprias lentes, um espelho que pode refletir tudo a seu redor, até o reflexo de sua imagem, mas que não reflete a si mesmo.

Ora é exacerbado, em sociedades que promovem o culto à personalidade, ora é considerado ilusão e, por isso, negado, como ocorre em certas correntes filosóficas; há tradições que exercitam técnicas de supressão do eu, considerado obstáculo ao pleno despertar; existe a prática de buscar o vazio mediante a interrogação “quem sou eu”, que conduz a mente a um impasse e a torna silenciosa, a fim de propiciar um contato com o “verdadeiro ser”.

Janet considerava o eu como a personalidade consciente. Para ele, o estreitamento do campo da consciência leva as outras personalidades a uma espécie de autonomia (Laplanche e Pontalis, p.126).

Freud, após ter distinguido consciente, subconsciente e inconsciente, sentiu necessidade de criar um novo mapa, que permitisse situar melhor os achados clínicos que não cabiam na classificação anterior. Em seu novo modelo, o ego surgiria para administrar a tensão entre os instintos, mais ligados à animalidade, e as restrições impostas pelo superego em nome da moral social. Seria levado a reprimir certas pulsões sem dar-se conta plenamente das razões para fazê-lo. Portanto, seria parcialmente inconsciente. O inconsciente, por sua vez, seria composto pelo material reprimido e – segundo constatações mais tardias de Freud – por uma herança arcaica.

Mas uma nova complicação surge quando nos damos conta da probabilidade de que aquilo que pode ser operante na vida psíquica de um indivíduo pode incluir não apenas o que ele próprio experimentou, mas também coisas que estão inatamente presentes nele, quando de seu nascimento, elementos com uma origem filogenética – uma *herança arcaica* (Freud, p.119).

Ao conceituar o ego, Freud buscou levar em consideração a dificuldade em encontrar um significado unívoco para essa realidade psíquica tão complexa.

"Freud não só encontra e utiliza acepções clássicas, opondo, por exemplo, o organismo ao meio, o sujeito ao objeto, o interior ao exterior, como emprega o próprio termo *Ich* nestes diferentes níveis, chegando até a jogar com a ambiguidade da utilização desta palavra; isso mostra que não exclui do seu campo qualquer das significações atribuídas aos termos *ego(moi)* ou *eu (je) [Ich]*" (Laplanche e Pontalis, p.125).

Para Jung, o ego é o centro da consciência, é tanto conteúdo como condição de consciência, e não se confunde com a totalidade da psique – o Self. Um elemento psíquico é consciente na medida em que se relaciona com o complexo do ego.

O funcionamento de todas as instâncias psíquicas depende energia. Uma parte da energia psíquica seria inconscientemente dirigida, enquanto outra parte ficaria à disposição do ego, que a dirigiria por escolha – o que conhecemos como vontade.

"Vontade" implica certo montante de energia livremente direcionável pela psique. Deve haver tais montantes de libido (ou energia) disponível, ou seria impossível haver modificação das funções, uma vez que elas estariam então acorrentadas aos instintos – que, em si mesmos, são extremamente conservadores e correspondentemente inalteráveis – de forma tão exclusiva que nenhuma variação poderia ter lugar, a menos que se tratasse de variações orgânicas (Jung, 1981, §379).

Ao dirigir sua vontade aos alvos escolhidos, o ego é influenciado por suas percepções conscientes, ou seja, sua captação e interpretação dos mundos externo e interno – alicerçadas em padrões de apreensão, inatos e inconscientes, que constituem os arquétipos, cujos produtos, ao atingirem a consciência, tornam-se intuições. É de acordo com essas percepções que o ego age sobre a realidade.

Assim como as percepções conscientes têm, em última análise, uma base inconsciente, existem, também, ações levadas a efeito pelo uso da vontade, e outras praticadas à revelia do ego, inconscientemente.

Padrões regulares de ação, com inconsciência da motivação, quando inatos, são instintos; quando aprendidos, são hábitos, que podem tornar-se ações reflexas automatizadas pela repetição.

Instinto é uma palavra que tem assumido diversos matizes na linguagem coloquial, alguns dos quais impregnados de conotações valorativas. Procuramos, aqui, resgatar o sentido dessa palavra, construído sobre os alicerces do empirismo, dentro da psicologia analítica. Temos certa consciência indireta do instinto pela observação do comportamento instintivo dos outros. Em geral, o próprio sujeito somente pode identificar seu comportamento instintivo depois que ele ocorreu.

Para que uma ação seja classificada como instintiva, Jung adota os seguintes critérios: há inconsciência tanto do motivo quanto do objetivo do comportamento; a motivação é uma compelidora necessidade interna (Jung, 1981, §265 e 267); trata-se de processos herdados que ocorrem de maneira regular e uniforme (Jung, 1981, §267).

Ao lado das atividades instintivas, existem outras aprendidas e automatizadas pela prática repetida (Jung, 1981, §268). Em geral inconscientes, essas últimas podem chegar à consciência depois de concluído o circuito que vai da recepção de um estímulo até a emissão de uma resposta (Jung, 1981, §955). Se o impulso é "defletido para uma atividade endopsíquica" (Jung, 1981, §241), a ação subsequente é dotada de certo grau de liberdade e de imprevisibilidade.

A apreensão, percepção e compreensão inconscientes de uma situação complexa – cujos conteúdos irrompem na consciência, em vez de impulsionarem uma ação, como faz o instinto – compõem a intuição.

A intuição "é um processo análogo ao instinto, com a diferença que instinto é um impulso direcionado para levar a efeito certa ação altamente complicada, ao passo que a intuição é a apreensão inconsciente, direcionada, de uma situação altamente complicada. Em certo sentido, portanto, a intuição é o reverso do instinto, nem mais nem menos maravilhosa que ele (Jung, 1981, §269).

Além de intuições que derivam de aprendizagem, Jung identifica intuições inatas, herdadas, que ele chama de "arquétipos de percepção e de apreensão", comuns a toda a humanidade e que, portanto, fazem parte do inconsciente coletivo.

Nessa camada "mais profunda" [o inconsciente coletivo], encontramos também formas de "intuição" inatas, *a priori*, a saber, os *arquétipos* de percepção e apreensão, que são determinantes – *a priori*, necessários – de todos os processos psíquicos (Jung, 1981, §270).

O inconsciente coletivo é formado por arquétipos e instintos (Jung, 1981, §270). Apesar de inconsciente, sabemos de sua existência diante da óbvia identidade entre padrões humanos inatos, independentes de tempo e lugar.

A distinção entre instinto e arquétipo – bastante clara nas definições – é, por vezes, quase impossível na prática. A apreensão de uma situação e o impulso para agir não são assim tão fáceis de distinguir na prática, embora o sejam na teoria. A percepção de um perigo e o impulso de se pôr a salvo não raro se apresentam como uma coisa só. Há situações em que os detalhes do perigo somente são compreendidos depois de alcançada uma condição de segurança.

A meu ver é impossível dizer o que vem antes – a apreensão da situação, ou o impulso para agir. Parece-me que ambos são aspectos da mesma atividade vital, que temos de considerar como dois processos distintos, simplesmente com o propósito de melhor entendimento (Jung, 1981, §282).

Um paciente, vivendo a quarta década de sua vida, revelou o quanto ficou impressionado ao descobrir que tendia a ver qualidades especiais em mulheres que o atraíam – mesmo sem conhecê-las. Não sabia dizer se via essas qualidades porque se sentia atraído ou se, inversamente, ele se sentia atraído em função dos atributos que nelas acreditava perceber. Quando tinha oportunidade de interagir com elas numa convivência mais assídua, não raro suas percepções se confirmavam. Se chegasse à conclusão de ter-se equivocado, a atração tanto podia desaparecer como continuar, o que poderia comportar pelo menos duas explicações: em primeiro lugar, se a admiração era a base para o impulso de aproximação, desvanecida aquela, desapareciam também os atrativos; porém, se o desejo intenso criava a percepção de qualidades extraordinárias, a evidência de não existirem tais qualidades seria desconsiderada em função da continuidade do desejo – provavel-

mente instintivo ou determinado por vivências significativas e esquecidas, ainda atuantes no inconsciente pessoal; em segundo lugar, o trecho de história transcorrido – entre o impulso inicial em relação à mulher e as conclusões posteriores a respeito dela – podia apresentar maior ou menor relevância para o sujeito e determinar a manutenção ou a perda de seu interesse.

Portanto, arquétipo e instinto parecem "opostos vizinhos", como, no *uroboros*, a boca da serpente e a extremidade da própria cauda, que ela abocanha. Pelo fato de boca e cauda se acharem muito próximas, são vizinhas; por estar a cabeça em uma extremidade e a ponta da cauda na outra, são opostas. À semelhança do *uroboros*, arquétipo e instinto são opostos intimamente relacionados, ou vizinhos de natureza contrária. O instinto liga-se à dimensão fisiológica, mas é representado psicologicamente por um arquétipo de percepção; e o arquétipo de percepção é dotado de energia capaz de desencadear uma ação instintiva.

À medida que nos aproximamos das dimensões arquetípicas, os conteúdos psíquicos se tornam menos precisos e mobilizam maior intensidade de energia. A consciência não encontra uma linha exata a separar um arquétipo de outro e, por isso, também não consegue quantificar seu número. No entanto, assumir a unidade essencial da psique nos leva a admitir que um arquétipo total se encontra na base de todos os arquétipos. Jung o denomina, com maiúscula,

[...] o "Espírito" como sempre foi [...], a totalidade das formas primordiais das quais provêm as imagens arquetípicas. Neste mundo do inconsciente coletivo, o espírito aparece como um arquétipo, que é dotado de supremo significado e é expresso através da figura do herói divino, cujo equivalente no mundo ocidental é Cristo (Jung, 1990a, §641).

Não devemos, entretanto, confundir o arquétipo – somente perceptível à psique de forma indireta, por meio de imagens – com a realidade a que ele se refere e que se situa além de qualquer percepção. Seria cair no antropomorfismo, atribuir *status* de realidade, exclusivamente, ao que tivesse acesso – direto ou indireto – à percepção humana. Para a consciência, o arquétipo se apresenta como imagem limitada, que, entretanto, conserva sua força inconsciente e por isso se caracteriza como símbolo. Como é escolhido o símbolo que traduzirá um arquétipo? Essa escolha é instintiva? Espiritual?

Interpretar a formação de símbolos em termos de processos instintivos é uma atitude científica legítima, que entretanto não pretende ser a única possível. Prontamente admito que a criação de símbolos também poderia ser explicada a partir do lado espiritual, mas para fazer isto seria necessária a hipótese de que o “espírito” é uma realidade autônoma que comanda uma energia específica, suficientemente poderosa para dobrar os instintos e forçá-los para dentro de formas espirituais. [...] Não obstante, de acordo com minha atitude empírica, prefiro descrever e explicar a formação de símbolos como um processo natural, embora esteja plenamente consciente da provável unilateralidade deste ponto de vista (Jung, 1990a, §338).

O uso da expressão "processo natural" parece evitar a dicotomia entre instinto e espírito e admitir que a natureza das coisas envolve ambas as facetas da realidade, feita de opostos que não se excluem, mas se pressupõem.

A antítese espírito-instinto é uma das formulações mais comuns, mas ela tem a vantagem de reduzir o maior número dos processos psíquicos mais importantes e mais complexos a um denominador comum. Assim encarados, os processos psíquicos parecem ser equilíbrios de energia fluindo entre espírito e instinto, embora a questão sobre qual processo deve ser descrito como espiritual ou instintivo permaneça envolta na escuridão (Jung, 1981, §407).

Essa antítese nos remete ao ego, instância psíquica incumbida de administrar os conflitos entre instintos e espírito, toda vez que a oposição entre eles mobilizar uma quantidade de energia suficiente para ativar a consciência e demandar o voto de Minerva, que determinará o investimento da energia livre à disposição do ego sob a forma de vontade. Isso fará a balança pender para um dos lados e caracterizará a decisão egoica. No entanto,

[...] a vontade não pode transgredir os limites da esfera psíquica, não pode coagir o instinto, nem tem poder sobre o espírito, entendido este como algo maior que o intelecto. Espírito e instinto são autônomos por natureza, e ambos limitam em igual medida o campo de aplicação da vontade (Jung, 1981, §379).

A natureza do instinto é tão desconhecida quanto a do espírito. Também não dá para afirmar que o instinto – bem compreendido – é espírito, ou que o espírito se revele de forma instintiva. "São termos que estipulamos para forças poderosas cuja natureza ignoramos" (Jung, 1989a, §776).

Apesar de instinto e espírito serem opostos, um não se confunde com a simples negação do outro. Se assim fosse, bastaria negar por completo os instintos para realizar plenamente as demandas do espírito. Sabemos muito bem que as tentativas dessa natureza conduzem apenas a neuroses. Tampouco podem ser encarados como aspectos da mesma coisa, caso contrário, a entrega total aos instintos realizaria o espírito e vice-versa. Também não se trata de idealizar um dos lados como sendo bom, em detrimento do outro, considerado mau.

Em favor da idealização, as características arcaicas do Self são representadas como estando separadas do Self "mais elevado", como por exemplo Mefistófeles em Goethe, Epimeteu em Spitteler, e, na psicologia cristã, o diabo ou Anticristo. Em Nietzsche, Zaratustra descobriu sua sombra no "mais feio dos homens" (Jung, 1990b, §706).

O que equipararia a parte inferior do Self ao diabo não seria o fato de ser inferior, mas de estar separada do Self "mais elevado", de atuar de maneira autônoma. Complexos que se cindem do ego aproveitam, por assim dizer, qualquer rebaixamento da consciência para assumirem o comando. É evidente que esse tipo de "golpe de estado" só pode ser disfuncional, doentio, pois a saúde é o funcionamento integrado das partes que compõem a totalidade do ser.

Não há um instinto que nos impele em direção ao espírito? Não é o espírito que nos permite reconhecer e descobrir o valor do instinto? Importa aqui destacar que *espírito* não é usado em qualquer acepção religiosa ou associada a crenças, mas como a condição que nos permite representar a realidade para nós mesmos e agir deliberadamente com algum grau de independência em relação ao instinto.

Em qualquer caso particular, é com frequência quase impossível dizer o que é "espírito" e o que é "instinto". Juntos, formam uma impenetrável massa, um verdadeiro magma jorrado das profundezas do caos primitivo (Jung, 1985, §363).

A distinção conceitual só existe para salientar que o instinto tem um "inequívoco aspecto fisiológico. Sua existência ou não-existência parece estar ligada aos hor-

mônios. Seu funcionamento tem caráter compulsivo", ao passo que o espírito – tal como aqui é apresentado – é uma parte mais bem descrita como psíquica e, além do mais, é sentida como tal, perdeu seu caráter compulsivo e pode até mesmo ser usada de modo contrário ao instinto original (Jung, 1981, §376).

A harmonia entre instinto e espírito resulta da valorização de ambos. Só há excesso em uma das polaridades quando a outra é menosprezada.

Eros é um companheiro questionável e sempre permanecerá assim [...]. Ele pertence, por um lado, à natureza animal do homem primordial, que durará enquanto o homem tiver um corpo animal. Por outro lado, está relacionado às mais altas formas do espírito. Mas ele prospera somente quando o espírito e o instinto estão em correta harmonia. [...] Excesso de animalidade distorce o homem civilizado, excesso de civilização adoece o animal (Jung, 1977, §32).

Jung devolve os fenômenos instintivos e espirituais à totalidade que os abrange, após ter descrito da maneira mais minuciosa que lhe foi possível os matizes dinâmicos que essa realidade assumiu ao cair sob o seu olhar observador.

Os processos psíquicos, portanto, comportam-se como uma escala ao longo da qual a consciência “desliza”. Num momento encontra-se na proximidade do instinto e cai sob sua influência; em outro, desliza para a outra extremidade onde o espírito predomina e até mesmo assimila os processos instintivos mais opostos a ele (Jung, 1981, §408).

A integração, dentro da totalidade do Ser, entre as forças instintivas e as espirituais nunca é realizada de forma absolutamente idêntica em dois diferentes indivíduos. É um processo criador e criativo, que Jung denominou individuação. Os instintos encarregam-se de conduzir a vida lá onde a consciência ainda não se desenvolveu o bastante para assumir, pelo menos em parte, uma tão importante função. A consciência desenvolve-se por instinto? Pelo espírito apesar do instinto? Em suas relações com a consciência, os instintos primeiro a combatem e, nessa luta, ora saem vencedores, ora derrotados. Com o amadurecimento, qualquer vitória é também uma derrota, porque ambas ocorrem no mesmo indivíduo. Por fim, esses opostos podem ser superados pela função transcendente, a que realiza uma nova condição capaz de incluir os opostos sem confundi-los, capaz de distingui-los sem que se excluam.

Isto é o que acontece com muita frequência lá pelo meio-dia da vida e, nesse sentido, nossa milagrosa natureza humana impõe a transição que leva da primeira metade da vida à segunda. É uma metamorfose, de um estado em que o homem é apenas uma ferramenta da natureza instintiva, para outro em que ele não é mais uma ferramenta, mas ele próprio: uma transformação de natureza em cultura, de instinto em espírito (Jung, 1991, §335).

Em tal condição, o espírito leva o instinto à sua mais harmoniosa expressão, e o instinto se torna a concretização do espírito. Não se trata de uma meta fácil de alcançar. Pelo contrário, sua descrição, aqui, equipara-se a um ponto de convergência que nunca é alcançado por completo, por mais que dele nos aproximemos, mas que orienta os nossos passos.

Conclusão

Reprimir ou suprimir um dos pares de opostos abre caminho para a sua desvinculação e autonomia e para uma possível possessão da personalidade pela parte rejeitada. Soluções unilaterais – que levam em conta exclusivamente o instinto ou o espírito – ocasionam uma cisão e a perpetuação do conflito entre uma parte consciente e outra inconsciente. Muita energia, em conflitos de tal natureza, é desperdiçada em tensões paralisantes, que se tornam tanto mais dolorosas quanto mais intensas. A dor tem como efeito atrair o foco da atenção, mas não há garantia de que a premência ocasionada pela dor conduza a uma leitura adequada do que a motivou. O sofrimento é, por assim dizer, um pedido de socorro instintivo e arquetípico, que somente se aquieta quando compreendido e atendido. Os símbolos que expressam o arquétipo precisam enriquecer a percepção, transformar a consciência, retirá-la de sua unilateralidade, para que o necessário redirecionamento da ação aconteça.

Para transformar a ação sem iludir o instinto, geralmente é necessário reformular padrões de comportamento fixados por aprendizagem e repetição. São reflexos, respostas com forte grau de automatismo deflagradas como se fossem instintos. Os padrões atitudinais aprendidos, que a prática reiterada automatizou até certo ponto, podem revelar-se inadequados diante de outras exigências psíquicas consideradas importantes, e serem por isso escolhidos como alvo de um deliberado trabalho transformador. A necessidade de transformação, como já foi destacado, é evidenciada por algum tipo de sofrimento associado à vivência de conflitos.

A dor e as circunstâncias em que os conflitos ocorrem são expostas na análise, tais como o paciente as percebe. Essa autoexposição – denominada *confissão* por Jung – é facilitada pela relação de confiança construída entre analista e paciente. Pelo esforço de *elucidação*, o trabalho de análise propõe-se a examinar o material fornecido na confissão, aprofundar, ampliar e – se necessário – reelaborar sua compreensão. Tal processo conduz à *educação*, estágio no qual surgem novas percepções e se apresentam caminhos alternativos de ação. A confissão, a elucidação e a educação têm como alvo viabilizar a *transformação*, tanto da personalidade – ao libertar seu potencial próprio e enriquecer suas possibilidades – quanto das atitudes, ao superar suas estereotípias. Os quatro estágios do trabalho ora se alternam, ora coincidem, conforme o rumo seguido pelo processo terapêutico (Jung, 1985 – capítulo V).

A reformulação de uma compreensão pode ocorrer com relativa facilidade. Mas mudar um padrão atitudinal exige do ego um trabalho persistente, empenho continuado, dedicação constante, até que os hábitos arraigados cedam espaço a novas maneiras de agir. E isto costuma levar mais tempo do que a substituição de um ponto de vista por outro. Se o paciente espera da análise soluções rápidas e mágicas, precisa levar em conta que os padrões atitudinais não se construíram da noite para o dia. As situações problema tentarão arrastar o caminhante para as trilhas repetidamente batidas, que se tornaram habituais. Elas se apresentam de imediato como opções preferenciais, ou deflagram respostas automáticas, pois os padrões alternativos ainda não se consolidaram pela adoção de novas atitudes.

Ao que tudo indica, a mais elevada realização do potencial humano conta com a ação desobstruída dos arquétipos numa condição de harmonia com os instintos, administrada pelo ego, em que o mundo instintivo, sem perder sua natureza, se torna um importante cooperador. Enquanto o ego se acha aprisionado no conflito com instintos mal resolvidos, negados, não elaborados, ou exacerbados, enquanto sua atenção é desviada do sofrimento pelos mecanismos de defesa, ele não consegue abrir-se às possibilidades oferecidas pelo mundo arquetípico. Sua energia é bloqueada no esforço de reprimir os instintos. Ele se fecha à possibilidade de transcender ao jogo de opostos. Os instintos se tornam escravos impotentes, prontos a irromper numa sangrenta revolta, ou senhores tirânicos. Em qualquer dos casos, o ego permanece fechado dentro da aridez de um deserto ou dos muros de uma prisão.

Liberto de seus medos e de suas culpas aprisionadoras por meio da análise, capaz

de identificar a manifestação de forças que o solicitam em direções opostas, apto a sair das escolhas cegas e unilaterais para atitudes que respeitam a totalidade do ser, o ego realiza sua parte na desobstrução de suas vias de comunicação com o Self, torna-se agraciado com a torrente de energia psíquica que o fertiliza na vida individual e relacional. O Ser faz germinar o seu potencial com exuberância.

Recebido em 21 de agosto 2017. Aprovado em 12 de setembro de 2017.

Referências

Freud, S. Moisés e o Monoteísmo. Edição Standard. Vol. XXIII. Rio de Janeiro. Imago, 1969.

Heisenberg, W. Física e Filosofia. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.

Jung, C. G. Freud and Psychoanalysis. Collected Works. Vol. 4. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1989a.

____ Psychological Types. Collected Works. Vol. 6. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1990b.

____ Symbols of Transformation. Collected Works. Vol. 5. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1990a.

____ The Development of Personality. Collected Works. Vol. 17. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1991.

____ The Practice of Psychotherapy. Collected Works. Vol. 16. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1985.

____ The Structure and Dynamics of the Psyche. Collected Works. Vol. 8. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1981.

____ The Symbolic Life. Collected Works. Vol. 18. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1989b.

____ Two Essays on Analytical Psychology. Collected Works. Vol. 7. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1977.

Laplanche e Pontalis. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1995

O sentido da vida

The meaning of life

Maria Zelia de Alvarenga

Resumo

O texto faz uma proposição pessoal sobre o sentido da Vida, formula o conceito de estruturação de consciência, segundo T. Chardin, discorre sobre como saber-se uno com Deus e, em decorrência disso, ter uma participação mais significativa no coletivo; tece considerações sobre o desapego, a liberdade, fazendo referências ao Exodius judaico e à Pessah; expõe, também, a busca do autoconhecimento e nossas defesas; resgata, em Platão, a escolha a que viemos.

Palavras-chave

sentido da vida,
liberdade, humanização,
autoconhecimento, defesas

Este trabalho foi apresentado no XXXI Boitatá, realizado no Sítio da Grande Paineira, em São José dos Campos, em julho de 2017. A temática ensinada para o encontro foi “O sentido da Vida”. Após formular meus desejos de que, nos quatro dias seguintes em que estaríamos reunidos, pudéssemos comemorar a vida, a alegria, o companheirismo, o prazer das trocas, a criatividade dos encontros e o entusiasmo das descobertas que a presença do outro nos faz experimentar, coloquei minhas proposições.

O encontro do qual participávamos teve como objetivo falar das buscas de entendimento, das demandas para comungar as descobertas que povoaram e alegraram nossas vidas, também das que nos assustaram e, fundamentalmente, falou da necessidade de nos sabermos no outro, com o outro e pelo outro!

Segundo a Psicologia, a finalidade da Vida é formar Ego, com o que ele (Ego) se sente muito nobre. Para Teilhard de Chardin (1994), a finalidade da natureza é a formação da consciência. O mais fascinante é que para o mestre jesuíta, Chardin, a natureza se humaniza quando forja consciência, caminhando da instância mineral para chegar ao clímax - ser humano - e nele realizar-se como totalidade, ou seja, *consciência de se saber uno com Deus*.

Para assim se dar, a pessoa haverá de colaborar, compartilhar o que tem e o que é, aceitando as diferenças, fazendo-se mestre e discípulo, passando a tocha do conhe-

O sentido da vida

cimento, da compaixão, do amor e da responsabilidade. Haverá de trabalhar para que o mundo se torne uma comunidade de mentes que gestam ideias e ideais para se chegar às estrelas.

A forja da consciência será sempre o símbolo, ativando e atualizando a função simbólica em todos: esta, função simbólica, será a meta do processo de educação e, por essa via, poderemos caminhar para a individuação.

Uma das melhores proposições quanto ao processo *que dá e traz sentido à vida*, implica cultivar o desapego. Assim, se nos desapegarmos, poderemos suportar o sacrifício daquilo que nos aprisiona, como: a acomodação, a preguiça, as desculpas, todo e qualquer tipo de depósito de responsabilidade no outro.

O que nos aprisiona soa como se atendesse a nossos direitos, como se fossem a aquisição de nossa condição de liberdade. E, a perda desses *supostos direitos* traduz-se como mutilação, desilusão. Quando, porém, nos livrarmos dessas escravidões, ou seja, de nossos *supostos direitos*, poderemos caminhar para o Self em busca da *coniunctio sagrada*.

A história bíblica, tão cheia de ensinamentos, contém relatos de grande significado. Entre essas tantas histórias, deparamo-nos com o episódio da saída dos judeus do Egito. O fato ocorreu por volta de 1440 AC. Para os hebreus, Egito significava aprisionamento, escravidão. E, como sabemos, o sentimento de maior significado para o ser humano, nas culturas mais diferenciadas chama-se *liberdade*.

Ainda com relação à história bíblica, a palavra grega *Exodus* alude a sair do cativeiro, ou seja, sair do lugar onde não se cabe mais, pois, se lá a pessoa se mantiver, isso implicará sufocamento, entorpecimento, até atingir-se a condição obnubilada. Exemplo disso encontramos na droga, na dependência da virtualidade, nos excessos de comida, bebida, culto ao corpo, etc.

Exodus significa, pois, sair da escravidão. Para que essa finalidade se cumpra em cada um de nós, haveremos, muitas vezes,

Maria Zelia de Alvarenga

(Brasil) é psiquiatra e analista junguiana pela Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, filiada à International Association for Analytical Psychology - SBPA/IAAP. Especialista em mitologia, é autora de *Mitologia Simbólica – Estruturas da Psique e Regências Místicas*, *O Graal: Artur e seus cavaleiros*, entre outros. Exerce clínica privada em São José dos Campos-SP e coordena o Grupo de Estudos Boitatá.

Email:

mzalvarenga@gmail.com

de sacrificar o certo pelo duvidoso, as posses pelas incertezas, sacrificar o canto, a casa, a cama, por mais pobres que sejam, pelas intempéries, pela privação de alimentos e tantos outros sacrifícios decorrentes da perda dos objetos de *amor*. Quando não saímos do lugar estreito, fazemo-nos escravos.

Para celebrar esse momento do êxodo, em tempos idos, os judeus tomavam um cordeiro imaculado e o mantinham por dias e dias, junto à família, com as crianças, dentro de casa, gerando assim um vínculo de afeto pelo bichinho. Após esse tempo de estruturação de vínculos, o cordeiro era sacrificado e deveria ser comido por todos os familiares. O ritual tinha como proposição a vivência plena do sacrifício que propiciava a dor da perda do objeto amado, vivido quando da saída do Egito.

Assim, liberdade implica, concreta e simbolicamente, sofrer a perda do objeto de amor, ou seja, libertarmo-nos de nossas posses.

De outra parte, o fenômeno *Pessah*, ocorrido em 14 de Nissan do ano de 1440 AC, significa “passar sobre”, ou seja, o momento em que o anjo da morte passa sobre a casa em cuja porta encontrava-se a marca do sangue do cordeiro. Assim, desde que se sacrifique o que é caro, precioso, Deus acolherá e protegerá.

Assim como *companheiro* que é aquele junto de quem se come o pão, compartilhar significa comungar as partes, dividir com o outro o que temos. Compartilhar é também conviver no mesmo espaço com o outro. Compartilhar o que eu tenho, o que eu sou com os companheiros.

Interessante lembrar que o Cristo, quando da última ceia, consagrou ou transubstanciou o pão em seu próprio corpo e o vinho em seu próprio sangue, dando para todos comerem. Simbolicamente, o Cristo apresentava-se como o cordeiro imolado, que todos deveriam comer e beber, vivendo a dor da perda do objeto amado. Seria este o sentido da comunhão!

Assim sendo, a proposição crística torna-se incrivelmente inédita por cultivar no ser humano a condição do desapego do objeto de amor. Mas, também, com isso o Cristo se coloca na condição de objeto de amor e, mais que tudo, como aquele que, amando os humanos, ao sacrificar-se nos salva. A salvação implica que a humanidade O ame e, portanto, O deseje!

Platão, em seu diálogo socrático *O Banquete*, propõe, como fala de um dos palestrantes, que o Amor é a expressão do *desejo do que não temos*. Cristo, porém, se

coloca na condição de ser o desejo do que podemos ter. Ao instituir a eucaristia, viabilizou que o tenhamos quantas forem as vezes que o desejarmos.

Seria a proposição crística a condição de adquirirmos a consciência de nos sabermos divinos? Seria esta a grande força da demanda de Eros que nos impele para a busca da completude?

Se a completude implica adquirirmos consciência de que o divino é instância de nossa totalidade, e essa consciência representa o autoconhecimento, então, se nos soubermos por inteiro, essa consciência traduzir-se-á pela condição de estarmos contínua e constantemente em relação com o outro, qualquer que ele seja. Se assim se der, a descoberta maior será:

- O autoconhecimento implica manter-se em relação!
- Manter-se em relação significa estar em contínua e constante transformação!
- A contínua e constante transformação é o retrato pleno do que significa tornar-se humano!
- Somente nos tornamos humanos quando estivermos em um contínuo processo de transformação.

Creio que alguns já me ouviram falar do momento em que eu estava no segundo ano da faculdade de medicina, quando cheirava a laboratório de anatomia, formol, era adepta ferrenha da JUC - movimento forte na Pinheiros - e também como mantenho memórias inesquecíveis das missas na Igreja de São Bento. Assim, estando na faculdade, fui assistir a uma aula de religião com uma freira do grupo da Madre Cristina, do Sedes Sapientiae.

A freira era doutora em Teologia e em Filosofia. Eu, uma estudante de Medicina ignorante, a única participante da aula. Lá pelas tantas, a irmã me perguntou o que eu entendia ou pensava sobre *liberdade*! Não sei o que falei, mas devo ter discursado sobre ir e vir e pensar, discordar ou sei lá o quê. Pois bem, a freira me olhou e, depois de um tempo disse:

Liberdade é escolher Deus!

Eu, incomodada com o paradoxo que o bendito ego não entende, nunca mais voltei às aulas. Talvez, eu tenha vivido mais de trinta anos, talvez quarenta, para

chegar à conclusão de que *liberdade é escolher Deus* – verdade que hoje vivo, sei e confirmo - *o maior sentido da Vida é ser livre e ser livre implica escolher Deus, o que significa desapegar-me de tudo quanto tenho*. Ter apego é ser escravo. Nós não somos donos de nada; ter posses é ilusão, *maia*.

A vida nos presenteia. A demanda pelo trabalho é inerência da natureza e implica interagir, criar, transformar algo que tenha relação com o coletivo. Para tornar-me pessoa é necessário que eu me perca no anonimato. Para ser livre é fundamental escolher Deus, sendo meu trabalho buscá-Lo. Se assim se der, poderemos talvez atingir a *coniunctio* sagrada, ou seja, saber-se pelo autoconhecimento.

A maior de todas as metas sendo a busca do conhecimento, a busca do saber-se, ela se realiza quando encontramos o Outro como instância de nós mesmos, com o que nos deparamos com o encontro do Divino em nós: Aquele que nos habita, Aquele que nos compõe, Aquele que torna realidade a condição humana em todos nós: Eis o Sentido da Vida!

Contar histórias compõe grande parte de nossa atividade: contamos histórias para nossos filhos e depois para os netos, contamos histórias para nossos amigos e também para nossos clientes, contamos histórias quando escrevemos ou quando fazemos preleções, quando compomos poesias, fazemos música ou pintamos!

Contamos histórias!

E sempre que as contamos, mesmo sem termos consciência do que fazemos, falamos do sentido da Vida, pois, nos expressamos por símbolos que falam de metas, de projetos existenciais, de futuros prometidos!

E, assim, constatamos que todos os textos míticos, épicos, religiosos, todos sem exceção, falam do sentido da Vida, falam das metas a serem buscadas e, para encontrá-las nos depararemos com os confrontos necessários com a sombra.

Ao contarmos histórias, falamos de fatos reais, falamos de mitos, mas, mais que tudo, falamos da condição mística contida nos ensinamentos transmitidos. E, assim, os preceitos éticos, os valores morais, os compromissos que temos e carregamos por conta de nossa herança cultural se revelam, se propagam, calam fundo e forjam nossas famílias, redundando em uma sociedade melhor!

Falamos do que sabemos, do que aprendemos, do que herdamos, do que nos mobiliza, do que acreditamos, falamos de nossos ideais, de nossos propósitos!

Difícilmente, porém, falamos de nossos erros, de nossos fracassos, de nossas traições feitas a nós mesmos e também aos outros. Difícilmente falamos da nossa arrogância, de nossas intempestividades, das nossas explosões de ira, das nossas mentiras, da nossa avareza, da nossa concupiscência, da nossa luxúria, dos nossos pecados. E, entre tantos pecados que temos e carregamos, dou-me conta de que um dos piores, no meu entender, é a omissão, é o *não fazer* pelo outro!

Nossos erros são nossos desvios, desatenções, distrações, são aqueles momentos em que nos sentimos assoberbados por encargos, como se a Vida fosse madrastra, momentos de solidão em que parece vivermos o abandono do nosso herói, ou mesmo aqueles momentos de indolência, santa preguiça! Aí duvidamos se a vida vale a pena!

Penso, porém, que os nossos erros propõem reflexões para que refaçamos nosso contrato com a Vida. Se aqui estamos, foi por termos escolhido aqui estar. Platão (1970), em seu texto *A República*, no canto dez, expõe o diálogo de Sócrates com Glauco e, ao relatar o mito de Er, fala das escolhas de *destinos* que todos nós fazemos, e do tanto de água do rio Lete que bebemos, com o que esquecemos a que viemos. Sócrates encerra sua proposição: “mas nós (referindo-se a ele próprio e a Glauco) pouco bebemos para não esquecermos o que escolhemos”. Estamos aqui, portanto, com nossas dores e nossas alegrias porque escolhemos aqui estar!

Neste momento sagrado em que estamos reunidos, e o fazemos pelo bem, quando o Divino está entre nós e se faz manifesto, para que possamos reverenciá-lo, façamos de nosso encontro um tempo de transformações, de trocas amorosas, de festa e de dança, de declarações de apaixonamentos, de certezas de que a vida vale a pena! Quem sabe possamos fazer também deste encontro um tempo de confissões, sejam elas silenciosas, aconteçam elas na amorosidade dos abraços!

O Sentido da Vida é caminhar para a meta para a qual viemos! Para bem realizá-la, penso eu, façamos acontecer!

Recebido em 26 de setembro de 2017. Aprovado em 16 de outubro de 2017.

Referências

Referências Chardin, P. T. O Fenômeno Humano. Tradução de José Luiz Archand, Cultrix: São Paulo, 1994.

Platão. A República. Hemus, Livraria Editora Ltda: São Paulo, 1970.

Platão: O Banquete. Tradução do Prof. J. Cavalcante de Souza. Difel: Rio de Janeiro, 2002.

Wikipedia. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pessach>. Acesso em 10 de julho de 2017a.

Wikipedia. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Livro_do_%C3%8Aoxo-do#Hip.C3.B3tese_documental. Acesso em 10 de julho de 2017b.

Glossário essencial

Essential glossary

Considerando as distintas disciplinas com quem podemos estar dialogando, oferecemos o glossário abaixo. Ressaltamos que cada entrada consiste em uma descrição inicial do conceito, para servir de ponto de partida para o leitor que desejar aprofundar seus conhecimentos.

anima – palavra do latim que significa alma, psique. É o *arquétipo* da complementaridade feminina com relação à identificação masculina consciente. Dotada de grande carga de energia, frequentemente é personificada na imagem de uma mulher. Quando a imagem da *anima* é projetada sobre uma pessoa, pode atribuir-lhe grande fascínio, tornando-a alvo de intensos sentimentos. Assim como o *animus*, é o arquétipo por excelência do *relacionamento*, o guia e mediador na relação do ego com o inconsciente e com o outro. A riqueza desse importante arquétipo está nas múltiplas e poderosas imagens do feminino em todos os seus aspectos, sendo fortemente ligado à inspiração e à criatividade. O processo de integração da *anima* consiste em reconhecê-la nas manifestações da imagem feminina oriundas da própria psique, como as que ocorrem em sonhos e na imaginação ativa. A *anima* às vezes é identificada como a *alma*, ou como a representação do próprio inconsciente. Sobre sua concepção há importantes variantes teóricas.

Referências

- Jung C. G. O eu e o inconsciente (OC vol. VII-2), §§ 296-304.
 Jung C. G. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo (OC vol. IX-1), §§ III-147.
 Jung C. G. Aion (OC vol. IX-2), §§ 20-42.
-

animus – palavra do latim que significa espírito, ânimo, energia. É o *arquétipo* da complementaridade masculina com relação à identificação feminina consciente. Dotado de grande carga de energia, frequentemente é personificado em

imagens de homens. Quando a imagem do *animus* é projetada, pode causar grande fascínio e gerar intensos sentimentos. Assim como a *anima*, é o arquétipo por excelência do *relacionamento*, o guia e mediador na relação do ego com o inconsciente e com o outro. A riqueza desse importante arquétipo está nas múltiplas e poderosas expressões do masculino em todos os seus aspectos, sendo fortemente ligado à inspiração e à criatividade. O processo de integração do *animus* consiste em reconhecê-lo nas manifestações da imagem masculina oriunda da própria psique, como as que ocorrem em sonhos e na imaginação ativa. O *animus* às vezes é identificado como o *espírito*, ou como a representação do próprio inconsciente. Sobre sua concepção há importantes variantes teóricas.

Referências

Jung C.G. O eu e o inconsciente (OC vol. VII-2), §§ 296-304.

Jung C.G. Aion (OC vol. IX-2), §§ 20-42.

arquétipo – do grego ἀρχέτυπον (archetypon), “molde original”, “padrão da fonte”. Em alemão, *der Archetyp*. São padrões de elevada carga de energia psíquica, inerentes à psique humana (portanto comuns a todos os indivíduos) e que ativam e ordenam conteúdos do inconsciente conforme padrões prévios à experiência pessoal. Jung postulou a existência dos arquétipos a partir da observação de pacientes psicóticos de origem muito humilde que expressavam imagens às quais não poderiam ter tido acesso pessoal. Ele depois identificou essas mesmas imagens em mitos gregos e egípcios antigos e também em outras culturas que não tiveram contato entre si. Concluiu que não se tratava de imagens transmitidas ou herdadas, mas de material psíquico inerente e comum a toda a humanidade, de natureza inconsciente. Propôs assim o conceito de *arquétipo* como uma tendência inata da psique a representar *motivos*, com características variáveis conforme o tempo e o lugar, mas com uma base comum. Os arquétipos são dinâmicos e atuam de forma intensa sobre o psiquismo do indivíduo e dos povos. Por sua natureza profundamente inconsciente, são irrepresentáveis para a consciência, onde se expressam por meio de imagens, qualificadas assim de *arquetípicas*, que aparecem também em sonhos, mitos, na cultura e no fenômeno da *sincronicidade*. O conjunto dos arquétipos compõe o *inconsciente coletivo*.

Referências

- Jung, C. G. A Natureza da Psique (OC vol VIII-2), §§ 397- 420.
Jung, C. G. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo (OC vol. IX/I), §§. I-IIIO.
Jung, C. G. A vida simbólica – (OC vol XVIII/I), §§ 75-93.
-

complexo – em alemão, *der Komplex*. Originalmente denominados *complexos de tonalidade afetiva*. São pólos de concentração de energia psíquica situados no inconsciente pessoal, correspondendo a conteúdos emocionais correlacionados entre si, ainda não elaborados pela consciência do ego, podendo também decorrer de experiências traumáticas. Estão presentes em todas as pessoas e possuem *base arquetípica*, por representarem situações coletivas. Apresentam a tendência de irromper na consciência de forma autônoma, em episódios ou continuamente, consumindo energia psíquica desta e promovendo sua dissociação parcial ou completa. O complexo não tem caráter necessariamente patológico, mas pode sê-lo quando comprometer significativamente o funcionamento da pessoa, o desenvolvimento de sua personalidade ou lhe causar grande sofrimento. A elaboração e integração dos complexos à consciência revela conteúdos novos, favorece o fluxo de energia, a criatividade e a ampliação da personalidade.

Referências

- Jung, C. G. A Natureza da Psique, (OC vol. VIII-2), §§ 194-219.
Jung, C. G. A Vida Simbólica (OC vol. XVIII-I), §§ 148-154.
-

consciência – em alemão, *das Bewusstsein*. É um sistema de orientação, tanto para o mundo dos eventos internos quanto externos, que se desenvolveu mais recentemente no psiquismo humano, a partir do *inconsciente*, sobre o qual se assenta dinamicamente. A consciência opera como um foco, de direção variável, sobre os conteúdos, conforme estes possuam maior carga de energia psíquica ou sejam evocados. Sua atitude pode ser extrovertida ou introvertida e possui

quatro funções (sensação, intuição, pensamento e sentimento), que permitem a percepção, a conceituação e a atribuição de valor. A consciência é capaz de formar conexões e estruturas entre os elementos dos mundos interno e externo, e é em seu campo que ocorrem as expressões perceptíveis do inconsciente (inclusive as imagens arquetípicas), tornando possível sua própria ampliação.

Referências

Jung, C. G. A Vida Simbólica (OC vol. XVIII-1), §§ 1-73.
Jung, C. G. Tipos Psicológicos (OC vol VI), § 781.

ego – do grego ἐγώ, “eu”. Em alemão, *das Ich*. Fator complexo com o qual todos os conteúdos conscientes se relacionam e que constitui o centro do campo da consciência. Possui elevado grau de continuidade e identidade, estruturando a referência de si. Sinônimo de “eu” e também designado como *complexo do ego*, por concentrar considerável energia psíquica em uma rede de conteúdos e dinâmicas correlacionados entre si. É o centro da consciência e não deve ser confundido com o centro ou a totalidade da psique.

Referências

Jung, C. G. Tipos Psicológicos (OC vol VI), § 796.
Jung, C. G. Aion (OC vol. IX-2), §§ 1-12.
Jung, C. G. A Vida Simbólica (OC vol. XVIII-1). - §§ 18-19.

inconsciente – Em alemão, *das Unbewusste*. É o campo da psique formado por todo e qualquer conteúdo psíquico que não se relaciona com o ego através da consciência. Foi inicialmente aferido a partir da percepção de atos falhos, lapsos de memórias e dos testes de associação. O **inconsciente pessoal** (*das persönliche Unbewusste*) contém memórias, elementos não compatíveis com o ego (os complexos), percepções subliminares e novos conteúdos em elaboração, ainda sem energia psíquica suficiente para se tornarem conscientes. O **inconsciente coletivo** (*das kol-*

lektive Unbewusste), comum a todos os indivíduos, é a camada mais profunda da psique humana, formada pelos *arquétipos*, cuja quantidade é impossível definir.

Referências

Jung, C. G. Psicologia do inconsciente (OC vol VII-1), §§ 97-120.

Jung, C. G. O eu e o inconsciente (OC vol VII-2), §§ 202-220.

individuação - em alemão, *der Individuationsprozess*. É o processo de formar, desenvolver e especializar a natureza do indivíduo psicológico, tornando-o um ser singular e diferenciado da psicologia geral e coletiva. Isso se dá por meio do confronto do ego com o inconsciente, com a integração de conteúdos deste último. Pela adaptação, o sujeito se harmoniza aos valores e práticas sociais; pela individuação, torna-se único, concretiza o potencial que lhe é próprio e que ninguém mais pode realizar além dele. É um processo contínuo, de natureza individual e única e que, portanto, não chega a um final objetivo e comum a todos. Nos contos de fadas e nas lendas, é frequentemente representada pela *jornada do herói*.

Referências

Jung, C.G. Tipos psicológicos (OC vol VI), §§ 853-856.

Jung, C.G. O eu e o inconsciente (OC vol VII-2), §§ 266-270.

persona - (*die Persona*) do latim *persōna* (máscara, personagem). É um sistema de relações entre a consciência individual e o meio social que consiste em personalidades parciais que são expressas conforme cada situação. A persona apresenta uma faceta do sujeito ao mesmo tempo em que mantém velados outros aspectos de sua natureza. É uma função de adaptação do indivíduo, que favorece o desempenho dos papéis sociais. Quando o sujeito se identifica com a persona, pode haver supressão de outras características do indivíduo.

Referências

Jung, C.G. O Eu e o inconsciente (OC vol. VII-2), §§ 243-253; 269 e 305-308.

Jung, C.G. Os Arquétipos e o inconsciente coletivo (OC vol IX-1), § 221.

Self – na obra de Jung em alemão, *das Selbst*. É o *arquétipo* central da psique, que rege os demais arquétipos e ao mesmo tempo é a totalidade da psique. As imagens psíquicas por meio das quais se expressa correspondem à divindade, ao sagrado, ao incognoscível, ao ser supremo muito acima do humano, à Pedra Filosofal, entre outras. É também referido como o *Si-mesmo*. Carlos Byington faz uma distinção entre *arquétipo da totalidade* e *arquétipo central*.

Referências

Jung, C.G. Tipos psicológicos (OC vol VI), § 89I.

Jung, C.G. Aion (OC vol. IX-2), §§ 43-67.

símbolo - do grego *symbolon* (σύμβολον) “lançados juntos”. Em alemão, *das Symbol*. É a melhor expressão possível de uma realidade que não tem como ser apreendida de outra maneira. Está situado no limiar entre a consciência e o inconsciente e portanto é uma expressão parcialmente inconsciente, que carrega energia psíquica capaz de impressionar e causar fascínio. Quando seu conteúdo se revela e é tornado consciente, o símbolo enquanto tal morre e passa a ter valor apenas histórico. O símbolo distingue-se do signo, que possui apenas significado conhecido e delimitado.

Referências

Jung, C.G. Tipos psicológicos (OC vol VI), §§ 903-917.

Jung, C.G. A energia psíquica (OC vol VIII-1), §§ 91-95.

sombra – em alemão, *der Schatten*. É o conjunto de aspectos pessoais que consideramos desfavoráveis ou inaceitáveis, como tendências, traços de personalidade e caráter que são alijados da consciência e fazem parte do inconsciente pessoal, sendo passíveis de conscientização. A sombra constitui-se de conteúdos pessoais organizados em torno de um núcleo arquetípico e é inerente ao indivíduo, ao qual confere substância, densidade e profundidade. A integração da sombra é um processo fundamental para o desenvolvimento da personalidade. O indivíduo grandemente dissociado de sua sombra apresentará características de superficialidade, unilateralidade, pouca naturalidade, com forte tendência a projetar os conteúdos da sombra maciçamente no outro.

Referências

JUNG, C. G. Aion (OC vol. IX-2), §§ 13-19.

JUNG, C. G. A Vida Simbólica (OC vol. XVIII-1), §§ 38, 40.

Esperamos que esse espaço seja fértil em trocas e criatividade, com cartas, informações e assuntos de interesse. Nesse número, apresentamos algumas das diversas felicitações que recebemos pela iniciativa de Diálogos Junguianos e noticiamos alguns eventos. Sintam-se à vontade para contribuir!

Lançamentos de livros

A cada ano que passa a literatura junguiana aumenta em volume e qualidade. O ano de 2017 foi prolífico no aparecimento de novos trabalhos de analistas junguianos no Brasil. Tivemos o lançamento de importantes obras como

Pescaria Noturna – elaborando criativamente o lado escuro da psique, de Gloria Lof-ti, Yedda Macdonald e outros autores (editora Appris);

Livia e Guma ou a história que Jorge conta e eu reconto navegando nos mares junguianos, de Ana Suely Vieira (Iglu editora);

Os sonhos na terapia junguiana de casal – um modelo de análise, de Maria Silvia Costa Pessoa (editora Appris) *O banquete de psique*, de Gustavo Barcellos (editora Vozes);

Etapas da família – quando a tela nos espelha, organizado por Marfiza Reis (editora Appris), com textos de doze analistas;

Psicopatologia simbólica junguiana, de Carlos Byington;

Anima-animus de todos os tempos, organizado por Maria Zélia de Alvarenga (editora Escuta) e *Criatividade, arte e psicologia junguiana*, organizado por Durval Luiz de Faria e Liliana Wahba (editora CRV);

Os Animais e a psique – volume 2, de Denise Ramos e outros autores (editora Summus)

Foram ainda reeditados esse ano *Jung, o homem criativo*, de Luiz Paulo Grinberg (2ª edição, editora FTD) e *O Intercâmbio das psicoterapias*, organizado por Roberta Payá (2ª edição, editora Roca)

Eranois

Teve lugar em Barueri-SP, dia 19 de agosto, a sexta edição do Eranois, encontro dos analistas da 8ª turma da SBPA, tendo como tema, esse ano, *Amizade – as múltiplas faces do arquétipo fraterno*. Em um clima de reencontro e alegria, ocorreram as criativas apresentações de analistas como Mário Catelli, Dora Eli, Deusa Robles, Elizabeth Gimael, Ana Suely Vieira, Durval Luiz de Faria, Laura Villares de Freitas e Carolina Luz. O evento foi encerrado com um *workshop* coordenado por Paula Esteves e Grayce Vilas Boas, intitulado *O arquétipo do fraterno*. Destacamos que, sem qualquer combinação prévia, praticamente todas as apresentações tiveram forte realce em temas ligados à arte, música e literatura, conjugados com o tema central do evento, revelando, talvez, que uma das faces do *fraterno* seja o *artístico*. O 7º Eranóis ocorrerá em Araraquara-SP nos dias 24 e 25 de agosto de 2018, com o tema: *Morte como aspecto da vida*.

Moitará



Terá lugar em Campos do Jordão-SP, de 24 a 26 de novembro, a 29ª edição do Moitará, encontro dos analistas da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica (SBPA). O tema desse ano é *Erotismo e sexualidade no Brasil – transgressões, transições e transformações*, e contará com palestrantes como Alexandre Saddeh, Álvaro Ancona de Faria, Ana Lia Aufranc, Fernanda D’Umbra, Maria Filomena Gregori, Marisa Santanna Penna, Miriam Chnaiderman, Reinaldo Moraes, Vera Viveiros de Sá, dentre outros.

O Moitará foi criado em 1978 e reúne, além dos analistas, profissionais de outras áreas do conhecimento. Em edições anteriores foram tratados temas como *Amazônia, religião, escravidão, teatro, morte e poesia*, entre outros. Mais informações em www.sbpa.org.br.

Agenda de eventos

English version on page 124

2017

novembro

11/11 Who is my Jung?

Celebrating 40 Years of the Association of Jungian Analysts
The British Library, London, Reino Unido

24/11 XXIX Moitará - Erotismo e sexualidade no Brasil
a **26/11** *Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*
Campos do Jordão-SP, Brasil

dezembro

01/12 Analysis & Activism III
a **03/12** *Czech Association for Analytical Psychology*
Praga, República Tcheca

04/12 Symposium on Jung's Writings
Praga, República Tcheca

2018

fevereiro
julho

19/02 Winter Intensive Study Program
a **24/02** C G Jung Institute, Zurich, Suíça

11/07 VIII Congreso Latinoamericano de Psicología Junguiana
a **14/07** Identidade latinoamericana: luzes e sombras
CLAPA - Comité Latinoamericano de Psicología Analítica
Campos do Jordão-SP, Brasil

16/07 XXXII Boitatá - Alimentos do Corpo e da Alma
a **19/07** São José dos Campos-SP - Brasil

Agenda de eventos

02/08 **IAAP/IJAS Conference - Indeterminate States: trans-cultural;**
a 05/08 **trans-racial; trans-gender**
Goethe University, Frankfurt, Alemanha

24 e **VII Eranois**
25/08 *Conexões Junguianas*
Araraquara-SP, Brasil

30/08 **IV European Congress of Analytical Psychology**
02/09 Bridging the Familiar and the Unfamiliar in the Europe of Today:
Cultural, Clinical, and Theoretical Perspectives
Palais des Papes, Avignon, França

agosto

Instruções aos autores

English version on page 126

Diálogos Junguianos é um periódico semestral da *Conexões Junguianas*, que publica trabalhos na área de psicologia analítica, em seus aspectos teórico-filosóficos, clínicos, aplicados ou em associação com outras áreas do conhecimento. Serão publicados, após seleção, trabalhos nas modalidades abaixo descritas. Estes devem ser originais e não devem ter sido apresentados a outra publicação simultaneamente. Podem ser enviados em inglês, espanhol ou português. Autores de artigos nesses dois últimos idiomas deverão providenciar sua tradução para o inglês quando os editores assim requererem. Examine um exemplar da edição atual para maiores detalhes.

Modalidade	Caracteres (com espaço)
Artigo original – resultados de pesquisa, ampliação simbólica, descrição ou análises de temas. Deve ser observada a metodologia correspondente e os resultados, se houver, devem estar fundamentados cientificamente.	15.000 a 35.000
Ensaio – exposição de ideias, reflexões, críticas, ou elaboração de formulações sobre um tema. Pode se mostrar parcial, incluir a defesa de pontos de vista próprios, e apresentar proposições. É de natureza mais crítica, livre e subjetiva, mas deve conter fundamentações.	15.000 a 35.000
Artigos de revisão – revisão crítica e aprofundada de tema de relevo, que aporte originalidade ou inovação.	15.000 a 35.000
Estudo de caso – apresentação, análise e discussão de caso clínico de interesse. O paciente não será identificado sob nenhuma circunstância e o autor deve enviar declaração por escrito de que obteve a autorização formal deste para a publicação de seu caso.	15.000 a 25.000
Resenha – apreciação, comentários e crítica, sob a perspectiva da psicologia analítica, de obra literária (poética, ficção, técnica), ou artística (incluindo filmes, peças teatrais, exposições, obras de arte).	3.000 a 8.000
Comunicação – apresentação de relato breve ou informação relacionada à atividade clínica, teoria, história ou atividades ou acontecimentos contemporâneos relevantes.	1.000 a 5.000
Cartas ao editor – comentários, críticas, sugestões, opiniões, demandas sobre algum conteúdo publicado ou sobre a política editorial.	até 5.000

Formatação

Texto em Microsoft Word, fonte Times New Roman 12, espaçamento 1,5, margens padrão, parágrafo justificado.

Título: em Times New Roman 14, no máximo 40 caracteres, incluindo os espaços. Subtítulos, se houver, em Times New Roman 12, em negrito, com no máximo 30 caracteres.

Resumo: com até 200 palavras, com 5 a 8 palavras-chave separadas por vírgula.

Informação do autor: nome, profissão, afiliação institucional (se houver), títulos, atividades, cidade e país de origem e endereço eletrônico para contato. Máximo de 90 palavras.

Citações: entre aspas duplas, seguida do nome do autor e ano da publicação entre parênteses. Não usar itálico: “a sombra pode ser projetada no outro se não estiver bem integrada” (Silva, 2004, p.32).

Citações de mais de três linhas terão recuo de 4 cm da margem esquerda, não terão aspas e serão em fonte menor (10 ou 11).

Citações diretas (cópia textual fiel) deverão informar o número da página (Silva, 2004, p.32). No caso das obras completas de Jung, informar o parágrafo (Jung, 1998, § 456).

Citações indiretas (paráfrase, menção, texto reformado): basta indicar nome e ano. (Silva, 2004).

Destaques de texto, títulos de obras, vocábulos em idioma estrangeiro: em itálico (não utilizar negrito). Em itálico também os termos *anima* e *animus*. Self com maiúscula e sem itálico.

Abreviaturas: por extenso ao serem mencionadas pela primeira vez.

Referências: não incluir notas de rodapé, apenas notas finais, se necessário.

Fotos e ilustrações – se houver, em formato JPG ou TIFF, com resolução mínima de 300 dpi. Aquelas que possuam direitos autorais vigentes devem vir acompanhadas de permissão de uso por escrito do detentor. Imagens de domínio público devem ter essa informação.

Gráficos – se houver, devem conter legendas descritivas.

Referências

Incluir apenas as referências feitas no corpo do texto, em ordem alfabética por autor, conforme exemplos abaixo:

Artigo*	Carvalho, R. Synchronicity, the infinite unrepressed, dissociation and the interpersonal. <i>Journal of Analytical Psychology</i> . 2014; 59:366-384.
Livro	Jung, C.G. <i>Memórias, Sonhos, Reflexões</i> . 26ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.
Capítulo de livro	Pankseep, J, Trevarthen, P. The Neuroscience of emotion in music. In: <i>Communicative Musicality: Exploring the basis of human companionship</i> , Malloch, S. Trevarthen, C. editors. Oxford: Oxford University Press, 2009.
Teses e dissertações	Araújo Costa P. A homeopatia e a psicologia junguiana na abordagem de pacientes psiquiátricos em hospital psiquiátrico: um estudo de coorte. São Paulo: Escola Paulista de Medicina, 2004.
DVD, Blu-ray	Wilhelm, B. <i>Wisdom of changes – Richard Wilhelm and the I Ching</i> Filmkinotext / Schwarz Weiss Filmverleih / Triluna Film. Switzerland, 2011. 1 DVD, 87min. Boorman, J. <i>Excalibur</i> . Warner Bros. England/USA, 1981. 1 DVD, 140min.
Internet	Assis, M. <i>Dom Casmurro</i> . Disponível em http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/romance/marm08.pdf Acessado em 10 de abril de 2016. Center for Diseases Control and Prevention (CDC). <i>Burden of mental illness</i> . Disponível em http://www.cdc.gov/mentalhealth/basics/burden.htm Acesso em 04 de outubro de 2013.
Faixa de música - CD	Caymmi, Dorival; Guinle, Carlos. <i>Não tem solução</i> . In: Santiago, Emílio. <i>Aquarela brasileira 5</i> . Rio de Janeiro: Som Livre, 1992. 1 CD. Faixa 2.
Música na internet	Veloso, Caetano. <i>Sampa</i> . Disponível em: http://letras.terra.com.br/caetano-veloso/41670/ Acesso em 9 de maio de 2012.

*incluir o nome de todos os autores, até o máximo de seis.

Atenção às eventuais alterações de referências bibliográficas quando da tradução do trabalho para o inglês. Quando a obra referida existir na língua inglesa, esta edição deve ser citada.

Envio

Os trabalhos deverão ser enviados para o endereço eletrônico dialogosjung@gmail.com. No corpo do texto não deverá constar qualquer sinal que permita a identificação de sua autoria, além do tópico “informações do autor”. Imagens e ilustrações, se houver, devem constar no corpo do texto e também devem ser enviadas em arquivos à parte, na resolução mínima exigida, para a publicação. Em nenhum caso o material será devolvido.

Avaliação e seleção

Os trabalhos apresentados serão avaliados por pares em sistema de duplo cego. Os critérios são originalidade, criatividade, interesse teórico ou clínico e validade científica, além de relevância e adequação à publicação. Serão observados também aspectos ético-profissionais. Motivos de não-aceitação não serão informados. A eventual aceitação será comunicada dentro de 40 dias, quando começará o processo de revisão junto ao autor. Após a conclusão desta, o autor deverá autorizar formalmente, nos termos da revista e por e-mail, a publicação de seu trabalho, sem o que ela não ocorrerá.

DIÁLOGOS
JUNGUIANOS

Jungian Dialogues

Original article

Brazil - revisiting some myths

Maria Helena Mandacarú Guerra

Abstract

This article considers some myths that illustrate, according to the author's perspective, the moment that Brazil is going through. The mythical themes are used here not only as a support for reflection, but as a proposal to confront the collective shadow that has emerged in our country. The author states that the difficult answer to our crisis lies in the elaboration of our masochistic and undervalued status as a people, which will only be possible by strengthening consciousness in the pattern of alterity. For this, the matriarchal (which manages the satisfaction of basic necessities) and patriarchal archetypes (which allows the affirmation of fundamental rights) must be recognized and integrated into the collective consciousness.

Keywords

anima-animus, types of love, dynamics of conscience, crimes, reparations, soul-making

We Brazilians are currently undergoing a very troublesome period, and have seen the shadow of our nation exposed. Our guts have spilled out, revealing the most shameful frauds, blatant lies, conspiracies, and planned schemes, worthy of Al Capone. The worst of human nature has been and is being revealed to a stunned and shocked people. The fierce polarization of recent months has given way to general dismay at the disgrace with which authorities disrespect principles and think, first and solely, about how to have their own backs and protect their own pockets. With the good humor that we maintain even in the worst scenarios, we are told that now we no longer divide ourselves between *coxinhas* and *mortadelas*. We have all become *pamonhas*.

This political-economic-financial crisis has been a huge setback, contaminating especially ethics and decency, and deeply damaging our capacity for hope. Psychopathy settled itself unceremoniously, shamelessly, exhibited in the jewels and in the millions of dollars acquired through the plundering of the public purse. Principles such as honesty, ethics, and respect were thrown into the gutter, from where the lurid language of crooks disguised as politicians surely derived, shaming the nation and demeaning our sense of justice.

But this article is neither about politics, nor economics, nor is it about the maladies whose effects will, as always, fall upon the shoulders and stomachs of the less fortunate. In fact, I write from this debacle in which we are all inserted (the great majority, by default), mobilized by this experience which, unfortunately, is not new. It appears in various forms, in different cultures and times, in various myths. Thus, while observing this horror show, I am reminded of some mythical passages.

Hinduism speaks of four great eras (*yugas*). Today we would be living in the fourth, called *Kali Yuga*. At the end of this era, when the darkness reaches intolerable levels, the arrival of Kalki, the tenth incarnation of Vishnu, is expected, which, according to Hinduism, arises whenever evil reigns and reaches intolerable levels.

According to Sukadeva Goswami, the mythical author of *Srimad Bhagavatam*, or *Bhagavat Purana*, in this era only wealth will be considered a sign of good birth, proper behavior and good qualities. And law and justice will be applied only on the basis of the power of the individual. Men and women will live together because of mere superficial attraction. Business success will depend on fraud. Femininity and masculinity will be judged according to the person's sexual expertise. And a man will be known as a Brahmin just by wearing a cord. One's spiritual position will be determined only by external symbols, and on the basis of this same principle people will shift from one spiritual order to another. The dignity of the man will be seriously questioned if he does not have a good salary. And one who is very expert in verbal juggling will be considered a learned scholar.

Someone will be deemed profane if he has no money, and hypocrisy will be accepted as virtue. [...] A place consisting only of a reservoir of water in a distant place

Maria Helena Mandacarú Guerra

(Brazil) psychologist, master in clinical psychology at University of São Paulo - USP. Professor in the specialization course in Jungian Psychotherapy and Body Approach since 1982. Co-editor of *Jung e Corpo* (Jung and Body) journal. Author of *The Love Drama of C.G.Jung: As Revealed in His Life and in His Red Book*.

Email:

mhrmg Guerra@gmail.com

will be considered sacred, and beauty will be judged by the hairstyle of each. To fill the belly will become the goal of life, and whoever is audacious will be accepted as truthful. He who succeeds in maintaining the family will be considered skilled, and religious principles will be observed only because of reputation. As long as the Earth fills itself with a corrupt population, whoever, among any of the social classes, shows to be the strongest will attain political power. Losing their wives and estates to such avaricious and inhuman rulers, who will behave no better than ordinary thieves, citizens will flee to the mountains and forests. Tormented by hunger and excessive taxes, men will resort to leaves, roots, meat, wild honey, fruits, flowers and seeds to feed themselves. Hit by drought, they will be completely ruined. Citizens will suffer greatly from the cold, wind, heat, rain and snow. They will be tormented still by quarrels, hunger, thirst, disease and severe anxiety.

[...] Most kings will be thieves, the occupation of men will be robbery, lies and unnecessary violence (Song 12, chap. 2, verses 2 - 16)

Although this text sounds so current, it dates back to around 800 to 1000 AD. An in-depth analysis, comparing it to our reality, is not necessary because it is obvious. I would simply like to point out the importance of the mythical symbols and to reiterate that they sometimes point the direction to be followed, but can also lead astray, toward tragedy; which can only be avoided through the development of consciousness.

Perhaps an example will better explain what I mean. Let us consider the myth of Icarus. He was imprisoned along with his father, Daedalus, in the famous maze constructed by him to house the Minotaur. Ingenious and creative, Daedalus created wings for himself and for his son, so that they could escape. Icarus was warned, in vain, not to get too close to the sun, for the wings were bound with wax and would melt in the heat. The pleasure of flying high caused the reckless and omnipotent boy to plunge into the sea and die. The failure to elaborate his true condition, his preparation, his limits, resulted in Icarus suffering this tragedy. This will repeat itself whenever we surpass the *metron*, the right measure. Only the development of consciousness can change this outcome. Without it, the outcome will inevitably reproduce that of the myth.

As analysts, we know that the search for consciousness is hard work, prone to regression and failure. It takes a great deal of effort, determination, courage,

sensitivity and persistence to follow, with relative success, the path to developing consciousness. With each unsuccessful step, with each imprisonment in the shadow, we regress or, at best, stagnate. This is even more true for the collective consciousness, composed of millions of people, who easily incorporate and act out the herd instinct.

Thus, whenever indiscrimination dominates the collective consciousness, when the greater good is equivalent to no-man's land, when solidarity and respect for others do not exist, collective behavior will be predominantly irrational, impulsive, regressive, primary, and unrefined. Consciousness, whether individual or collective, will be poorly developed; instinctive reactions will manifest themselves freely; the primary impulses will be expressed without any elaboration – these are examples of existential situations in which the tragic myths that reveal real blockages in the development process are expressed almost literally in life. Thus, if myths that reflect basic modes of functioning – standard, impulsive, defensive ways of reacting and dealing with life without any elaboration – are followed to a T, without seeking transformation, the outcome will be the same as the ones found in them.

As I write, I cannot help but think of *Mahabharata*, an epic Hindu narrative attributed mythically to Vyasa, which describes the terrible battle of Kurukshetra, fought between cousins. Dhritarashtra, the blind king, was married to Gandhari, who, knowing that her future husband was blind, put a blindfold on his eyes and refused to remove it.

As we know, symbols must be interpreted within their context and there is no single meaning that encompasses them. In the case of blindness, it is sometimes considered a doorway to inner knowledge, which can also lead to wisdom and prophecy. This is the case with Tiresias. In *Mahabharata*, however, the blindness of Dhritarashtra and Gandhari are dominantly defensive, symbolizing, among other aspects, the inability to perceive the world around them (Guerra, 2003).

Their one hundred children were born undifferentiated, as a single mass of flesh, and only after being divided, placed in pots and dampened, did they appear as people. They grew up without being seen, physically and emotionally, by the parents, a harmful absence for the development of any child. They grew up imprisoned in the shadows and, in terms of character, they represent evil, defensive envy, pride, lack of compassion, greed and the desire for power. Blind, the parents

were unable to distinguish between the character of their children, the Kauravas, and the character of their nephews, the five Pandavas.

As they grew up, the difference between the Kauravas and the Pandavas became more and more accentuated. Being the children of different deities (Dharma, Indra, Vayu, and the Aswins, the twin gods), the Pandavas carried the principles of justice within themselves, they stood out in everything they did, and were generous, strong, virile, kind, beautiful, brave and possessed a series of positive attributes.

Among other accounts on the dispute over power in this family, the *Mahabharata* has a passage called *The Dice Game*. With rigged dice, the victory of the Kauravas is guaranteed. But the cheating does not last forever, and after suffering a few years of exile, the Pandavas heroes return and win the war. The price is a terrible one, and hopefully we will not arrive at this defensive extreme: complete destruction of the kingdom.

Faced with the present circumstances, it is impossible not to also think of the legend of the Grail, according to which the wound of King Amfortas generated stagnation and paralysis throughout the kingdom. To strike a ruler, the symbol of an entire kingdom or nation, implies striking the whole that it represents. The suffering of all, the effect of the devastated land, hurts ordinary citizens. In the myth, the kingdom can only recover if the king is healed, and this can only happen if the Grail, the chalice that received the blood of Christ on the cross, is found and redeemed. This feat is carried out by Parsifal, the hero who overcomes his initial ignorance and foolishness and recovers the ultimate symbol of redemption. The Grail, brought by Parsifal, symbolizes the possibility of the consciousness bringing together opposites and functioning dominantly in the pattern of alterity.

Consciousness developed within the pattern of alterity considers that differences have the same rights of expression, that the richest is not better than the poorest, that whites are not superior to blacks, nor man to woman. It is the pattern in which light and shadow are perceived not only in the ego or in the other, but in both. It is in the functioning of alterity that democracy is rooted in its full meaning, and in which solidarity, consideration for others and compassion prevail (Byington, 2008).

Returning to our situation, we are, like King Amfortas and his kingdom, wounded. The shadow that struck the king has affected us. Sometimes, by virtue of

repressed sexuality (Byington, 2015); other times, by the abuse of unbridled power and greed. The shadow of democracy showed itself wholeheartedly and soullessly: lies, corruption, impudence, conspiracy, selfishness, demagoguery appear in torrents. And yet a Parsifal has not appeared on the horizon to redeem us – or has not yet been recognized as such... I do not mean to say that there will be a savior to get us out of this mess, but that the pattern of consciousness symbolized by Parsifal will be needed to guide us henceforth, under the penalty of us not learning from the difficulties and remaining, as a people, fixed in a sadomasochistic relationship with the same rulers, worthy representatives of the model (which should have long been discarded) of hereditary captivities.

To develop the pattern of alterity, however, we must have well-established matriarchal and patriarchal patterns of consciousness. They are indispensable in this situation, because it is the matriarchal standard that manages the satisfaction of basic needs, such as eating, living, self-care(health), tranquility (security), the right to life. The abstraction provided by the pattern of patriarchal consciousness will allow people to go beyond these functions and value the presence of other needs and rights, such as knowledge, education, ethics, citizenship, respect, good use of money paid through taxes, etc.

As a people, we must free ourselves from this sadomasochistic position, which will only be possible with the development of our consciousness and the consequent increase of self-esteem and recognition of our value and rights. Our inferiority complex, or "mutt complex," as we like to call it, must be worked out so that we can overcome our contempt for ourselves as a people. The openness with which we welcome foreigners, our receptivity and affection, if on the one hand is very positive, can, on the other, conceal our shadow of worthlessness, often expressed by the way we are dazzled with what is imported, especially from Europe and North American. It is urgent that we develop a creative patriotism in which openness to the other – be it a foreigner or a leader – is not equivalent to submission or humiliation, but based on mutual respect and recognition of the rights and duties of all people, regardless of social class, purchasing power, culture, age, health, race, sex or religion.

Just as Parsifal redeemed Amfortas' kingdom, and just as the Hindus expect Kalki to free them from the *Kali Yuga*, we Brazilians must also seek a path of hope and salvation. Not a hero fabricated by the media, or shoved down our throats, but someone who can actually bring a new consciousness, in which respect, consid-

eration, solidarity, compassion, and ethics are present not only in the discourse but in the actions.

Changing the collective consciousness is something that is difficult and slow. It does not happen in a few generations. But surely, we are already saturated with authorities unable to see beyond their personal interests. Without a model of a competent leader, who is ethical, fair, benevolent, respectful, honest and compassionate, we will remain adrift, subject to control and abuse, to all forms of manipulation and to the ruthless extermination of children and youth, killed socially through the lack of culture, or physically, through the violence of hunger and weapons.

It is urgent that we contribute to the construction of a collective consciousness, in which the consciousness of alterity predominates, in which the individual and the people are as important and respected as the others, the powerful ones, and in which everyone, without exception, has equal rights, even if this seems idealistic and all we can do now is add a small drop of clean water to a vast sea of mud.

Received on August 06, 2017. Approved on September 14, 2017.

References

Byington, C. A. B. *Psicologia simbólica junguiana – A viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação*. São Paulo: Linear B, 2008.

_____. O arquétipo da alma, a sexualidade, o amor e a ferida de Amfortas. Uma interpretação da psicologia simbólica junguiana da lenda do Graal. *Junguiana*. 2015; 33/1:57-65.

Goswami, S. *Srimad Bhagavatam*. Available at <http://bhaktipedia-portugues.blogspot.com.br/2015/08/srimad-bhagavatam-completo-12-cantos.html> Accessed in August 04, 2017.

Guerra, M.H.R.M. A cegueira de Gandhari. *Jung & Corpo*. 2003; 3:103-III.

Vyasa. *El Mahabharata*. Barcelona: Edicomunicación, 1986.

Original article

Identity and Heritage: conflicting symbols

Celia Brandão

Abstract

This article deals with the theme of heritage as a constitutive element of identity. Every heritage is presented as a possible continuation of a finite being and, paradoxically, is a matter to be transformed into the search for identity of every individual, culture and society. The conflict between identity and heritage allows for the symbolic recovery of individual and collective memory on the one hand and on the other, the fluidity of ties. The principle of fairness in the right to inheritance and the search for differentiation of every human permeate the process of individuation. When this process is affected by the loss of connection with facts, memory, ties, people who to us are also legatees, a gap in our identity occurs.

Keywords

identity, conflict, heritage,
memory, culture, society

Those who have memory are able to live in this fragile moment. Those who do not, live nowhere.(Guzmán, 2015)

Among the many challenges humans face today, the search for inclusion and the need for affirmation of one's own identity before an infinitely plural world become evident. We are invited daily to restrict our identity in face of the political and social dynamics of our community.

In the 19th century, Freud introduced by means of the notion of the unconscious, the original question on the relative autonomy of the subject. The concern during that century was with the necessary dominance of instincts in order to better adapt. Jung (1986) highlighted the necessary overcoming of the *ego's* arrogance of being the guardian of the psyche and the identity of the subject in face of the demands of the *self*. Always linked: freedom and responsibility; the

exclusive responsibility of the *ego* in the process of individuation is extended to the natural law for transformation of the human spirit.

Here, identity is understood as being mobile (Hall, 1992), which results in a practice of citizenship not as mere obedience and adaptation to the law, but as each one's ethical and political practice in the task of individuation, also transforming their surroundings.

Psychologists and analysts still wonder about the relative freedom of the individual when building a sense of identity. The theme of personal identity links the conflict between equality and difference. The tension pointed out happens historically, between two opposing concepts of freedom: a negative, which refers to the manifestation of differences in the private sphere, and a positive, with regard to the affirmation of identity in the public sphere. In short, the negative freedom referred classically to freedom of action in the private sphere, while the positive referred to the collective subject, namely "freedom of a people to self-determination" (Martucceli, 1996, p. 21).

In modernity, the idea of self-determination of an individual subject who is also a member of a group emerges and, therefore, the possibility of autonomy of that individual within the community. Freedom of action in a private sphere is structured along a desire for identity affirmation in the social sphere. "At the primacy of 'general will' as essence of politics, succeeds the primacy of the authenticity policy." (Martucceli, 1966, p. 22).

The tension between the desire for identity affirmation in the private sphere and the desire of belonging and being equal in the public sphere define the "contradiction of identity dynamics" (Martucceli, p. 22), which manifests itself as an ethical conflict, as we now understand to not have inherited a ready-made system, be it ethical, legal, political, or a single idea about goodness, justice or the community.

Celia Brandão

(Brazil) is a psychologist, graduated from the University of São Paulo in 1975. Member of the Brazilian Society of Analytical Psychology (SBrPA) and International Association for Analytical Psychology (IAAP) since 1993. Director of Education of the Latin American Committee of Analytical Psychology – CLAPA and member of the Scientific Committee of the CLAPJ. Works in private practice attending individuals, couples and families and also as a conflict mediator. She has published several articles and co-authored books. She has worked for several years with couples and family violence.

Email:
celiabrandpsi@gmail.com

To become a subject and find a unique identity involves not only knowledge, but also a decision or choice. This decision includes the presence of "the other in me" (Derrida & Roudinesco, 2004, p. 70), through an "identifying reproduction" (Derrida & Roudinesco, p.71) which guarantees the construction of a culture. With the progress of science, especially of assisted reproduction, new types of kinship and filiation emerge, as well as of family and community. New spaces and references for choosing, taking into account individual values and the social responsibility in the process of identity formation.

According to Mattei, even in the condition of biological inheritance proposed by the cloning technique, one can reproduce a physiognomy or anatomy, however, not "a memory, emotions or consciousness." (Mattei, 2004, p. 241). Therefore, psychic heritage is constructed by taking into account the subject's choices within a culture. [...] The author says: "I believe much more in freedom than determinism, as well as in the humanity of man that does not inscribe on DNA molecules." (Mattei, p. 242)

Borders of Identity and Heritage

Though we live in a pluralistic world, or in the words of Mia Couto (2013), in a universe that is "pluriverse" or "multiverse" we seek models compatible with the state of war to establish boundaries of our identity, models focused on what separates us from each other and not on what unites us. They are borders built as a defense against difference, which actually reflects a dissociation of the collective consciousness and a social malaise. The emphasis on biological identity and the abandonment regarding the care of social ties denounces a defensive attitude towards diversity. Groups and communities close around themselves or an ideology, as an illusion to guarantee their identity. We learn to demarcate ourselves from the Other and from the Stranger, as if they were threats to our integrity, even if nobody knows what this integrity really consists of. (Couto, 2013, p. 197).

The impervious frontiers of thought emphasize the egoic need to avoid contradiction and, thus, the dark aspects of our beliefs are denied. Intimacy, when reduced to mere similarity or identification, is no longer a relationship, an exchange or dive into the other, it becomes, instead, fused with an idea, together with the denial of what is different and strange to us.

If we deny our ancestral heritage or, instead, merge the subject into the history of their ancestors, seeking certainties and warding off the conflict, we fail to fulfill the double injunction of those who inherit: on the one hand to accept the inheritance and the other to behave as free subjects before it, in a creative manner.

All deconstruction, as part of the identity process, should consider the thread, the border, even if tenuous, that separates us from each other and take care not to sacrifice the differences. I add that this same thread that separates us is also the bridge that allows for our resemblances. We are heirs because we are finite beings and heritage is what calls for life to the extent that it claims a critical and transforming action to make history. This critical action reframes the psychological dimension of the heritage that connects us to the past and enables the present.

When a collective value is threatened and there is no tolerance of differences it becomes necessary to search for a meaning that includes contradictions, such as heterogeneity and complexity. If we fear losing what makes us feel included or recognized within the group, we fail to behave as responsible builders of own heritage and identity. However, differences are not simple opposites, they represent, in fact, "a reference to alterity, to a heterogeneity that is not primarily oppositional." (Derrida & Roudinesco, 2004, p. 34).

It is necessary to be unfaithful to heritage, an act that, paradoxically, renders us responsible before it, which authorizes us to act and speak based on what affects us, what kidnaps us emotionally, on what causes our conflicts.

Furthermore, our identity is more than a professional group, a nationality, a race, a religion, a familiar origin, a genre. It implies a sense of freedom that shares individual rights, social justice and political responsibility. This notion of freedom includes diversity, that is to say, equal opportunities also taking into account the differences within a community.

Dubar (1998) points out two ways to address the issue of identity. A way that considers the psychological identification as preceding social categorization, and another in which individual identities are reduced to subjective identification with roles occupied by the subject in social settings.

The analysis perspective that emphasizes the tension between psychological identification and social categorization should also consider the feelings and the meanings that underlie the subject.

What cannot be calculated or defined a priori is the affection function in our choices, involving another and the mediating function of the symbol. According to Derrida, "The other, the arrival of another is always incalculable." (Derrida & Roudinesco, 2004, p. 75).

The boundaries between identity and heritage make the heir doubly indebted: by its past, by its origin and by a future of which it will only have flashes. Destiny, ancestral trait, memory, reprint, transgenerational wound versus relative freedom of self-construction, express the symbolic conflict between identity and heritage. Reports of the damage caused by Nazi persecution, as reported in Pawel Palikowsky's movie "Ida" are examples of the importance of awakening the pain of the soul, the reconstruction of ancestral memory and origin to rescue a wounded identity.

Ida, while trying to rescue her own identity, leaves the Catholic convent in which she was raised, despite her Jewish origin, and moves to the home of an aunt who rescues the remains of her parents and brothers murdered during the the Nazi occupation in Poland. But this attempt at self-redemption lasts a short time. When her aunt dies, Ida returns to the house and the objects that could bring her back to her origin, but she had lost her soul, the meaning for her existence. She refuses to live in a society that committed the atrocities of the Holocaust. She escapes from the memory itself, which generates the identity conflict and leaves her powerless. Then she returns to live in the convent. She needed to forget that she was Jewish to ease her pain, distancing herself from the memories of all that she lost, family and origin.

The poetic work of Mia Couto brings his connection to his origins, his Mozambican roots, and the contradictions experienced between African connection to the land and nature, on the one hand, and the social changes imposed by a period of European colonization, on the other. The recovery of the meanings after the colonial period is also experienced by the poet. Mia Couto reports that, for him, writing poetry is also a path to recovering identity. As pointed out by Tatiana Caldas (2015), present in the work of the poet is "dialogue, instead of confrontation, between tradition and modernity" which will constitute a hybrid identity of the Mozambican in the postcolonial period. The task imposed upon being African is, on one hand, the recovery of ancestry and, on the other, [...] "taking into account the ethnic, social and cultural influence of colonization." (Caldas, T, s/d., P. 19).

I quote the poet Mia Couto:

Identidade

Preciso ser um outro
 para ser eu mesmo
 Sou grão de rocha
 Sou vento que a desgasta
 Sou pólen sem insecto
 Sou areia sustentando
 o sexo das árvores
 Existo onde me desconheço
 aguardando pelo meu passado
 ansiando a esperança do futuro
 No mundo que combato, morro
 No mundo por que luto, nasço.

Identity

I need to be another to be myself
 I'm a rock pebble
 I'm the wind that erodes it
 I'm pollen with no insect
 I'm the sand supporting
 the sex of the trees
 I exist where I unknow myself
 waiting for my past
 thirsting for hope's future
 In the world I fight, I die
 In the world I fight for, I'm born

Here, a double injunction of the subject is encompassed: that of receiving and that of transforming the legacy for the construction of an identity. The emotional bond with the legacy seeks reconnections. When this process is interrupted by the loss imposed in connection with facts, memory, ties, people who are also legatees to us, a gap in our identity occurs. In Couto's poem, death and rebirth are

linked: *In the world I fight I die / In the world I fight for, I'm born*. There is no separation between self and otherness: *I must be another to be myself*. Past and future are interwoven in the constitution of identity that is also where no consciousness dwells, in not knowing.

Referring to the war for the liberation of Mozambique in the early 1990s in the preface of the book *Estórias Abensonhadas*:

Depois da guerra, pensava eu, restavam apenas cinzas, destroços sem íntimo. Tudo pesando, definitivo e sem reparo. Hoje eu sei que não é verdade. Onde restou o homem sobreviveu semente, sonho a engravidar o tempo. Esse sonho se ocultou no mais inacessível de nós, lá onde a violência não podia golpear, lá onde a barbárie não tinha acesso. (Couto, 2012, p. 12)

[After the war, I thought, there were only ashes, impersonal debris. All grieving, definitive and without repair. Today I know it's not true. Where man was left, seeds remained, a dream to impregnate time. This dream was concealed in the most inaccessible part of us, where violence could not strike, where barbarism had no access].

The founding myth of psychoanalysis is Oedipus who, responding to the anxieties of a society with a predominantly patriarchal dynamic, proposed an order to the structure of inheritance based on the hierarchical principle of the father or founder as representative of the law. According to Jorge Forbes (2005), here we have the other's presence as an authority and as sole agent of the recognition of identity.

We understand that in the tragedy of Sophocles, Oedipus is the protagonist in the human quest for knowing one's origin and brings the tragic dimension of existence of not being able to escape from one's own history. The most shocking thing in Oedipus "is the insistent and disturbing statement by the play that it is just when you think you know where you come from that you are more likely to deceive yourself." (Goldhill, S, 2007 p.275).

Every inheritance is also a symbolic construction of the subject. I propose here three symbolic scenarios in the process of searching for identity from the point of view of inheritance: first, a state of fusion of consciousness with the unconscious archetypal heritage; second, a scenario in which the identification with the desires and fears of another elected spokesperson of inheritance prevails;

third, a scenario where authenticity is integrated into consciousness as meaning and part of the *self*. These scenarios of consciousness can occur dynamically, as moments of a rite of passage in search of an identity that translates into action and into new meanings.

An heir is not merely someone who receives, it is someone who chooses and strives to decide [...] The affirmation of the heir naturally consist in their interpretation, in choosing. They discern in a critical manner, they differentiate, and this is what explains the mobility of alliances. (Derrida & Roudinesco, 2004, p. 17).[free translation]

The construction of identity and heritage

Inheritance without choice, without the possibility of transformation is an imprisonment of the soul. This is the condition of the construction of identity in oppressive or omissive environments where the subject is prevented from being an agent of its own destiny, since there is no room for differences or equal opportunities. In this context, there is also no ethical space for the exercise of alterity, that is, for building bridges between differences.

The psychoanalytic care of patients who were victims of the abuse of power, for example, those who were deprived of their original territory and the recognition of their ethnic origin, demonstrates the existential void left by the deprivation of the right to inheritance, which is also a mortal blow to dignity and identity.

The impossibility of individual and collective psychic inheritance is a wound in those who see themselves distanced from their right to memory. Who am I? Who are my parents? Where do I come from? Where is my land, my home and the places that tell my story?

Ancestral heritage and personal identity are linked, but do not overlap. The psychological factor in ancestral memory – the *Anthropos*, the archetypal core of the human being – is present in the mythical and spiritual heritage and in the symbols of a culture. Personal identity is linked archetypally to the memory of ancestors, which is also present in our founding myths, be it from an ethnic group, a family group or individual subject. Only through a symbolic dive into individual and collective history may we rescue what is essential in our nature. It is crucial to the recovery of memory: the secrets, the gaps, the corpses that have been hid-

den, the lies that were told, the mythical elements of reconnection with history. According to Gambini, "even if the material conditions of life remain relatively preserved, a group disappears as such if its mythological dimension is destroyed." (2000, p. 147).

And so it is with each individual. The search for origin, from a starting point, is a natural movement of the psyche that casts us as finite beings and heirs to a history which precedes our task of transforming the present and participating in the construction of a future identity.

In Chile, at three thousand meters altitude, astronomers from around the world gather in the Atacama desert to observe the stars, since the transparency of the sky is such that it allows us to observe unto the ends of the universe. It is also a place where the dryness of the soil keeps human remains intact: those of the mummies, explorers and miners, but also the bones of political prisoners of the dictatorship. Although astronomers examine the most distant galaxies in search of probable extraterrestrial life, at the observers' feet, a group of women remove stones, looking for their missing relatives. (Guzmán, 2010).

The documentary "Nostalgia of Light" creates a powerful allegory of heritage and memory, portraying the pursuit of Chilean families whose loved ones were murdered during the military dictatorship of Pinochet.

The encounter with the remains of a family member is also the encounter with history and, for some of them, the reason to continue living. Archeology and astronomy are both immersed in the Atacama desert in search of "origin". This journey activates the archetypal memory, either at an "ethnological level, in the form of myths" (Jung, 2003, p. 137), or in the individual itself, in the form of fantasies and images. In this desert, the element that separates the astronomer (who studies the galaxy in search of other possible life forms) from the individual in mourning (seeking the remains of a loved one disappeared in the Atacama) is the nature of the emotional ties and memory which connect them to their respective missions, since, in the case of the latter, the search for rescue of origin was triggered by a traumatic event, the disappearance of a loved one. The reparation of a loss, of an absence, as well as the search for a meaning to go on living, dominate the consciousness of a grieving individual who was arbitrarily deprived of burying the dead. However, in both situations, identity and alterity appear necessarily linked.

Chilean women are immersed in this sandy desert looking for their relatives. They seek identity in the remains of loved ones who were killed, walking gently (as can be seen in Guzmán's documentary) not to hurt any mortal remnant of their heritage.

Every psychic inheritance implies a recovery of individual and collective memory. The nostalgia for an image or ancestral value should now be linked to an act of consciousness which will give it a new direction. Rescuing memory consolidates us as heirs of a history without which our sense of identity is lost and giving a voice to what has been silenced in the past. Rewriting this same memory is a political act. We have only small moments of the present, while the future is unpredictable.

Only a finite being inherits, and its finitude forces it to. It forces it to receive what is bigger, older, more powerful and longer lasting than it. But the same finitude obliges it to choose, to prefer, to sacrifice, to exclude, to put aside. (Derrida, 2004, p. 14).

This work was also motivated by the observation of the identity conflict of the generation born between 1980 and 1990 in Brazil, faced with the task of tracing goals and making choices. Here, the conflict between tradition and modernity seems present.

The relationship with heritage is assumed here as a source of despair and, hence, a tendency to deny it and to remain in a kind of idealized virtual identity where expectations are high. Something similar to the dynamic of the superhero hovering over human limitations and failures, in this case, of history itself, magically attempting to overcome it. However, since every Spiderman must land from time to time, the feeling of dissatisfaction arises, and at last, comes depression.

On the other hand, the lack of security regarding the future is also accompanied by a nostalgic longing to return to one's roots and rescue the references that legitimized the individual identity of the ancestors.

When fear and insecurity become predominant, rituals and values of collective consciousness can be incorporated as guarantees of identity, in an almost mimetic condition – a process in which individuality surrenders to collectivity, as with in oppressive regimes.

In this context, clinging merely to tradition as a guarantee of harmony and identity is no longer an alternative when facing the demand for new paradigms. In the end, there is only one way out: the rescue of heritage, even if for its possible and equally necessary transgression.

Hence the idea that the best way to be faithful to a heritage is being unfaithful to it, that is, to not receive it literally, as a totality, but rather to surprise its failures, to capture its “dogmatic moment”. (Derrida cited Roudinesco, 2004, p. 11).

Received on June 06, 2017. Approved on August 15, 2017.

References

Brandão, C. Identidade e Sucessão: Interface da psicologia com as empresas familiares. "Empresas familiares: Uma visão interdisciplinar". Coord. Roberta Nioac Prado. Cap. 5. São Paulo: Noeses, 2015.

Caldas, S. A. Tatiana. A Autorreflexividade em Mia Couto, Cadernos do CNLF, Vol. XVI, Nº 04, t. I – Anais do XVI CNLF, p. 17-29. Available at: http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/001.pdf Accessed in April 22, 2015.

Couto, M. Fronteiras do pensamento: depoimento. São Paulo, 2014. Depoimento conceito ao projeto Fronteiras do Pensamento.

_____. Repensar o pensamento, redesenhando fronteiras. In Pensar a Cultura/org Cassiano Elke Machado. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

_____. Raiz de orvalho e outros poemas. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

_____. Estórias Abensonhadas. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.

Derrida, J, Roudinesco, E. De que amanhã: Diálogo. Tradução de André Telles, revisão técnica Antonio Carlos dos Santos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

Dubar, C. Trajetórias e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. In: Rev. Educação & Sociedade., v.19, n.62, Campinas, 1998.

Forbes, J. Você quer o que você deseja? Rio de Janeiro: Editora Best Seller Ltda, 2005.

Gambini, R. Espelho índio: a formação da alma brasileira. São Paulo: Axis Mundi, Terceiro Nome, 2000.

Guzmán, P. Se hacen mejores negocios cuando la memoria está resuelta. Available at <http://www.youtube.com/watch?v=ZJp6kcPK7-E> . Accessed in March, 20, 2015.

_____. Nostalgia De La Luz (Nostalgia for the light). Sinopse <http://www.festival-cannes.com/pt/archives/ficheFilm/id/11018351/year/2010>. Acesso em: 20 de março de 2015.

Hall, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro; RDP&A, 1992.

Jung, C.G. Os Arquétipos e o inconsciente coletivo. OC, vol IX/I, Petrópolis: Vozes, 2003.

Jung, C.G. Símbolos da Transformação. OC, vol.V, Petrópolis: Vozes, 1986.

Martuccelli, D. As contradições políticas do multiculturalismo. In Rev. Brasileira de Educação, V, mai/jun/jul/ago n° 2, p. 18-32, 1996.

Biography

Nise da Silveira

Images of the Unconscious

Emmanoel Fenelon S. Câmara

Abstract

A short biography of Nise da Silveira (1905-1999), a Brazilian psychiatrist who developed expressive approaches in painting with chronic psychotic patients in a psychiatric institution, promoting clinical improvement and revealing true artists. She had theoretical basis in Jungian psychology, which she is considered to have introduced in Brazil. She also created the *Museum of Images of the Unconscious*.

Keywords

psychotic, image, art, museum of the unconscious, treatment humanization

Nise da Silveira was born on February 15, 1905, in Maceió. She is an only child. Her father, Faustino Magalhães da Silveira, was a mathematics professor and her mother, Maria Lydia da Silveira, an excellent pianist. Her father enjoyed literature and collaborated in a newspaper opposing the state oligarchy. Her mother also enjoyed reading and promoted *soirées* at home. Lacking piano skills, but very studious, and under the influence of her father's students, she enrolled at the School of Medicine of Bahia at the age of 16. She was the only woman in a class of 157 students. She graduated in 1926, with the thesis entitled *Essay on the criminality of women in Brazil* and then married the sanitarian Mário Magalhães da Silveira (1905-1986), who was her classmate and with whom she would remain married to until his death. The couple decided not to have children. Shortly after her graduation, her father passed away suddenly and Nise moved to the capital, Rio de Janeiro (1927).

In the 1930s, amidst the political and cultural effervescence of the time, she participated in the Brazilian Feminine Union, read Karl Marx, attended the meetings of the Brazilian Communist Party and signed the *Manifesto of the intellectual workers to the Brazilian people*. She was, however, expelled from the party under the accusation of Trotskyism.

In 1933, she passed a public examination and was assigned to work at the *Psychopaths and Prophylaxis Assistance Service*, known as Praia Vermelha Hospital, which

was overcrowded and dilapidated, and where Nise lived for a period of time.

In March 1936, on the repressive track to the failed communist uprising of 1935, Nise was reported by a nurse for possessing *subversive* literature. She was arrested in her own workplace and taken to the Frei Caneca prison (which no longer exists). There, she shared a cell with other political prisoners, including Olga Prestes, wife of communist leader Luiz Carlos Prestes and Elisa Berger, wife of activist Harry Berger, who was regularly tortured. Living with the prisoners, Nise learned the tricks and subterfuges they developed to endure the atrocious everyday life of suffering and idleness that the prison imposed. Graciliano Ramos, also imprisoned there, met with Nise:

Elsewhere, the meeting would have brought me pleasure. What I felt was surprise, I regretted seeing a fellow countrywoman removed from the world, away from her profession, from the hospital, from her beloved mad. I knew she was well-educated and good, Rachel de Queiroz had affirmed the moral grandeur of that shy little person, always elusive, reduced, as if she avoided taking up any space. Never had such an adorable creature appeared to me (Ramos, 2011, p.105 – free translation).

She was released in June 1937, but removed from public service for political reasons. In November, the New State of Exception regime began. During seven years, Nise dedicated herself to reading, especially Espinoza, and under the real threat of a new imprisonment, she traveled throughout the Northeast of Brazil, all the way to Manaus, to meet her husband.

In April 1944, she was reinstated to public service and assigned to work at the *National Psychiatric Center*, later known as Pedro II Hospital, the first psychiatric hospital in Brazil, in the district of Engenho de Dentro, Rio de Janeiro. From the moment she arrived, she refused to apply the treatments that were in vogue then (electroconvulsive therapy, insulin shock

Emmanoel Fenelon S. Câmara

(Brazil) is a psychiatrist and analyst, member of the Brazilian Society of Analytical Psychology (SBrPA) and International Association for Analytical Psychology (IAAP).

Email:

fcamara@terra.com.br

therapy, and cardiazol therapy) and opposed the use of straitjackets and isolation. She was then assigned to the Occupational Therapy and Rehabilitation Sector, which at the time was discredited and led by "servants," who in practice only oversaw inmates who performed cleaning duties and took dirty laundry to the laundry room.

Nise believed that the affectivity of the chronic psychotics, most of them with many years of hospitalization, in mutism, was still alive and that they could find in images a means of expressing themselves and of elaborating their psychic contents. She created, in 1946, a studio where they could paint, without models, without anything being suggested to them and without the intervention of third parties. She also wanted the environment to be welcoming, not hostile, inspiring feelings of freedom. Other activities, like modeling, theater, music and book-binding workshop would also be developed. She introduced dogs and cats as well, which the inmates could have contact with and develop ties, which sometimes led to startling reactions. She considered the animals to be real co-therapists. With a small build and an expressive face, this combative doctor was not inhibited by the resistance to her innovations.

In 1947, the first exhibition of inmate's works was held at the Ministry of Education, with unexpected positive repercussions by important art critics. In 1949, a second exhibition was held, in the great hall of the Museum of Modern Art in São Paulo. The famous critic Mario Pedrosa said:

The artists of Engenho de Dentro overcome any respect for established academic conventions and all routines of naturalistic and photographic vision. None of them take into consideration academic prescriptions (Pedrosa in Enciclopédia Itaú, 2017).

The activities not only produced works of art, but also had repercussions on the clinical improvement of patients, many of whom began expressing themselves, became more pragmatic and had less crises.

With a large volume of works, and the positive receptivity of society, the *Museum of Images of the Unconscious* was inaugurated in 1952, which now has more than 360,000 works – the largest collection of its kind in the world – a third of which is protected by the National Artistic Heritage.

Having also studied other authors (Kraepelin, Bleuler, Kurt Schneider, Freud), it was in Jung that Nise found the best basis for studying her inmates' productions: "The most important event in my quest for the dynamism of the psyche was the encounter with Jungian psychology" (Silveira, 1981, p.11). Noticing a large number of mandalas in the production of the inmates, Nise wrote a letter to Jung in 1954, in which she attached photos of them, inquiring about their meaning. The Swiss master was very interested, asked to keep the photos and a short but productive correspondence began between them.

In 1956, Nise da Silveira founded *Casa das Palmeiras* in Tijuca, to provide daily care to psychiatric patients without hospitalization or restriction of liberty, a true precursor of today's open care units.

In 1957, she went to Zurich, on a scholarship, at the invitation of Jung (she would study there in 1957/58 and in 1961/62), under the orientation of Marie-Louise von Franz. In June of that year, she was invited by Jung to his residence, where he encouraged her to study mythology to better understand the inmates' productions. In September of 1957, in Zurich, during the II International Congress of Psychiatry, Nise organized the exhibition *Schizophrenia in images*, with five galleries of paintings by artists from the Museum of Images of the Unconscious, inaugurated by Jung himself, who said:

I was impressed with the paintings of Brazilian schizophrenics because they present in the foreground the usual characteristics of schizophrenic painting, but in other planes the present harmony of forms and colors, which is not usual in the painting of schizophrenics. How is the environment where these patients paint? I suppose they work surrounded by affection and people who are not afraid of the unconscious (apud Pedrosa in Fundação Nacional de Arte, p.10).

In 1958, Nise formalized the *C. G. Jung Study Group*, which had been meeting since 1955, with the participation of other professionals and analysts such as Ewald Soares Mourão and João Baptista Bandeira de Mello, studying the few available works by Jung. The study group created the journal *Quaternio* (1965).

In 1968, Nise published her first book, which would also be her most outstanding work, *Jung: Life and Work*; Jung's first biography published in Brazil, currently in its 21st edition.

Nise was forced to retire in 1974, but continued to attend the studio at Pedro II Hospital. She was then able to write more and published several books such as *Occupational Therapy: Theory and Practice* (1979), *Images of the Unconscious* (1981), in which she gives an interesting account of her experience with schizophrenia and analytical psychology, *The Museum of Images of the Unconscious - History* (1980), *The world of images* (1992), among others.

In the 1980s, there was growing interest in the work of the Museum of Images of the Unconscious, with shows, exhibitions and documentaries. In 1987, the filmmaker Leon Hirszman filmed, *Unconscious Images*, a 205-minute documentary written by Nisa da Silveira, in which the history and work of three artists are presented: Adelina Gomes, Fernando Diniz and Carlos Pertuis. These and other artists, such as Arthur Amora Raphael and Emygdio de Barros, received artistic recognition abroad as well.

Nise da Silveira died on October 30, 1999, at the age of 94. In the year 2000, the former National Psychiatric Center / Pedro II Hospital was renamed *Nise da Silveira Municipal Institute*.

Today, recognized nationally as a pioneer in humanized mental health care, in promoting the creativity of psychiatric patients, Nise da Silveira is also considered to be the one responsible for introducing the study of Jungian psychology in Brazil. Confronting the conservatism of her time and putting herself above ideologies, she was, first and foremost, a great humanist, concerned with the freedom of human beings. She had the great merit to reveal, with sensitivity and selflessness, the deepest expression of her inmates' souls and prove its healing effects, even in the chaos of psychosis and the aversive treatment conditions of her time.

Received on September 29, 2017. Approved on October 13, 2017

References

Câmara, F.P Psychiatry on line Brasil 2004 (9):3. Available at <http://www.polbr.med.br/anoo4/walo304.php> Accessed on October 11, 2017.

Dionisio, G.H. Museu de Imagens do Inconsciente: considerações sobre sua história. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 2001; 21(3):30-35.

Enciclopédia Itaú Cultural. Available at <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao222326/museu-de-imagens-do-inconsciente> Accessed on October 12, 2017.

Fundação Nacional de Arte, - Museus - Museu de Imagens do Inconsciente. Ministério da Educação e Cultura: Rio de Janeiro, 1980.

Motta, A.A. Psicologia analítica no Brasil: contribuições para a sua história. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2005.

Ramos, G. Memórias do Cárcere. 45^a edição. Editora Record: São Paulo, 2011.

Silveira, N. Imagens do Inconsciente. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

Original article

Instinct and Spirit: from adversaries to partners

Mário Batista Catelli

Abstract

In pursuit of the nuclei of our individual psychic processes, we can reach the collective standards of humanity, called archetypes in Jung's analytical psychology, which move both at the "end" directly attached to the instincts and at the opposite pole, often referred to as the spirit. This paper intends to make some considerations about this intriguing territory in which the "deepest" finds the "highest", which beckons to the difficult challenges faced by the ego in having to deal with the forces that exercise on it from all sides, and to the rich possibilities inherent in a welcoming relation of the ego to the other aspects of the totality of which it is part.

Keywords

ego, archetype, instinct, spirit, intuition, conflict.

Introduction

It would seem logical, in any study of the human psyche, to begin with the supposedly simpler basic phenomena and to "rise" through the stages of complexity, to reach the limits of reason, to the "top" of a full, healthy life, conducive to realizing the potential of the individual within society. In analytical psychology, however, it is the plunge into the depths that leads to heights.

Something similar happens with the physical sciences. It is only possible to understand phenomena in all their complexity by entering in the structure of matter. Thus, the rays, in the meteorology, can only be understood knowing the electrical charges of the elementary atomic particles. In this quest for the primordial structure of nature, science has discovered that matter and energy are facets of the same basic reality.

Therefore, we have here actually the final proof for the unity of matter. All the elementary particles are made of the same substance, which we may call energy or universal matter; they are just different forms in which matter can appear (Heisenberg, p.107).

Attempts to "disassemble" the psyche as if it were a machinery, while immediately giving rise to valid discoveries, tend to collect isolated operations, hardly integrated into a vision of wholeness. "Nature is a continuum, and so our psyche is very probably a continuum" (Jung, 1989b, §181). Thus, analytic psychology was constructed from clinical experience, in which the goal of caring for patients as totalities presupposed understanding them, perceiving a meaning in the background of their expressions, sometimes seemingly disconnected. The plurality of interrelated aspects that are revealed during an analysis points to this view of the psyche as a whole in permanent movement, in which there coexist more stable aspects with others in constant mutation. "We divide the processes from one another for the sake of discrimination and understanding, knowing full well that at bottom every division is arbitrary and conventional" (Jung, 1981, §812).

The distinctions within this whole – from which we perceive a very small part – are not to be confused with a faithful, complete, exact, and unchanging mirror of a supposed real structure. The effort to make explicit a structure serves the objectives of intelligibility and the challenge of dealing with the phenomenological multiplicity of the psychic totality.

In this article, we will depart from the "I" and highlight the bands of transition to other psychic dimensions which it interacts with. We will use conceptual beacons categorized by Jung – ego, instinct, archetype, spirit – in order to shed more light on the possibility of using deep psychology to achieve the highest human potential.

Living with its neighbors: the difficult work of the ego

The establishment of concepts is based on empirical observation, however without eliminating the simplifications inherent in any theorizing.

Mário Batista Catelli

(Brazil), clinical psychologist, analyst, and member of the Brazilian Society of Analytical Psychology (SBrPA) and International Association for Analytical Psychology (IAAP).

Email:

mario_catelli@hotmail.com

The "I" is the main character of any investigation. The most intuitive psychological concept at all times was probably the idea of an "I". How to characterize it? How to delimit it? The "I" seems to consist of a center of perceptions, memories, emotions and actions, a camera that records everything around it, minus its lens, a mirror that can reflect everything around it, even the reflection of its image, but cannot reflect itself.

Sometimes it is exacerbated in societies that promote the cult of personality, sometimes it is considered illusion and therefore denied, as it happens in certain philosophical currents; there are traditions that exercise techniques of suppression of the "I", considered an obstacle to full awakening; there is the practice of seeking emptiness by the question "who am I", which leads the mind to an impasse and makes it silent, in order to provide contact with the "true being."

Janet regarded the self as the conscious personality. For him, the narrowing of the field of consciousness steers the other personalities toward a kind of autonomy (Laplanche e Pontalis, p.126).

Freud, after having distinguished consciousness, subconsciousness and unconsciousness, felt the need to create a new map that would better situate the clinical findings that did not fit in the previous classification. In his new model, the ego would arise to manage the tension between the instincts, more related to animality, and the restrictions imposed by the superego in the name of social morality. It would be led to repress certain drives without fully realizing the reasons for doing so. Therefore, it would be partially unconscious. The unconscious, in turn, would be composed of repressed material and, according to Freud's later observations, by an archaic inheritance.

A new complication arises, however, when we become aware that there probability exists in the mental life of the individual not only what he has experienced himself, but also what he brought with him at birth, fragments of phylogenetic origin, an archaic heritage (Freud, pg.264).

In conceptualizing the ego, Freud sought to take into account the difficulty in finding a univocal meaning for this complex psychic reality.

"Freud not only finds and uses classical meanings, opposing, for example, the organism to the environment, the subject to the object, the interior to the exterior, as he uses the word *Ich* at these different levels, even playing

with the ambiguity in using it. This shows that he does not exclude from its field any of the meanings attributed to the terms *ego (moi) or I (je) [Ich]*" (Laplanche e Pontalis, p.125).

For Jung, the ego is the center of consciousness, is both content and condition of consciousness, and is not to be confused with the totality of the psyche – the Self. A psychic element is conscious insofar as it relates to the complex of the ego.

The functioning of all psychic instances spends energy. One part of the psychic energy is unconsciously directed, while another part is at the disposition of the ego, which drives it by choice – what we know as will.

"Will" implies a certain amount of energy freely disposable by the psyche. There must be such amounts of disposable libido (or energy), or modifications of the functions would be impossible, since the latter would then be chained to the instincts – which are in themselves extremely conservative and correspondingly unalterable – so exclusively that no variations could take place, unless it were organic variations (Jung, 1981, §379).

By directing its will to the chosen targets, the ego is influenced by its conscious perceptions, that is, its perception and interpretation of the outer and inner worlds – grounded in the innate and unconscious patterns of apprehension which constitute the archetypes, whose products, in the moment they reach consciousness, become intuitions. It is according to these perceptions that the ego acts upon reality.

Just as conscious perceptions ultimately have an unconscious basis, there are also actions carried out by the use of the will, and others practiced in spite of the ego, unconsciously.

Regular patterns of action, with unconscious motivation, when innate, are instincts; when learned, are habits, which can become reflex actions automatized by repetition.

Instinct is a word that has taken on several nuances in colloquial language, some of which are impregnated with valuing connotations. We are trying here to rescue the meaning of this word, built on the foundations of empiricism within analytical psychology. We have some indirect awareness of instinct by observing the instinctive behavior of others. In general, the subject himself can only identify his

instinctive behavior after it has occurred.

For an action to be classified as instinctive, Jung adopts the following criteria: there is unconsciousness both of the motive and the objective of the behavior; motivation is a compelling inner necessity (Jung, 1981, §265 and 267); these are inherited processes that occur in a regular and uniform manner (Jung, 1981, §267).

Alongside instinctual activities, there are others ones, learned and automated by constant practice (Jung, 1981, §268). Mostly unconscious, the latter can reach consciousness once the circuit from the reception of a stimulus to the emission of a response has been completed (Jung, 1981, §955). If the impulse is "deflected to an endopsychic activity" (Jung, 1981, §241), the subsequent action is endowed with a certain degree of freedom and unpredictability.

The unconscious apprehension, perception and understanding of a complex situation, whose contents erupt in consciousness, rather than impel an action, as instinct does, characterize intuition.

Intuition is a process analogous to instinct, with the difference that whereas instinct is a purposive impulse to carry out some highly complicated action, intuition is the unconscious, purposive apprehension of a highly complicated situation. In a sense, therefore, intuition is the reverse of instinct, neither more nor less wonderful than it (Jung, 1981, §269).

In addition to intuitions that derive from learning, Jung identifies innate, inherited intuitions, which he calls "archetypes of perception and apprehension", common to all mankind and therefore, part of the collective unconscious.

In this "deeper" stratum [the collective unconscious] we also find the *a priori*, inborn forms of "intuition," namely the *archetypes* of perception and apprehension, which are the necessary *a priori* determinants of all psychic processes (Jung, 1981, §270).

The collective unconscious is formed by archetypes and instincts (Jung, 1981, §270). Although unconscious, we know of its existence in the face of the obvious identity between innate human standards, independent of time and place.

The distinction between instinct and archetype – quite clear in definitions – is sometimes almost impossible to do in practice. The apprehension of a situation

and the drive to act are not so easy to distinguish in reality, although they are in theory. The perception of danger and the impulse to protect oneself often appear as one. There are situations where the details of the danger are only understood after a safety condition has been reached.

In my view it is impossible to say which comes first – apprehension of the situation, or the impulse to act. It seems to me that both are aspects of the same vital activity, which we have to think of as two distinct processes simply for the purpose of better understanding (Jung, 1981, §282).

A patient, living the fourth decade of his life, revealed how much he was impressed to discover that he tended to see special qualities in women who attracted him – even without knowing them. He could not say whether he saw these qualities because he was drawn to them, or whether, conversely, he was attracted to the attributes he perceived in them. When he had the opportunity to interact with them in a more assiduous coexistence, his perceptions were often confirmed. If he came to the conclusion that he had been mistaken, the attraction could both disappear or continue. This issue might entail at least two explanations: first, if admiration was the basis for the approaching impulse, the attraction would disappear with the vanishing of the former; but if intense desire created the perception of extraordinary qualities, an evident absence of such qualities would be disregarded by the continuity of desire – probably because desire was instinctive or determined by meaningful and forgotten experiences still active in the personal unconscious; secondly, the events between the initial impulse towards the woman and the subsequent conclusions about her could present more or less relevance to the subject and determine the maintenance or the loss of his interest.

Therefore, archetype and instinct seem to be "neighboring opposites," as in the *uroboros*, the serpent's mouth and the end of its own tail, which it grasps. Because the mouth and tail are very close, they are neighbors; because the head is at one end and the tip of the tail at the other end, they are opposite. Like the *uroboros*, archetype and instinct are closely related opposites, or neighbors of opposite nature. Instinct is linked to the physiological dimension, but is represented psychically by an archetype of perception; and the archetype of perception is endowed with energy capable of triggering an instinctive action.

As we approach the archetypal dimensions, the psychic contents become less precise and mobilize more energy intensity. Consciousness does not find an exact

line separating one archetype from another and therefore cannot quantify its number either. However, assuming the essential oneness of the psyche leads us to admit that a total archetype lies at the base of all archetypes. Jung calls it, with a capital letter,

[...] the "Spirit" as ever it was, [...] the totality of primary forms from which the archetypal images come. In this world of the collective unconscious spirit appears as an archetype which is endowed with supreme significance and is expressed through the figure of the divine hero, whose counterpart in the West is Christ (Jung, 1990a, §641).

We should not, however, confuse the archetype - only perceptible to the psyche in an indirect way, by means of images - with the reality to which it refers and which lies beyond any perception. It would be to fall into anthropomorphism, to attribute status of reality, exclusively, to what had access - direct or indirect - to human perception. The archetype presents itself to consciousness as a limited image, which, however, retains its unconscious force and is therefore characterized as a symbol. How is the symbol that translates an archetype chosen? Is this choice instinctive? Spiritual?

To interpret symbol-formation in terms of instinctual processes is a legitimate scientific attitude, which does not, however, claim to be the only possible one. I readily admit that the creation of symbols could also be explained from the spiritual side, but in order to do so, one would need the hypothesis that the "spirit" is an autonomous reality which commands a specific energy powerful enough to bend the instincts round and constrain them into spiritual forms. [...] In accordance with my empirical attitude I nevertheless prefer to describe and explain symbol-formation as a natural process, though I am fully conscious of the probable one-sidedness of this point of view (Jung, 1990a, §338).

The use of the term "natural process" seems to avoid the dichotomy between instinct and spirit, admitting that the nature of things involves both facets of reality, made of opposites that are not excluded but presupposed.

The spirit / instinct antithesis is only one of the commonest formulations, but it has the advantage of reducing the greatest number of the most important and most complex psychic processes to a common denomina-

tor. So regarded, psychic processes seem to be balances of energy flowing between spirit and instinct, though the question of whether a process is to be described as spiritual or as instinctual remains shrouded in darkness (Jung, 1981, §407).

This antithesis reminds us of the ego, the psychic instance in charge of managing the conflicts between instincts and spirit, whenever the opposition between them mobilizes a sufficient amount of energy to activate consciousness and demand Minerva's vote, which will determine the investment of the free energy which is at the disposal of the ego in the form of will. This will make the balance swing to one side and characterize the egoic decision. However,

[...] the will cannot transgress the bounds of the psychic sphere: it cannot coerce the instinct, nor has it power over the spirit, in so far as we understand by this something more than the intellect. Spirit and instinct are by nature autonomous and both limit in equal measure the applied field of the will (Jung, 1981, §379)

The nature of instinct is as unknown as that of the spirit. Nor can it be said that the instinct – well understood – is spirit, or that spirit reveals itself in the form of instinct. "They are terms which we posit for powerful forces whose nature we do not know" (Jung, 1989a, §776).

Although instinct and spirit are opposites, one is not confused with the simple negation of the other. If this were so, it would be enough to deny the instincts to fully satisfy the demands of the spirit. We know very well that attempts of this nature lead only to neuroses. Neither can they be regarded as aspects of the same thing, otherwise total surrender to the instincts would accomplish the spirit and vice versa. It is not about idealizing one side as being good to the detriment of the other, considered bad.

For the sake of idealization the archaic features of the self are represented as being separate from the "higher" self, as for instance Mephistopheles in Goethe, Epimetheus in Spitteler, and in Christian psychology the devil or Antichrist. In Nietzsche, Zarathustra discovered his shadow in the "Ugliest Man" (Jung, 1990b, §706).

What would equate the lower part of the Self with the devil would not be the fact

of being inferior, but of being separate from the "higher" Self, of acting autonomously. Complexes that split off from the ego take advantage, so to speak, of any lowering of consciousness to take over. It is evident that this type of "coup d'état" can only be dysfunctional, sickly, since health is the integrated functioning of the parts that make up the totality of being.

Is not there an instinct that drives us toward the spirit? Is it not the spirit that allows us to recognize and discover the value of instinct? It is important here to emphasize that spirit is not used in any religious sense or associated with beliefs, but as the condition that allows us to represent reality for ourselves and to act deliberately with some degree of independence from instinct.

In any particular case it is often almost impossible to say what is "spirit" and what is "instinct". Together they form an impenetrable mass, a veritable magma sprung from the depths of primeval chaos (Jung, 1985, §363).

The conceptual distinction only exists to emphasize that instinct has an "unmistakably physiological aspect. Its existence or nonexistence seems to be bound up with the hormones. Its functioning has a compulsive character", whereas the spirit – as presented here – is a part "best described as psychic and is moreover sensed as such, has lost its compulsive character", can even be "applied in a manner contrary to the original instinct" (Jung, 1981, §376).

The harmony between instinct and spirit results from the respect for both. There is only an excess in one of the polarities when the other is neglected.

Eros is a questionable fellow and will always remain so [...]. He belongs on one side to man's primordial animal nature which will endure as long as man has an animal body. On the other side he is related to the highest forms of the spirit. But he thrives only when spirit and instinct are in right harmony. [...] Too much of the animal distorts the civilized man, too much civilization makes sick animals (Jung, 1977, §32).

Jung returns the instinctual and spiritual phenomena to the totality that includes them, after having described in the most meticulous manner possible to him the dynamic shades that this reality assumed when falling under his watchful eye.

Psychic processes therefore behave like a scale along which consciousness "slides". At one moment it finds itself in the vicinity of instinct, and falls

under its influence; at another, it slides along to the other end where spirit predominates and even assimilates the instinctual processes most opposed to it (Jung, 1981, §408).

The integration, within the totality of Being, between the instinctive and spiritual forces is never achieved in an absolutely identical way in two different individuals. It is a creator and creative process, which Jung called individuation. Instincts are in charge of conducting life there, where consciousness has not yet developed enough to assume, at least in part, such an important function. Does consciousness develop by instinct? By the spirit despite the instinct? In their relations with consciousness, instincts first combat it, and in this struggle they are now winners, now defeated. With maturation, any victory is also a defeat, because both occur in the same individual. Finally, these opposites can be overcome by the transcendent function, which creates a new condition capable of including opposites without confusing them, capable of distinguishing them without reciprocal exclusion.

This is what happens very frequently about the midday of life, and in this wise our miraculous human nature enforces the transition that leads from the first half of life to the second. It is a metamorphosis from a state in which man is only a tool of instinctive nature, to another in which he is no longer a tool, but himself: a transformation of nature into culture, of instinct into spirit (Jung, 1991, §335).

In such a condition, the spirit takes the instinct to its most harmonious expression, and the instinct becomes the concretization of the spirit. This is not an easy goal to achieve. On the contrary, its description here equates to a point of convergence which is never fully reached, however much we approach it, but which guides our steps.

Conclusion

Repressing or suppressing one of the pairs of opposites opens the way to their disconnection and autonomy and to a possible possession of the personality by the rejected side. Unilateral solutions – which take into account only the instinct or the spirit – cause a split and the perpetuation of the conflict between a conscious and an unconscious part. In conflicts of this nature too much ener-

gy is wasted in immobilizer tensions, which become all the more painful as they become more intense. Pain has the effect of attracting the focus of attention, but there is no guarantee that the pain-induced urgency leads to an adequate reading of what motivated it. Suffering is, so to speak, a request for instinctive and archetypal help, which only quiets when understood and answered to. The symbols that express the archetype need to enrich perception, to transform consciousness, to withdraw it from its one-sidedness, so that the necessary redirection of behavior takes place.

In order to transform action without deceiving instinct, it is often necessary to reshape patterns of behavior set by learning and repetition. They are reflexes, responses with a strong degree of automatism triggered as if they were instincts. The attitudinal standards learned, which the practice has repeatedly automated to some extent, may prove to be inadequate in the face of other psychic requirements considered important, and thus chosen as the target of a deliberate, transformative work. The need for transformation, as already pointed out, is evidenced by some kind of suffering associated with experiencing conflicts.

The pain and the circumstances in which conflicts occur are exposed in the analysis, such as the patient perceives them. This self-exposition – called *confession* by Jung – is facilitated by the trust built between analyst and patient. Through the effort of *elucidation*, the work of analysis proposes to examine the material provided in the confession, to deepen, to enlarge and, if necessary, to re-elaborate its understanding. This process leads to *education*, a stage in which new perceptions arise and alternative paths of action are presented. Confession, elucidation and education are aimed at enabling the transformation of both the personality – by releasing its own potential and enriching its possibilities – and by attitudes, by overcoming its stereotypes. The four stages of work may alternate or coincide, according to the course followed by the therapeutic process (Jung, 1985 - Chapter V).

Reformulation of an understanding can occur with relative ease. But changing an attitudinal pattern demands of the ego a persistent work, continued commitment, constant dedication, until entrenched habits give way to new ways of acting. And this usually takes more time than replacing one point of view with another. If the patient expects rapid and magical solutions from the analysis, he must take into account that the attitudinal patterns were not built overnight. Trouble situations will try to drag the walker to the repeatedly beaten tracks that have become customary. They present themselves immediately as preferential

options, or they trigger automatic responses, as alternative patterns have not yet been consolidated by the adoption of new attitudes.

The highest realization of human potential, it seems, relies on the unobstructed action of the archetypes in a condition of harmony with the instincts, administered by the ego, in which the instinctive world, without losing its nature, becomes an important cooperator. While the ego is trapped in conflict with ill-resolved, denied, unprocessed, or exacerbated instincts, while its attention is diverted from suffering by defense mechanisms, it is unable to open itself to the possibilities offered by the archetypal world. Its energy is blocked in the effort to suppress the instincts. It closes itself to the possibility of transcending the play of opposites. Instincts become impotent slaves, ready to erupt into a bloody revolt, or tyrannical lords. In either case, the ego remains enclosed within the aridity of a desert or the walls of a prison.

Freed from its fears and its imprisoning guilts through analysis, capable of identifying the manifestation of forces that request it in opposite directions, able to move from blind and unilateral choices to attitudes that respect the totality of being, the ego performs its part in clearing its channels of communication with the Self, becomes graced with the torrent of psychic energy that brings fertility into individual and relational life. Being makes its potential germinate with exuberance.

Received on August 21, 2017. Approved on September 12, 2017.

References

Freud, S. *Moses and Monotheism*. Montevarchi, Italy, Harmakis Edizioni, iBooks.

Heisenberg, W. *Physics and Philosophy: The Revolution in Modern Science*. London, Penguin Books, 1990.

Jung, C. G. *Freud and Psychoanalysis. Collected Works. Vol. 4*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1989a.

_____. *Psychological Types. Collected Works. Vol. 6*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1990b.

_____. *Symbols of Transformation. Collected Works. Vol. 5*. Princeton, N.J.: Princ-

Instinct and Spirit: from adversaries to partners

Princeton University Press, 1990a.

____ The Development of Personality. Collected Works. Vol. 17. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1991.

____ The Practice of Psychotherapy. Collected Works. Vol. 16. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1985.

____ The Structure and Dynamics of the Psyche. Collected Works. Vol. 8. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1981.

____ The Symbolic Life. Collected Works. Vol. 18. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1989b.

____ Two Essays on Analytical Psychology. Collected Works. Vol. 7. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1977.

Laplanche e Pontalis. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1995

Original article - History

The meaning of life

Maria Zelia de Alvarenga

Abstract

Text with personal proposition on the meaning of life, it formulates the concept of structuring of conscience, according to T. Chardin, it talks about how to know oneself to be with God and, as a consequence, to have a more significant participation in the collective; it makes considerations about detachment, freedom, with references to the Jewish Exodus and the Pesach; the search for self-knowledge and defenses; in Plato, the choice we have come for.

Keywords

meaning of life, freedom, humanization, self-knowledgement, defenses

This work was presented at the XXXI Boitata, held at Sitio da Grande Paineira, in São José dos Campos, in July 2017. The theme for the meeting was *The Meaning of Life*. After expressing my wishes that we celebrate life, joy, companionship, the pleasure of exchange, the creativity of encounters, the enthusiasm of the discoveries that the presence of the other allows us to experience, I gave my proposals.

The gathering we participated in was aimed at talking about the search for understanding, the demands for sharing the discoveries that occupy and brighten our lives, as well as frighten us and, essentially, to discuss the need for us to identify ourselves in the other, with the other and by the other!

According to Psychology, the purpose of life is to develop the Ego, what let it (Ego) feels very noble. For Teilhard de Chardin (1994), the purpose of nature is the formation of consciousness. What is most fascinating is that for the Jesuit master, Chardin, nature becomes humanized when it forges consciousness, going from mineral instance until reaching the climax – human being – and in it achieving totality, that is, *awareness of knowing oneself to be one with God*.

In order to do so, one must collaborate, share what one has and what one is, accepting differences, becoming the one who is a teacher and a disciple, passing the torch of knowledge, compassion, love and responsibility. It will be necessary to work for the world to become a community of minds that come up with ideas and ideals to reach the stars.

Maria Zelia de Alvarenga

(Brazil) is a psychiatrist and Jungian analyst at the Brazilian Society of Analytical Psychology, affiliated with the International Association for Analytical Psychology - SBrPA / IAAP. Specialist in mythology, she is the author of *Symbolic Mythology - Structures of the Psyche* and *Mystical Regencies, The Grail: Artur and his knights*, among others. She has a private practice in São José dos Campos-SP and coordinates the *Boitató Studies Group*.

Email:
mzalvarenga@gmail.com

The forge of consciousness will always be the symbol, activating and updating the symbolic function in all; this symbolic function will be the goal of the process of education and, through this route, we will be able to walk towards individuation.

One of the best proposals regarding the process of knowing oneself, *which gives and brings meaning to life*, implies cultivating detachment. Thus, if we detach ourselves, we can endure the sacrifice of what imprisons us, such as: accommodation, laziness, excuses, any kind of depositing of responsibility in the other.

What imprisons us sounds as if our rights were an acquisition of our condition of freedom. And, the loss of these *supposed rights* is translated as mutilation, as delusion. When, however, we rid ourselves of these enslavements, that is, our *supposed rights*, we can walk to the Self in search of the sacred *coniunctio*.

The biblical story, so full of teachings, contains the most meaningful accounts. Among these many stories, we are faced with the episode of the Jews departure from Egypt, which took place around 1440 BC. For the Hebrews, Egypt meant imprisonment, slavery. And, as we know, the most important feeling to human beings of varying cultures, is *freedom*.

Still with regards to the biblical story, the Greek word *Exodus* alludes to leave captivity, that is, to leave the place where one does not fit anymore, because if one stays there, it will imply suffocation, numbness, until one becomes mentally disoriented. We find examples of this in drugs, in the dependence of the virtual, in the excesses of food, drink, cult of the body, etc.

Exodus means, therefore, to leave slavery. For this to be achieved in each one of us, we will often have to sacrifice certainty for doubt, possessions for uncertainties, to sacrifice the space, the house, the bed, no matter how poor they may be, for storms, by the deprivation of food and so many other sacrific-

es resulting from the loss of the objects of *love*. When we do not leave the narrow place, we become slaves.

To celebrate this moment of exodus, back then, the Jews took an immaculate lamb and kept it for days and days, close to the family, with the children, in the house, thus generating affection for the animal. After this time of bonding, the lamb was sacrificed and eaten by the entire family. The ritual was meant to give the full experience of the sacrifice that brought about the pain of the loss of the beloved object, experienced when leaving Egypt.

Thus, freedom implies, concretely and symbolically, suffering the loss of the object of love, that is, freeing ourselves from our possessions.

On the other hand, the Pesach, which occurred on 14 Nissan of 1440 BC, means "to pass over," that is, the moment when the angel of death passes over the house of whose door had the mark of blood of the lamb. Thus, provided that what is dear and precious is sacrificed, God will receive and protect.

Sharing, like *companion*, the one with whom one break bread with, means dividing what we have and sharing with others. Sharing is also living the same space with the other. It is to share what I have, what I am, with my companions.

It is interesting to remember that Christ, at the last supper, consecrated or transubstantiated the bread into his own body and the wine into his own blood, giving it for all to eat. Symbolically, Christ presented himself as the slain lamb, that all should eat and drink, experiencing the pain of the loss of the beloved object. That would be the meaning of communion!

Christ's proposition is unprecedented for cultivating in the human being the condition of detachment from the object of love. With this, Christ also places himself in the condition of an object of love and, above all, as a creature who, in loving humans, saves us in sacrificing himself. Salvation entails that mankind loves Him and therefore desires Him!

Plato, in his Socratic dialogue *Symposium* suggests, as one of the speakers says, that love is the expression of *desire for what we do not have*. Christ, however, puts himself into the condition of being the desire of what we can have. By instituting the Eucharist, he made it possible for us to have it as many times as we wish.

Would Christ proposition be the condition of acquiring the consciousness of

understand ourselves as divine? Is this the great force of Eros' demand that impels us to the pursuit of completeness? If completeness implies that we become aware that the divine is an instance of our totality, and that consciousness represents self-knowledge, then, if we are fully aware, this consciousness will be translated by the condition of being continuously and constantly in relation to the other, whatever it may be. If so, the greatest discovery shall be:

- Self-awareness means maintain oneself connected!
- Maintaining oneself connected means being in continuous and constant transformation!
- Continuous and constant transformation is the full picture of what it means to become human!
- We only become human when we are in a continuous process of transformation.

I believe everyone has already heard me speak of when I was in the second year of medical school, when I smelled of anatomy lab, formaldehyde, and was a big supporter of JUC – a strong movement at Pinheiros – and I have unforgettable memories of the Masses at São Bento church. So, while I was in college, I attended a religion class with a nun from the group of Mother Cristina, from Sedes Sapientiae. The nun was a doctor in Theology and Philosophy. I, an ignorant medical student, was the only participant in the class. There, the nun asked me what I understood or thought about *freedom!* I do not know what I said, but I must have spoken about coming and going and thinking, disagreeing or whatever. Well, the nun looked at me and after a while she said:

Freedom is choosing God!

Bothered by the paradox that the blessed ego cannot understand, I never went back to that class. Perhaps I have lived for more than thirty or forty years, to come to the conclusion that *freedom is choosing God* – a truth that I live today, I know and confirm – *the greatest meaning of life is to be free and to be free implies choosing God, which means detaching myself from all that I have*. To be attached is to be enslaved. We do not own anything; possessions are an illusion, *maya*.

Life gives us gifts. The demand for work is inherent to nature and involves interacting, creating, transforming something related to the collective. To become a

person, it is necessary for me to get lost in anonymity. Choosing God is fundamental for being free, and it is my job to seek Him. If this is so, we may reach the sacred *coniunctio*, that is, to know oneself through self-knowledge.

The greatest of all goals being the search for knowledge, the search for knowing oneself, is achieved when we encounter the Other as an instance of ourselves, with which we find the Divine in us: the One who inhabits us, He who comprises us, the One who makes the human condition come true in all of us: this is the meaning of life!

Storytelling is a big part of our activity: we tell stories to our children and then to our grandchildren, we tell stories to our friends and to our clients, we tell stories when we write or when we give lectures, when we write poetry, make music or paint!

We tell stories!

And whenever we tell them, even without being aware of what we do, we speak of the meaning of life, for we express ourselves through symbols that speak of goals, of existential projects, of promised futures! And so, we find that all the mythical, epic, religious texts, all without exception, speak of the meaning of life, they speak of the goals to be sought and, to find them we will face necessary confrontations with the shadow.

When we tell stories, we speak of real facts, we speak of myths, but above all we speak of the mystic condition contained in the teachings transmitted. And so, the ethical precepts, the moral values, the commitments we have and carry on account of our cultural heritage reveal themselves, propagate themselves, deepen and forge our families, resulting in a better society!

We speak of what we know, what we learn, what we inherit, what mobilizes us, what we believe, we speak of our ideals, our purposes!

Hardly, however, do we speak of our mistakes, our failures, our betrayals to ourselves and to others. We hardly speak of our arrogance, our intemperance, our outbursts of anger, our lies, our avarice, our concupiscence, our lust, our sins. And among the many sins we have and carry, I realize that one of the worst, in my opinion, is omission, *not doing* for the other!

Our mistakes are our deviations, inattention, distractions, those times when we

feel overwhelmed by accusations as if life were a stepmother, moments of solitude in which we seem to live the abandonment of our hero, or even moments of indolence, holy laziness! Then we question whether life is worth it!

I think, however, that our mistakes are moments that lead and propose reflections so that we can renew our contract with life. If we are here, we have chosen to be here. Recalling Plato (1970), in the tenth song of *The Republic*, when Socrates dialogues with Glaucon and, in recounting the myth of Er, speaks of the choices of *destinies* that we all make, of the waters of Lethe river that we drink and forget what we came for. Socrates concludes: "But we (referring to himself and Glaucon) have drunk little, not to forget what we have chosen." We are here, therefore, with our pains and our joys because we chose to be here!

In this sacred moment in which we are gathered, and which we do for good, when the Divine is among us and manifests itself, so that we may revere it, let us make of our gathering a time of transformation, of exchanging love, of celebrating and of dancing, of declaring passions, of being sure that life is worth it! Perhaps we can also make this gathering a time of confession, whether it be silent or through loving embraces!

The meaning of life is to walk toward the goal for which we have come! In order to do it well, let's make it happen!

Received on August 21, 2017. Approved on September 12, 2017.

References

Chardin, P. T. O Fenômeno Humano. Tradução de José Luiz Archand, Cultrix: São Paulo, 1994.

Platão. A República. Hemus, Livraria Editora Ltda: São Paulo, 1970.

Platão: O Banquete. Tradução do Prof. J. Cavalcante de Souza. Difel: Rio de Janeiro, 2002.

Wikipedia. Available at <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pessach> . Accessed on July 10, 2017.

Wikipedia. Available at https://pt.wikipedia.org/wiki/Livro_do_%C3%8Axo-do#Hip.C3.B3tese_documental. Accessed on July 10, 2017.

Essential glossary

Considering the different disciplines with which we may be discussing, we offer the glossary below. We emphasize that each entry consists of an initial description of the concept, to serve as a starting point for the reader who wishes to deepen his knowledge.

anima – Latin word meaning soul, psyche. It is the archetype of feminine complementarity in relation to conscious male identification. Endowed with a great deal of energy, it is often personified in the image of a woman. When the image of the *anima* is projected onto a person, it can result in fascination, making the person the target of intense feelings. Like the *animus*, it is the archetype par excellence of relationship, the guide and mediator in the relation between the ego and the unconscious and the other. The richness of this important archetype lies in the multiple and powerful images of the feminine in all its aspects, being strongly linked to inspiration and creativity. The process of integrating the *anima* consists in recognizing it in its manifestations of the female image from the psyche itself, such as those occurring in dreams and in active imagination. The *anima* is sometimes identified as the soul, or as the representation of the unconscious itself. There are significant theoretical variants as to its conception.

References

- Jung C. G. Two essays on analytical psychology (CW, Vol. VII), §§ 296-304.
 Jung C. G. The archetypes and the collective unconscious (CW, Vol. IX-1), §§ III-147.
 Jung C. G. Aion (CW, Vol. IX-2), §§ 20-42.
-

animus – Latin word meaning spirit, energy. It is the archetype of masculine complementarity in relation to conscious feminine identification. Endowed with a great deal of energy, it is often personified in images of men. When the *animus* image is projected, it can result in fascination and generate intense

feelings. Like the *anima*, it is the archetype par excellence of relationship, the guide and mediator in the relation between the ego and the unconscious and the other. The richness of this important archetype lies in the multiple and powerful expressions of the masculine in all its aspects, being strongly linked to inspiration and creativity. The process of integrating the *animus* consists in recognizing it in its manifestations of the masculine image of the psyche itself, such as those occurring in dreams and in active imagination. The *animus* is sometimes identified as the spirit, or as the representation of the unconscious itself. There are significant theoretical variants as to its conception.

References

- Jung C.G. Two essays on analytical psychology (CW, Vol VII), §§ 296-304.
Jung C.G. Aion (CW, Vol. IX-2), §§ 20-42.
-
-

archetype – from the Greek ἀρχέτυπον (archetypon), "original template", "source standard". In German, *der Archetyp*. Archetypes are patterns with significant amounts of psychic energy, inherent in the human psyche (therefore common to all individuals), which activate and order contents of the unconscious according to patterns prior to personal experience. Jung posited the existence of the archetypes from the observation of psychotic patients of very humble origin who expressed images to which they could not have had personal access. He later identified these same images in ancient Greek and Egyptian myths and also in other cultures that had no contact with each other. He concluded that these were not transmitted or inherited images, but inherent psychic material common to all humanity, of an unconscious nature. He thus proposed the concept of *archetype* as an innate tendency of the psyche to represent *motifs*, with varying characteristics according to time and place, but with a common basis. Archetypes are dynamic and act intensely on the psyche of the individual and peoples. Given their deeply unconscious nature, they are unrepresentable to consciousness, where they are expressed through images, described as *archetypical*, which also appear in dreams, myths, culture and through the phenomenon of synchronicity. The set of archetypes composes the collective unconscious.

References

Jung, C.G. On the nature of psyche (CW, VIII-2), §§ 397 - 420.

Jung, C.G. The archetypes and the collective unconscious (CW, Vol. IX -I), §§. I-IIIO.

Jung, C.G. The symbolic life (CW, Vol XVIII-I), §§ 75-93.

complex – in German, *der Komplex*. Originally called *complexes of affective tone*. They are poles of concentration of psychic energy located in the personal unconscious, corresponding to emotional contents correlated to each other, not yet elaborated by the ego consciousness and that can also result from traumatic experiences. They are present in all people and have an archetypal base, since they represent collective situations. They exhibit the tendency to erupt in consciousness autonomously, in episodes or continuously, consuming psychic energy and can result in partial or complete dissociation of the ego. A complex is not necessarily pathological, but it can be if it significantly impairs an individual's functioning, the development of his personality, or causes him great suffering. The elaboration and integration of complexes into consciousness reveals new contents, favors the flow of energy, creativity and the development of the personality.

References

Jung, C.G. On the nature of psyche, (CW, vol. VIII-2), §§ 194-219.

Jung, C.G. The symbolic life (CW, Vol. XVIII-I), §§ 148-154.

consciousness – in German, *das Bewusstsein*. It is a system of orientation, for both internal and external events, which has developed more recently in the human psyche, from the unconscious, upon which it is dynamically based. Consciousness operates as a focus, with variable direction, on the contents, depending on the volume of psychic energy evoked. The attitude adopted by Consciousness can be extroverted or introverted and it has four

functions (sensation, intuition, thought and feeling) which enable perception, conceptualization and attribute value. Consciousness is capable of forming connections and structures between the elements of the inner and outer worlds, and it is within its field that the perceptible expressions of the unconscious (including the archetypal images) occur, enabling its own enlargement.

References

Jung, C.G. Psychological types (CW, Vol VI), § 78I.

Jung, C.G. The symbolic life (CW, Vol. XVIII-1), §§ 1-73

ego – from the Greek ἐγώ, “I”. In German, *das Ich*. Complex factor with which all conscious contents are related and which constitutes the center of the field of consciousness. It has a high degree of continuity and identity, structuring the reference of oneself. Synonymous with “I” and also referred to as ego complex, since it concentrates considerable psychic energy on a network of correlated contents and dynamics. It is the center of consciousness and should not be confused with the center or wholeness of the psyche.

References

Jung, C. G. Tipos Psicológicos (OC vol VI), § 796.

Jung, C. G. Aion (OC vol. IX-2), §§ 1-12.

Jung, C. G. A Vida Simbólica (OC vol. XVIII-1). - §§ 18-19.

individuation process – in German, *der Individuationsprozess*. It is the process of forming, developing and specializing the nature of the psychological individual, making him or her unique and differentiated from general and collective psychology. This occurs through the confrontation of the ego with the unconscious, and integration of the latter's contents. Through adaptation, the

subject conforms to social values and practices; through individuation, he or she becomes unique, concretizes the potential that is his or her own and that no one else can accomplish. It is a continuous process, of an individual and unique nature and, therefore, does not reach an objective end that is common to all. In fairy tales and legends, it is often represented by the *hero's journey*.

References

Jung, C.G. Psychological types (CW Vol VI), §§ 757-762.

Jung, C.G. Two essays on analytical psychology (CW VII), §§ 266-270

persona - (*die Persona*) from Latin *persōna* (mask, character). It is a system of relations between individual consciousness and the social environment which consists of partial personalities that are expressed according to each situation. The persona presents a facet of the subject while other aspects of his or her nature remained veiled. It is a means of adaptation for individuals, which enables social roles to be adopted. When the subject identifies with the persona, this may result in the individual suppressing other characteristics.

References

Jung, C.G Two essays on analytical psychology (CW Vol. VII), §§ 243-253; 269 and 305-308.

Jung, C.G The archetypes and the collective unconscious (CW IX-1), § 221

Self – in Jung’s work in German, *Das Selbst*. It is the central archetype of the psyche, which governs the other archetypes and at the same time is the totality of the psyche. The psychic images through which it is expressed correspond to the divinity, to the sacred, to the unknowable, to the supreme being far beyond human, to the Philosopher's Stone, among others. Carlos Byington makes a

distinction between the archetype of wholeness and the central archetype.

References

Jung, C.G. Psychological types (CW Vol VI), § 891.

Jung, C.G. Aion (CW, Vol. IX-2), §§ 43-67.

shadow – in German, *der Schatten*. It is the personal aspects that we consider unfavorable or unacceptable, such as tendencies, personality traits and character that are rejected from consciousness, are part of the personal unconscious, and can become conscious. The shadow consists of personal contents organized around an archetypal core and is inherent to the individual, and as such confers substance, density and depth. Integration of the shadow is a fundamental process for the development of personality. An individual who is dissociated from his shadow will exhibit characteristics of superficiality, unilaterality, falsity, and will have a strong tendency to project the contents of the shadow on the other.

References

Jung, C.G. Aion (CW Vol. IX-2), §§ 13-19.

Jung, C.G. The symbolic life (CW Vol. XVIII-1), §§ 38, 40.

symbol - from the Greek *symbolon* (σύμβολον) "thrown together". In German, *das Symbol*. It is the best possible expression of a reality that cannot be apprehended in any other way. It is situated on the threshold between consciousness and the unconscious and therefore is a partially unconscious expression, which carries psychic energy capable of creating an impression and causing fascination. When the contents of a symbol are revealed and become conscious, the symbol as such dies and comes to have only historical value. A symbol is distinguished from a sign, which has only a known and delimited meaning.

Referências

Jung, C.G. Psychological types (CW vol VI), §§ 814-829.

Jung, C.G. The psychic energy (CW vol VIII-I), §§ 91-95.

unconscious - In German, *das Unbewusste*. It is the field of the psyche formed by any and all psychic contents that do not relate to the ego through consciousness. It was initially determined from the perception of parapraxis, lapses of memories and association tests. The **personal unconscious** (*das persönliche Unbewusste*) contains memories, elements that are incompatible with the ego (complexes), subliminal perceptions and new contents in elaboration, that still do not have sufficient psychic energy to become conscious. The **collective unconscious** (*das kollektive Unbewusste*), common to all individuals, is the deepest layer of the human psyche, formed by archetypes, with the number of such impossible to define.

Referências

Jung, C.G. Two essays on analytical psychology (CW VII), §§ 97-120 and §§ 202-220.

In dialogue

We hope that this space be fertile in exchanges and creativity, with letters, information news and topics of interest. In this issue, we present some of the many congratulations we received for the initiative of *Jungian Dialogues* and we have reported on some events. Feel free to contribute!

Book Launches

With each passing year, Jungian literature increases in volume and quality. 2017 was a prolific year in the appearance of new works by Jungian analysts in Brazil. We had the launch of important works such as (we have translated the titles for better understanding, however, none are available in English):

Pescaria noturna - elaborando criativamente o lado escuro da psique [Night Fishing - creatively elaborating the dark side of the psyche], by Gloria Lofti, Yedda Macdonald and other authors (Appris publishing house);

Livia e Guma ou a história que Jorge conta e eu conto navegando nos mares junguianos [Livia and Guma or the story that Jorge tells and I retell sailing in the Jungian seas], by Ana Suely Vieira (Iglu publishing house);

Os sonhos na terapia junguiana de casal – um modelo de análise [Dreams in Jungian couple therapy - a model of analysis], by Maria Silvia Costa Pessoa (Appris publishing house);

O banquete de psique [The banquet of psyche], by Gustavo Barcellos (Vozes publishing house);

Etapas da família – quando a tela nos espelha [Family stages - when the screen mirrors us], organized by Marfiza Reis (Appris publishing house), with texts by twelve analysts;

Psicopatologia simbólica junguiana [Jungian symbolic psychopathology], by Carlos Byington;

Anima-animus de todos os tempos [Anima-animus of all times], organized by Maria Zelia de Alvarenga (Escuta publishing house);

Criatividade, arte e psicologia junguiana [Creativity, art and Jungian psychology], organized by Durval Luiz de Faria and Liliana Wahba (CRV publishing house);

Os Animais e a psique – volume 2 [Animals and the Psyche - Volume 2], by Denise Ramos and others (Summus publishing house).

This year, two new editions were also published: *Jung, o homem criativo* [Jung, the creative man], by Luiz Paulo Grinberg (2nd edition, FTD publishing house) and *O Intercâmbio das psicoterapias* [The Exchange of Psychotherapies], organized by Roberta Payá (2nd edition, Roca publishing house).

Eranois

The sixth edition of Eranois, a meeting of analysts from the 8th graduating class of the Brazilian Society of Analytical Psychology (SBrPA), took place in Barueri, São Paulo, on August 19, with the theme *Friendship - the multiple faces of the fraternal archetype*. The creative presentations of analysts such as Mário Catelli, Dora Eli, Deusa Robles, Elizabeth Gimaël, Ana Suely Vieira, Durval Luiz de Faria, Laura Villares de Freitas and Carolina Luz took place in an atmosphere of joyful reunion. The event ended with a workshop coordinated by Paula Esteves and Grayce Vilas Boas, entitled *The archetype of the fraternal*. Without any previous arrangement, practically all the presentations had a strong emphasis on topics related to art, music and literature, connected with the central theme of the event, revealing perhaps that one of the facets of the fraternal is the *artistic*. The 7th edition of Eranois will take place in Araraquara-SP on August 24 and 25, 2018, with the theme *Death as an aspect of life*.

Moitará

The 29th edition of *Moitará*, the traditional meeting of analysts of the Brazilian Society of Analytical Psychology (SBrPA), will take place in Campos do Jordão-SP, on November 24 - 26. This year's theme is *Erotism and Sexuality in Brazil - transgressions, transitions and transformations*, and will feature speakers such as Alexandre Saddeh, Álvaro Ancona de Faria, Ana Lia Aufranc, Fernanda D'Umbra, Maria Filomena Gregori, Marisa Santanna Penna, Miriam Chnaiderman, Reinaldo Moraes, Vera Viveiros de Sá, and others. *Moitará* was created in 1978 and brings together analysts, as well as professionals from other areas of knowledge. Previous editions have had topics such as *Amazon, religion, slavery, theater, death and poetry*, among others. More information at www.sbpa.org.br.



Events

2017

Nov 11 Who is my Jung?
Celebrating 40 Years of the Association of Jungian Analysts
The British Library, London, United Kingdom

Nov 24 to 26 XXIX Moitará – Erotismo e sexualidade no Brasil
Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica
Campos do Jordão-SP, Brazil

Dec 1 to 3 Analysis & Activism III
Czech Association for Analytical Psychology
Praga, Czech Republic

Dec 4 Symposium on Jung's Writings
Praga, Czech Republic

november

december

2018

Feb 19 to 24 Winter Intensive Study Program
C G Jung Institute, Zurich, Suíça

July 11 to 14 VIII Congreso Latinoamericano de Psicología Junguiana
Identidade latinoamericana: luzes e sombras
CLAPA – Comité Latinoamericano de Psicología Analítica
Campos do Jordão-SP, Brazil

July 16 to 19 XXXII Boitatá - Alimentos do Corpo e da Alma
São José dos Campos-SP - Brazil

february

july

Aug 02 to 05 **IAAP/IJAS Conference - Indeterminate States: trans-cultural; trans-racial; trans-gender**
Goethe University, Frankfurt, Germany

Aug 24 to 25 **VII Eranois**
Conexões Junguianas
Araraquara-SP, Brazil

Aug 30 to Sept 2 **IV European Congress of Analytical Psychology**
Bridging the Familiar and the Unfamiliar in the Europe of Today:
Cultural, Clinical, and Theoretical Perspectives
Palais des Papes, Avignon, France

Instructions to authors

Jungian Dialogues is a six monthly publication by *Jungian Connections*, which publishes papers on analytical psychology, that consider its theoretical-philosophical aspects, as well as clinical, applied or a combination of other areas of knowledge. Articles will be published after being selected, in the format described below. They must be original and cannot be submitted to other publications simultaneously. They must be submitted in English, Portuguese or Spanish. Authors of articles in Portuguese or Spanish if subsequently accepted for publication, must provide its translation into English when requested by the editors. For further details, please examine a copy of the current edition.

Type	Characters (with space)
Original Article - the result of research, symbolic amplification, description or analysis of themes. The methodology and results, if any, must be substantiated scientifically.	15,000 to 35,000
Essay - presentation of ideas, thoughts, criticisms on a topic. It may be partial, and the author's own views can be presented. It can be more critical and subjective, but must include a theoretical basis.	15,000 to 35,000
Review articles - critical and thorough review of a relevant theme, that is original and innovative.	15,000 to 35,000
Case study - presentation, analysis and discussion of clinical cases of interest. The anonymity of the patient shall be guaranteed and the author must provide written authorization from the patient to publish the case.	15,000 to 25,000
Reviews - appreciation, comments and observations, from the perspective of analytical psychology, on literary work (poetry, fiction, technique) or artistic work (including films, plays, exhibitions, works of art).	3,000 to 8,000
Communication - brief account or information related to clinical activities, theory, history or activities or relevant contemporary events.	1,000 to 5,000
Letters to the Editor - comments, suggestions, opinions on any contents published or on the editorial policy.	up to 5,000

Format

Text in Microsoft Word, font Times New Roman 12, spacing 1.5, standard margins, indented paragraphs.

Title: Font - Times New Roman 14, maximum of 40 characters, including spaces. Subtitles, if applicable, in Times New Roman 12, in bold, maximum of 30 characters.

Abstract: up to 200 words, with 5-8 key words separated by comma.

Information about the author: name, profession, affiliation (if any), titles, activities, city and country of origin and email address for contact. Maximum of 90 words.

Quotations: in double quotation marks, followed by the author's name and the year of publication stated in brackets. Do not use italics: "The shadow can be projected on the other if it is not well integrated" (Silva, 2004, p.32).

Quotations of more than three lines should be indented 4cm from the left margin, without quotation marks, font size 10 or 11.

Direct quotes (exact copy of the text) should include the page number (Silva, 2004, p.32). In the case of the complete works of C. G. Jung, the paragraph should be stated (Jung, 1998, § 456).

Indirect quotes (paraphrase, mention, reformed text): name and year only. (Silva, 2004).

Highlights in the text, titles of references, words in a foreign language: in italics. Also in italics the terms *anima* and *animus*. Self, with capital S, not italics.

Abbreviations: in full when they are first used.

References: Do not include footnotes, endnotes only, if necessary.

Photos and illustrations – if applicable, in JPG or TIFF format, with a minimum resolution of 300 dpi. Those with existing copyrights must be accompanied by permission to use in writing from the owner. Images used from the public domain must include this information.

Graphs - if applicable, and should include keys.

Instructions to authors

References

Only include the references used in the body of the text, in alphabetic order, by author, see examples detailed below:

Article*	Carvalho, R. Synchronicity, the infinite unexpressed, dissociation and the interpersonal. <i>Journal of Analytical Psychology</i> . 2014; 59:366-384.
Book	Jung. C.G. <i>Memories, Dreams, Reflections</i> . New York: Vintage Books, 1989.
Chapter from a book	Pankseep, J, Trevarthen, P. The Neuroscience of emotion in music. In: <i>Communicative Musicality: Exploring the basis of human companionship</i> , Malloch, S, Trevarthen, C. editors. Oxford: Oxford University Press, 2009.
Theses and dissertations:	Kasai, A. <i>Images of pain, images of pain relief: Multimodal expressive arts therapy and pain management</i> . Ann Arbor: California Institute of Integral Studies, 2008.
DVD, Blu-ray	Wilhelm, B. <i>Wisdom of changes – Richard Wilhelm and the I Ching Filmkinotext / Schwarz Weiss Filmverleih / Triluna Film</i> . Switzerland, 2011. 1 DVD, 87min. Boorman, J. <i>Excalibur</i> . Warner Bros. England/USA, 1981. 1 DVD, 140min.
Internet	Brontë, E. <i>Wuthering Heights</i> . Available at http://literature.org/authors/bronte-emily/wuthering-heights/ Accessed on April 10, 2016. Center for Disease Control and Prevention (CDC). <i>Burden of mental illness</i> . Available at http://www.cdc.gov/mentalhealth/basics/burden.htm Accessed on Oct 4, 2013.
Music	Sinatra, Frank. <i>Come Fly with me</i> . In: <i>Classic Sinatra</i> , Capitol, 2000 1.CD Track 16.
Music from the internet	Stevens, Cat. <i>Morning has broken</i> . Available at http://www.lyrics.com/morning-has-broken-lyrics-cat-stevens.html Accessed on April 10, 2016.

*include the names of all of the authors, up to a maximum of six.

Correspondence

The papers should be sent to the email address dialogosjung@gmail.com. The text should not include any information enabling the author to be identified, other than that in "information about the author". Images and illustrations, if any, should be included in the text and should also be sent in separate files, in the minimum resolution required for publication. The papers will not be returned to the author.

Assessment and selection

The manuscripts presented will be submitted to a peer review based on a double-blind system. The assessment criteria are originality, creativity, theoretical or clinical interest and scientific validity, and relevance and suitability for publication. Ethical and professional aspects will also be taken into consideration. The reasons for non-acceptance will not be informed. Acceptance will be communicated within 40 days, when the review process with the author will begin. Once this process has been concluded, the author must formally authorize, in accordance with the terms of the journal and by email the publication of his or her paper, without which, publication will not proceed.

DIÁLOGOS
JUNGUIANOS
Jungian Dialogues



**CONEXÕES
JUNGUIANAS**
JUNGLIAN CONNECTIONS

ISSN 2448-2765



9 772448 276002